



GRACIANA VALLADARES DE SOUZA

MINHA PROFESSORA TEM O CABELO IGUAL AO MEU

Rio de Janeiro

2023

GRACIANA VALLADARES DE SOUZA

MINHA PROFESSORA TEM O CABELO IGUAL AO MEU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas.

Orientadora: Ana Lucia Martins Soares (Ana Achcar)

Rio de Janeiro

2023

GRACIANA VALLADARES DE SOUZA

MINHA PROFESSORA TEM O CABELO IGUAL AO MEU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Artes Cênicas na Universidade  
Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
como parte dos requisitos necessários à obtenção do  
grau de Mestre em Artes Cênicas.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lucia Martins Soares ( Ana Achcar) - UNIRIO

Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Henriques Coutinho ( UNIRIO)

---

Prof. Dr. Denise Espírito Santo da Silva ( UERJ)

Dedico este trabalho de dissertação primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, a meu pai Carlos Roberto de Souza, a minha mãe Maria das Graças Valladares de Souza e a minha irmã Viviane Valladares.

## Agradecimentos

Inicialmente, gostaria de agradecer a Deus e a minha família e amigos. Especialmente, a meus pais, Carlos Roberto de Souza e Maria das Graças Valladares de Souza, que sempre me apoiaram com tudo que eu precisava durante a minha vida. A minha querida irmã Viviane Valladares, por me ouvir em momentos difíceis, além de contribuir para a escrita desta dissertação.

Agradeço aos participantes do Projeto Teatro na Zona Norte, que serviram de base para a pesquisa. Este projeto tem me ensinado muito, tanto como educadora quanto como pessoa.

Aos professores da UNIRIO, e especialmente a minha orientadora Ana Achcar, que, com muita paciência e dedicação, ensinaram-me não somente o conteúdo programado, mas também o sentido da amizade e do respeito.

À Tatiana Henrique, que contribuiu com o embasamento teórico e força para prosseguir.

Aos queridos mestres que fizeram parte da banca de qualificação, Isaac Bernat e Elza Andrade, grandes pesquisadores e conhecedores da pedagogia do teatro. Contribuíram com questionamentos pertinentes e novas referências relevantes para a bibliografia.

À querida Marina Henriques, que sempre foi inspiradora como educadora orientadora do Trabalho de conclusão de curso da graduação em licenciatura em teatro, e contribuiu para o desenvolvimento desta dissertação.

À educadora Denise Espírito Santo, por ter aceitado fazer parte desta banca de defesa. Fiquei muito feliz em saber que fará parte deste momento tão importante da minha trajetória acadêmica.

Ao querido Coletivo Panela Teatral, que me fez olhar para nossa própria história com orgulho e ânsia em pesquisar ainda mais sobre nossos antepassados.

## Resumo

Este estudo explora a pedagogia afrocentrada no ensino teatral, com foco no Projeto Teatro na Zona Norte. Partindo da definição histórica e geográfica da Zona Norte do Rio de Janeiro, baseada em autores como Azoilda Loretto e Bell Hooks, destaca também a história do Teatro Negro no Brasil, enfatizando a representatividade negra e Abdias do Nascimento. Propõe uma metodologia afrocentrada inspirada no Teatro Experimental do Negro. Analisa um estudo de caso para compreender como o ensino de teatro pode promover consciência crítica e transformar narrativas. A pesquisa contribui para o campo acadêmico e o ensino teatral, ressaltando a importância de abordagens pedagógicas afrocentradas, enriquecendo o aprendizado e empoderando os participantes de maneira inclusiva.

Palavras-chave: Teatro Zona Norte. Teatro Experimental do Negro. Afrocentrismo. Pedagogia do Teatro.

## Resumen

Este estudio explora la pedagogía afrocentrada en la enseñanza del teatro, centrándose en Proyecto Teatro na Zona Norte. Partiendo de la definición histórica y geográfica de la Zona Norte de Río de Janeiro, a partir de autores como Azoilda Loretto y Bell Hooks, también destaca la historia del Teatro Negro en Brasil, enfatizando la representatividad negra y Abdias do Nascimento. Propone una metodología afrocentrada inspirada en Teatro Experimental do Negro. Analiza un estudio de caso para comprender cómo la enseñanza del teatro puede promover la conciencia crítica y transformar las narrativas. La investigación contribuye al campo académico y la enseñanza del teatro, destacando la importancia de los enfoques pedagógicos afrocentrados, enriqueciendo el aprendizaje y empoderando a los participantes de forma inclusiva.

Palabras clave: Teatro Zona Norte. Teatro Experimental do Negro. Afrocentrismo. Pedagogía do Teatr

## SUMÁRIO

|                                                                                  |            |
|----------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Introdução</b>                                                                | <b>10</b>  |
| <b>Capítulo 1 – Zona Norte - Mais que uma questão geográfica</b>                 | <b>23</b>  |
| 1.1 - Territórios: Espaços de Representação e Representatividade?                | 31         |
| 1.2 - Cavalcanti e o Teatro na Zona Norte (geograficamente)                      | 36         |
| 1.3 - Afrocentricidade: um pluralismo de cultura                                 | 40         |
| 1.4 - A “ <i>Griotte</i> ”, Educadora Aprendiz                                   | 50         |
| <b>Capítulo 2 - Quilombos: Mudança social ou conservadorismo?</b>                | <b>58</b>  |
| 2.1 - Teatro Experimental do Negro (TEN): aos que vieram antes de nós            | 73         |
| 2.2 - Teatro Negro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro           | 81         |
| 2.3 - Espaço Quilombólico                                                        | 98         |
| <b>Capítulo 3 – O Teatro na Zona Norte: ressignificação e tomada consciência</b> | <b>105</b> |
| 3.1 - Histórico do Teatro na Zona Norte                                          | 129        |
| 3.2 - Teatros na Zona Norte e seus cruzamentos                                   | 141        |
| 3.3 - Metodologia da Pesquisa: Eu, o Outro, o Espaço e a Comunidade              | 146        |
| 3.4 – Relato de caso: TZN na minha vida                                          | 149        |

|                             |            |
|-----------------------------|------------|
| <b>Considerações Finais</b> | <b>153</b> |
| Bibliografia                | 155        |
| Anexos                      | 162        |

## Introdução

*Minha presença incomoda.*  
*Seu olhar atravessado já me diz tudo.*  
*Querem dizer qual é o meu lugar, pois eu digo:*  
*Meu lugar é onde eu desejo estar.*  
*Querem contar a minha história: pois eu conto,*  
*A protagonista da minha história sou eu.*  
*Descendente de Reis e Rainhas, a minha coroa ninguém tira.*  
(Graciana Valladares. Trecho do espetáculo “*Sob o Sol*”.)

"Há um risco na História única", como afirmado por Chimamanda em seu livro "O perigo de uma única história" e destacado em sua palestra no TED em 2009. Essa afirmação parte do entendimento de que as narrativas estão sujeitas a influências, dependendo de quem as conta e em que contexto são compartilhadas. Essas informações têm um papel crucial na maneira como as histórias são moldadas e como são consideradas como as versões definitivas.

O poder reside não apenas na capacidade de contar a história de outra pessoa, mas também na capacidade de torná-la a história definitiva. Isso destaca a importância de questionar as narrativas dominantes e ampliar as perspectivas. Quando uma única história é dominante e única, há o perigo de reforçar estereótipos, criar desequilíbrios de poder e limitar a compreensão completa da humanidade em sua diversidade.

Portanto, é essencial reconhecer a existência de múltiplas histórias e perspectivas, e estar atento aos diferentes contextos culturais, sociais e individuais que moldam essas narrativas. Somente através da valorização e inclusão de uma variedade de histórias podemos alcançar uma compreensão mais ampla e justa do mundo, promovendo a empatia, a igualdade e a coexistência harmoniosa entre as pessoas.

A narrativa histórica é um poderoso meio de transmitir conhecimento e dar voz aos diferentes atores envolvidos nos eventos passados. Como contadora de histórias com protagonismo preto, compreendo profundamente o poder transformador da narrativa. No entanto, há uma armadilha que permeia nosso passado histórico, especialmente quando analisado sob a perspectiva do colonizador. Essa armadilha se

manifesta na tendência de se ter apenas uma única história, um único ponto de vista sobre os fatos a serem conhecidos e compreendidos. Muitas vezes, essa história é contada por aqueles que não são os verdadeiros donos da narrativa, marginalizando e silenciando os verdadeiros protagonistas da história.

Ao limitar-se a uma única perspectiva, perde-se a riqueza e a complexidade das experiências vividas por diferentes grupos e comunidades. Um olhar unidimensional frequentemente resulta na perpetuação de estereótipos e na reprodução de desigualdades históricas.

Nesta dissertação, buscarei explorar essa problemática e investigar o papel da narrativa na construção da história. Pretendo evidenciar a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas vozes e perspectivas que contribuem para uma compreensão mais abrangente e autêntica do passado.

Ao dar voz aos verdadeiros donos da história, desafiamos a narrativa dominante e promovemos a inclusão e o empoderamento das comunidades marginalizadas. Através do resgate e da valorização das histórias com protagonismo preto, almejo romper com a visão estereotipada e unidimensional que tem sido perpetuada ao longo do tempo.

Esta pesquisa é uma oportunidade para repensar as formas de contar e ensinar a história, reconhecendo a importância de múltiplas narrativas e perspectivas. Pretendo destacar o poder da contação de histórias com protagonismo preto na desconstrução de estigmas e na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao final desta dissertação, espero que os leitores sejam instigados a refletir sobre a importância de valorizar e respeitar as diferentes histórias que compõem nossa herança cultural. Acredito que, ao reconhecermos a diversidade de vozes e experiências, podemos construir uma narrativa histórica mais representativa e fiel à complexa sociedade em que vivemos.

Nossa subjetividade é transformada e moldada pela memória coletiva - neste caso, influenciada pelo pensamento hegemônico colonizador (KILOMBA, p.35). Entendo que é necessário sermos autores e autoridade da nossa própria narrativa. Cada um é o reflexo de todos. A memória é o continente. O corpo é o documento, o registro das vivências da qual se narra.

As histórias contadas por outros, que não são aqueles que vivenciaram a realidade narrada, apresentam uma lacuna significativa em sua construção. É essencial ouvir e valorizar as vozes daqueles que realmente viveram e experimentaram determinadas realidades. Infelizmente, muitas vezes essas vivências são colocadas de

lado, ignoradas e apagadas dos livros oficiais, da escrita de autores consagrados e das referências bibliográficas acadêmicas.

Nomes como João Cândido e Carolina Maria de Jesus, entre outros, são frequentemente esquecidos ou pouco explorados no âmbito escolar. Suas histórias, assim como as do TEN (Teatro Experimental do Negro), são importantes para compreendermos a diversidade de experiências e perspectivas que moldaram nossa sociedade. No entanto, é lamentável que essas contribuições sejam, muitas vezes, negligenciadas ou desconhecidas.

Ao resgatar e apresentar essas histórias nos contextos educacionais, estamos promovendo uma ampliação do repertório cultural e uma maior representatividade, permitindo que os estudantes tenham acesso a narrativas mais abrangentes e autênticas. É necessário que os atores envolvidos na educação, incluindo educadores e pesquisadores, se empenhem em ampliar o conhecimento sobre essas figuras históricas e compartilhem suas contribuições de maneira significativa.

Por meio da inclusão dessas vozes silenciadas, podemos enriquecer a compreensão da história e proporcionar uma visão mais completa e inclusiva do passado. Além disso, ao valorizar e explorar as contribuições do TEN e de outros movimentos culturais, estamos reconhecendo a importância da arte e da expressão como formas de resistência e empoderamento.

Portanto, é fundamental que essas histórias sejam difundidas e apresentadas nos espaços educacionais, incentivando a curiosidade, o respeito e a valorização das diversas narrativas que compõem a história coletiva. Ao fazê-lo, estamos contribuindo para uma educação mais justa, inclusiva e consciente, na qual todos os estudantes tenham a oportunidade de conhecer e de se conectar com a diversidade cultural e social do nosso país.

Numa palestra realizada no TED em 2009, a renomada escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie levanta um importante alerta sobre os perigos de "uma única história". Ela chama atenção para o fato de que as histórias são frequentemente contadas pelos indivíduos que detêm mais poder, resultando na perpetuação de estereótipos prejudiciais. Adichie questiona a forma como os africanos são retratados na literatura americana e europeia, ressaltando que tais representações contribuíram para a construção de uma visão simplista e limitada sobre a África e suas pessoas.

A autora destaca que o poder desempenha um papel fundamental na relação entre narrador e história, influenciando a forma como os relatos são apresentados, quem os narra, quando e quantas histórias são compartilhadas. Ela enfatiza que o poder vai além da simples capacidade de contar a história de outra pessoa, pois permite que o narrador imponha essa história como a narrativa definitiva daquela pessoa.

Essa reflexão de Adichie ressalta a importância de questionarmos e diversificarmos as vozes que são ouvidas e amplamente divulgadas na sociedade. Devemos buscar uma multiplicidade de perspectivas, especialmente aquelas que foram historicamente marginalizadas ou silenciadas. Somente ao reconhecer a influência do poder na narrativa podemos trabalhar para desconstruir estereótipos e oferecer uma visão mais abrangente, autêntica e justa sobre diferentes culturas e comunidades.

Ao abraçarmos a diversidade de histórias e promovermos a representatividade, estamos contribuindo para uma sociedade mais inclusiva, em que as narrativas são compartilhadas de maneira equitativa e todos têm a oportunidade de se expressar e de serem ouvidos. Através dessa conscientização, podemos desafiar a visão limitada de uma única história e construir um mundo mais enriquecedor e respeitoso, baseado na valorização da pluralidade e na busca pela verdadeira compreensão do outro.

Como mulher negra, compartilho da mesma percepção de Chimamanda sobre a importância de sermos protagonistas de nossas próprias histórias. Ao longo do tempo, tenho testemunhado como somos frequentemente direcionadas por aqueles que detêm o poder social, econômico e histórico. Essa noção de poder, que possui uma força física ou moral para influenciar e validar determinados assuntos e ações, tem sido uma presença constante em nossas vidas.

É como se o poder tivesse uma cor, e essa cor é o branco. Por muito tempo, o poder parecia ser algo que não nos pertencia, algo que ficava mais confortável nas mãos daqueles que não são negros. Ao observar ao meu redor, tenho buscado entender esse padrão que parece seguir um perfil específico. Mesmo que a maioria da população brasileira seja negra, é a minoria branca que detém o poder e dita as regras. Isso acaba nos colocando em uma posição de "outro", em que somos constantemente pressionados a seguir um padrão imposto, nos tornando como "eles", mesmo que para isso tenhamos que negar nossa própria essência.

Essa visão distorcida do "outro" surge porque existe alguém que se considera o padrão, e aqueles que não se enquadram nesse padrão são forçados a se associar e a se encaixar nele, mesmo que isso signifique abandonar suas características físicas,

como alisar o cabelo ou fazer cirurgias plásticas no nariz. Essas imposições nos levam a negar nossa própria identidade, quem somos e o que nos torna únicos.

No entanto, é fundamental questionar esse paradigma e rejeitar os padrões impostos. Devemos celebrar nossa essência, nossos cabelos crespos, nossos traços marcantes, nossa cultura e história. Precisamos redefinir o conceito de poder, construindo uma sociedade em que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas, onde a diversidade seja celebrada e as diferentes experiências sejam reconhecidas como igualmente válidas.

Ao nos empoderarmos e assumirmos o controle de nossas narrativas, podemos desafiar as estruturas opressivas e construir um mundo mais inclusivo, onde cada indivíduo possa ser autêntico e orgulhoso de sua identidade. É um processo de libertação que envolve reconhecer e afirmar nossa negritude, nossa história e nossa contribuição para a sociedade. E é por meio dessa resistência e reafirmação que podemos moldar um futuro mais justo, equitativo e verdadeiramente representativo para todas as pessoas negras.

Como mulher negra e periférica, meu lugar seria nos trabalhos domésticos, como empregada ou babá, zelando pela limpeza e arrumação da casa ou cuidando das crianças, assumindo na maioria das vezes uma posição subalterna e servil. Desta forma, conscientizando-me do meu próprio papel enquanto artista negra da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e desejando atuar de modo a fazer uma determinada ação que transforma o meio, trago para a consciência a questão da importância da representatividade negra no ensino para o desenvolvimento infanto-juvenil através do teatro, entendendo que ela é que faz uma pessoa se identificar com outra.

Quando eu era criança, essa representatividade não existia. Posso contar nos dedos o número de professoras negras que tive ao longo de toda a minha vida acadêmica. Isso levanta questionamentos sobre o motivo dessa ausência, especialmente considerando que somos a maioria da população, de acordo com os dados do IBGE<sup>1</sup>.

Essa falta reflete as desigualdades estruturais e históricas que limitaram o acesso das pessoas negras a posições de poder e influência. No passado, fomos excluídos de

---

<sup>1</sup> De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

espaços de decisão e oportunidades de liderança, o que afetou diretamente nossa capacidade de nos sentirmos representados nas esferas política, educacional e social.

No entanto, é crucial questionar e desafiar essas estruturas. A representatividade desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Quando nos vemos representados por pessoas que compartilham nossas vivências e experiências, sentimos que nossas vozes são ouvidas e nossas demandas são levadas em consideração.

Portanto, é necessário trabalhar para ampliar a representação em todas as esferas da sociedade. Isso implica na implementação de políticas e programas que incentivem e promovam a participação das pessoas negras em cargos de poder e tomada de decisões. Além disso, é fundamental valorizar e reconhecer as contribuições únicas que as pessoas negras trazem para o cenário político e social.

Ao fortalecer a representatividade, podemos quebrar estereótipos e preconceitos que nos limitam, construindo um futuro em que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Esse é um processo contínuo que requer o engajamento de todos os setores da sociedade, mas é essencial para alcançar a verdadeira igualdade e justiça social.

Silvio Almeida, em seu livro “Racismo estrutural”, define o termo racismo como *“...uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.”* (ALMEIDA, 2019, p.32). O encontro com minha ascendência foi um momento significativo em minha história pessoal. Esse momento despertou em mim uma consciência mais clara em relação ao racismo. Como pude passar tanto tempo sem me conhecer verdadeiramente? Percebi que meu cabelo é muito mais do que um simples penteado ou uma questão estética. Trata-se do reconhecimento de minha própria presença nos espaços que frequento.

Comecei a perceber e questionar a ausência de pessoas como eu. Onde estavam os negros? Ao observar atentamente, percebi que continuavam ocupando os mesmos lugares de sempre, subalternizados, em posições de subserviência. Isso me levou a questionar: por que isso acontece? Por que somos tratados de forma diferente mesmo sendo iguais aos outros? Quem determina o valor da minha roupa? Por que não me reconhecem enquanto educadora? Será que não posso trabalhar aqui?

Essas observações chamaram minha atenção e despertaram em mim o desejo de ocupar novos lugares. Queria entender o que estava acontecendo. Cheguei até mesmo a questionar: a escravidão não acabou? Por que parece que ainda existe uma forma moderna de subordinação, na qual os papéis geralmente se repetem? Essas indagações persistem com força em minha mente.

Assim, decidi me aprofundar na busca da minha ancestralidade. Foi no teatro que encontrei minhas raízes, durante o processo de criação do espetáculo "Salina, a última vértebra", da Cia AMOK Teatro<sup>2</sup>. Todos os integrantes eram negros e a narrativa remetia a uma África ancestral. Desde 2014 até os dias atuais, tenho me dedicado à pesquisa desse tema. Crio espetáculos, escrevo artigos, desenvolvo jogos e conto histórias, buscando compartilhar e valorizar a riqueza da minha cultura e identidade.

Levei uma vida inteira para me reconhecer verdadeiramente como uma mulher negra. É difícil afirmar minha identidade em uma sociedade que tem como alvo a juventude negra. Para sermos aceitas, muitas vezes nos submetemos a processos de embranquecimento, alisando o cabelo e nos transformando em algo desconhecido. Por 28 anos, não conhecia a verdadeira natureza dos meus cabelos crespos. Não que eu não soubesse que nasci negra, mas desde criança ouvia comentários como: "Ela é mais clarinha!" ou "Parece com a pele da sua avó. Negra? Não, moreninha." Cresci ouvindo minha tia dizer: "Vai tirar foto? Mas me põe clarinha! Seu cabelo é bom!".

Foi em 2014 que as mudanças efetivamente começaram, durante a montagem de

---

<sup>2</sup> Fundado em 1998 e dirigido por Ana Teixeira e Stephane Brodt, o Amok Teatro se caracteriza por uma busca formal rigorosa e por uma intensidade que se manifesta no corpo do ator como sendo o lugar em que o teatro acontece. Cada projeto do grupo abre novos caminhos para a pesquisa cênica e para o treinamento do ator, a partir do diálogo com diferentes tradições e culturas. Os espetáculos do Amok tratam de questões fundamentais de nossa época, sem perder de vista a busca de uma cena cerimonial. *Salina (A Última Vértebra)*, de Laurent Gaudé, propõe um mergulho numa África ancestral para contar uma história universal e atemporal, sobre o ódio e o perdão. Composta por elementos vindos de diferentes civilizações, da tragédia grega à epopeia africana, o espetáculo conta a saga de Salina, uma jovem casada à força e violada por seu marido, filho do Rei dos Djimbas. Acusada de deixar o esposo morrer num campo de batalha, ela é banida da cidade e exilada no deserto, onde alimenta o desejo de vingança. Da sua ira nasce um filho que trava uma guerra contra os Djimbas, até que uma reviravolta surpreendente acontece no destino de Salina. O espetáculo foi concebido a partir de um projeto que envolveu diversas etapas: formação de atores, pesquisa e intercâmbios. A criação buscou inspiração em diferentes culturas africanas e afro-brasileiras, em particular, o Congado e o Candomblé. *Salina (A Última Vértebra)* é o resultado de um longo processo de imersão que ultrapassou o âmbito da estética e gerou espaços de deslocamentos, trocas e reflexões. *Salina (A Última Vértebra)* estreou em 2015 e recebeu os Prêmios Shell de melhor figurino (Ana Teixeira e Stephane Brodt), Prêmio Shell Inovação (Ana Teixeira), Prêmio APTR de melhor atriz coadjuvante (Graciana Valladares), Prêmio Questão de Crítica pela coreografia e preparação corporal (Tatiana Tibúrcio), Prêmio Válvula de Escape/Olhares da Cena (POA) de melhor espetáculo, direção, figurino (Ana Teixeira e Stephane Brodt), dramaturgia (Laurent Gaudé) e ator coadjuvante (Cridemar Aquino), além das indicações aos Prêmios Cesgranrio (melhor espetáculo, direção e figurino), Prêmio Shell (direção, atriz), Prêmio Questão de Crítica (figurino), Prêmio Cenym (melhor atriz, companhia de teatro e figurino) e Prêmio APTR (direção e figurino). O espetáculo realizou turnês na China (Pequim, Yangzhou, Nanquim, Xangai, Hangzhou, Wuhan e Jiashan) com grande sucesso de crítica e público. Fundado em 1998 e dirigido por Ana Teixeira e Stephane Brodt, o Amok Teatro se caracteriza por uma busca formal rigorosa e por uma intensidade que se manifesta no corpo do ator como sendo o lugar em que o teatro acontece. Cada projeto do grupo abre novos caminhos para a pesquisa cênica e para o treinamento do ator, a partir do diálogo com diferentes tradições e culturas. Os espetáculos do Amok tratam de questões fundamentais de nossa época, sem perderem de vista a busca de uma cena cerimonial.

"Salina". Um ano marcado por muitas mudanças em minha vida. Além de fazer parte do elenco numa peça de teatro, estava concluindo meus estudos na escola Martins Pena, ingressando no curso de Licenciatura em Teatro na UNIRIO e com vários questionamentos e ideias novas.

Sempre desejei que meus cabelos ficassem cheios, volumosos. Percebi que aos 28 anos eu não sabia como eu realmente era. Desde os cinco anos de idade, minha mãe tratava do meu cabelo com produtos químicos, como "henê", permanente e relaxamento. Lembro-me de ter queimado minha orelha com o pente quente para alisar completamente os fios. Meus cachinhos só eram visíveis em fotos de quando eu era muito pequena, antes dos cinco anos. Sempre imaginei como seria meu cabelo sem todos esses tratamentos.

Num ato de reconhecimento de minha negritude e ancestralidade, debrucei-me sobre o tema: assisti a filmes, busquei referências, li sobre o assunto, participei de discussões e conheci pessoas que já possuíam essa compreensão de si mesmas e da importância de se expressarem em um espetáculo teatral. Ouvi e senti muitas coisas, vivenciei situações que deixaram marcas e transformaram a maneira como eu enxergava o mundo. Foi nesse momento que a Graciana, que até então nunca havia percebido o racismo, começou a despertar para uma nova consciência.

Até aquele momento, tudo parecia tão natural para mim. Era como se eu tivesse vivido com uma venda nos olhos. É estranho, não é? Mas a estrutura da nossa sociedade opera dessa maneira. Conforme explicado por Boaventura de Souza Santos, vivemos em uma sociedade baseada na interligação entre o capitalismo, o colonialismo (racismo, colonialismo interno, etc.) e o patriarcado (sexismo, violência sexual, etc.) (SANTOS, 2018, p. 201). Superar as situações de opressão que vivenciei desde a infância não seria uma tarefa fácil.

A montagem de "Salina" e minhas experiências na universidade representaram um processo que poderia ser descrito como "tomada de consciência", como afirmado por Paulo Freire. Segundo ele, somente quando os oprimidos se reconhecem como "hospedeiros" do opressor, eles podem contribuir para o nascimento de uma pedagogia libertadora (FREIRE, 1987, p. 32).

É por isso que assumir meu cabelo pode parecer um gesto pequeno, mas, para mim e para a maioria das mulheres negras, é um ato político de libertação. É uma forma de resistir e afirmar minha identidade em uma sociedade que tentou me fazer acreditar que minha beleza natural era inadequada. Ao abraçar meu cabelo como ele é, estou

desafiando os padrões impostos e reafirmando minha autonomia sobre minha aparência e minha identidade. É uma forma de reivindicar meu espaço e contribuir para a luta por igualdade e valorização da diversidade.

Decidi deixar meu cabelo natural logo no início do processo de ensaios. Resolvi não mais usar química. Entendo que minha mãe alisava meus cabelos desde criança para me proteger, porque ela acreditava que seguir um padrão era necessário para evitar qualquer forma de discriminação. Meu cabelo estava sempre preso, arrumado, penteado e limpo. Mal as raízes começavam a crescer e já era hora de aplicar a química novamente. Agora, olhando para o passado, percebo que minhas raízes estavam sendo escondidas e silenciadas.

A transição capilar foi um processo difícil. Os fios naturais crescem junto com o cabelo tratado, o que resulta em uma mistura embaraçada e difícil de pentear, até chegar ao ponto em que não há outra solução além de cortar. Nunca gostei de cortar o meu cabelo. Era um sacrifício cortar as pontas! Mas não conseguia mais lidar com tantos nós. Nós nos cabelos, nós na garganta.

Meu grito de liberdade aconteceu no dia 15 de janeiro de 2015. E adivinha quem cortou meu cabelo? Meus pais. Assim que decidi cortar, minha mãe logo disse que ficaria feio: "por que cortar? Não! Deixa assim!". Mas meu pai foi firme: "o cabelo é dela. Se ela quer cortar, então que corte." No dia seguinte, acordei cedo e minha mãe havia mudado de ideia: "se você quer cortar, me dá a tesoura que eu corto", disse ela.

Na varanda, colocamos uma cadeira ao ar livre, com a luz do sol e um céu bem azul. Meu pai apareceu para ajudar: "eu seguro e mostro onde começa o cachinho, e você corta", disse ele para minha mãe. E assim foi. Sem espelho. Eu vi os fios caindo no chão. A cada corte, sentia-me mais livre. Foi uma sensação incrível de liberdade que esse dia me trouxe. Dentro de mim, crescia o reconhecimento de ser negra. O cabelo é uma história. É resistência. É quando uma criança chega e diz com orgulho que sua professora, eu, tem o cabelo igual ao dela.

Mais tarde, a transição capilar seria o tema do texto "Fios", que recebeu indicações de Melhor Texto e Melhor Atriz para mim e Marcella Gobatti no ano de 2019 em Macaé. Nesse texto, a personagem principal dialoga com sua mãe e com um coro para afirmar sua identidade:

Coro - NEGRA!

Filha - Eu sou negra?

Coro - Sim, NEGRA! (Filha acorda)

Filha - SOU!

Mãe - Filha? O que houve?

Filha - Hoje vou ser eu mesma. Vou me encontrar, cortar o cabelo e tirar toda a parte que não é minha. Deixar minha raiz, minha raiz negra. Na verdade, tudo isso é mais que cabelo. É história! Menina, eu vim aqui dizer como me sinto. E apesar de notar as diferenças entre nós, não vou admitir que me subjuguem. A minha cor é o tesouro herdado pelas minhas ancestrais. Eu sou preta! Os meus são pretos! E sinto-me envergonhada de ter que enterrar meus pais e irmãos sabendo que isso será um alívio pra vocês. Saibam, que a cada morte promovida por vocês farei com que pereçam. A minha dor não será mais palanque pra vocês<sup>3</sup>.

A cena curta "Fios" é uma representação artística poderosa que traz à tona as experiências e reflexões em torno da transição capilar e do reconhecimento da própria negritude. Nessa cena, a personagem central dialoga com sua mãe e com um coro, expressando sua jornada pessoal de assumir sua identidade negra.

Em meio às palavras trocadas, gestos e emoções, a cena aborda a importância do cabelo como símbolo de resistência e empoderamento. É um momento de afirmação, em que a personagem reivindica o direito de contar sua própria história e lutar pelos seus direitos, marcando sua presença na sociedade. "Fios" é um exemplo de como o cabelo pode ser uma fonte de inspiração e uma ferramenta para expressar a identidade negra. Ela nos lembra que assumir-se negra vai além de questões estéticas: é um ato de reconhecimento, valorização e reafirmação da cultura e história afrodescendente. Ao trazer à tona essa cena, fica evidente que assumir-se negra é um processo multifacetado e complexo, que envolve questões pessoais, sociais e políticas. É uma busca por

---

<sup>3</sup> Trecho da cena "Fios".

liberdade, autenticidade e justiça, que nos leva a questionar e desafiar os padrões impostos pela sociedade. O texto é um testemunho artístico que nos convida a refletir sobre a importância de abraçar nossa negritude, valorizar nossa ancestralidade e lutar por uma sociedade mais igualitária, onde todas as pessoas negras possam ser vistas, ouvidas e respeitadas em sua plenitude.

Sofremos ataques racistas todos os dias. Basta sair de casa. Ao chegar nos lugares - como já foi dito -, não é necessário dizer nada. A minha pele, os meus traços e o meu cabelo já dizem muito aos olhos dos outros. Apenas o ato de entrar, mesmo em uma agência bancária, gera incômodo em quem está comandando o lugar, pois sei que mesmo não tendo nada que me impeça nos bolsos, a porta giratória vai parar quando eu passar. Entrar no restaurante ou em uma praça de alimentação do shopping pode gerar muito constrangimento. Um dia, estava em uma praça quando uma senhora queria sentar onde estava com minha família. Pedi para aguardar, mas esta senhora insistiu em ficar. Chegou a comprar o que desejava comer e colocar na mesa em que ainda estava com minha família, falando que estava demorando. Avisei que ainda não ia sair e que tinha outras mesas. O rapaz da mesa do lado, vendo o que acontecia, ofereceu a mesa a ela. A mesma não exitou em dizer: “tinha que ser preta!”. Ao ouvir, pedi para repetir e disse que essa fala era racista. “Racista, eu? Minha nora é até negra!”. Ela foi piorando a situação e fiquei constrangida, pois era uma comemoração de dia das mães e estava ali a minha referência sendo insultada desta forma. Falei e não retirei. Pedi para cuidar do que estava dizendo. E que meu lugar era onde quisesse. Não ia dizer que teria que sair, pois, para estes, uma pessoa preta não deveria estar ali. Ou melhor, poderia estar, mas em outra posição. A senhora era “não negra”.

Olhares indagam: "o que está fazendo aqui?". Outros afirmam: "este aqui não é o seu lugar.", "tinha que ser preto!". Essas são ofensas que machucam profundamente. Entrar numa escola para apresentar uma peça e sentir que uma criança sente nojo de mim é doloroso. Essa criança ainda está em formação! Se hoje ela age assim, o que fará no futuro? Não podemos culpar as crianças, pois essa visão é parte de um processo de construção de uma sociedade racista. Uma sociedade que se baseia na supremacia branca para definir o lugar dos negros. Ela diz que há lugares para brancos e lugares para negros. Em seguida, afirma que todos são iguais. Iguais? A igualdade só é invocada quando convém ao discurso, porque na prática é muito diferente. Mas como mudar tudo isso? Talvez a melhor maneira seja começar por nós, nós mesmos contando as nossas próprias histórias. Como disse a Chimamanda:

*“Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida .”*

(NGOZI, 2019, p.22)

Já fomos calados. Narrativas silenciadas que agora emergem. Por isso, a valorização e a importância de ser uma educadora negra e trazer para a reflexão a importância de educadores sendo referência para o educando. Buscando uma metodologia que seja afrocentrada, tentando resgatar para mim o mesmo protagonismo de minha própria história. A afrocentricidade, de acordo com Renato Nogueira, é uma forma de pensamento, prática e perspectiva que reconhece os africanos como sujeitos de uma pedagogia decolonial. Essa abordagem valoriza a centralidade da cultura africana, história e conhecimento, buscando romper com a hegemonia eurocêntrica e o racismo estrutural que permeiam as sociedades. A afrocentricidade busca fortalecer a autoestima, a identidade e a consciência racial dos povos africanos e afrodescendentes, reivindicando sua história, tradições e contribuições para a humanidade. É uma forma de resistência e empoderamento, buscando a construção de sociedades mais justas e igualitárias. A decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber portanto, visibilizando as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. A Lei 10.639, de 2003, afirma que “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.”, mas infelizmente, mesmo datando de 2003, dificilmente percebe-se esta prática, principalmente no âmbito do ensino de teatro.

A base da minha proposta de estudos e pesquisa, situada à linha de pesquisa dos Processos Formativos e Educacionais (PFE), dialoga com o desenvolvimento de uma metodologia baseada em projetos que apresentam como fonte as referências afrocentradas. Para tal, trago o Projeto Teatro na Zona Norte, desenvolvido em Cavalcanti, bairro periférico localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, como objeto principal de investigação. A maioria das crianças e adolescentes do projeto é de descendência negra. E desta forma, trazer referência, potências, história e ancestralidade. Prática laboratorial como lugar privilegiado de análise nas suas relações

com os saberes, processos e práticas da Educação em contextos formais e informais de ensino.

Meu interesse está focado na elaboração e experimentação de uma metodologia prática para uma pedagogia de projetos, que sirva como ferramenta para o desenvolvimento artístico e contribua para o crescimento pessoal de cada criança e adolescente do Projeto Teatro na Zona Norte. Dessa forma, busco na arte e na educação uma forma de transgredir como prática da liberdade para os estudantes das comunidades da Zona Norte.

Enfatizo a importância de ter educadoras negras no ensino de Artes Cênicas, desenvolvendo uma pedagogia afrocentrada que traga para a prática referências e potências negras, visando o reconhecimento e valorização de cada indivíduo como protagonista de sua própria história, além de promover a compreensão de si mesmo, do outro, do espaço e da comunidade em que estão inseridos.

Seguindo os objetivos desta dissertação, o primeiro capítulo abordará a definição geográfica e histórica da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, utilizando as contribuições de Azoilda, bell hooks e Assante como embasamento teórico.

No segundo capítulo, será explorada a história do Teatro Negro no Brasil, bem como a representatividade negra no teatro em uma perspectiva histórica, utilizando o pesquisador e ativista Abdias do Nascimento como fonte de referência. O Espaço de "escuta" do TEN (Teatro Experimental do Negro) servirá de inspiração para o Teatro na Zona Norte, representando um lugar que imprime um quilombo arte educativo.

No terceiro capítulo, apresenta-se a base de pesquisa do Teatro na Zona Norte, com a proposta de uma metodologia afrocentrada, expondo um recorte de estudo de caso da experiência das crianças e adolescentes envolvidos. Bell Hooks e Paulo Freire são referências que se aproximam desse momento de escrita e reflexão, com terminologias que contribuem para o desenvolvimento da prática pedagógica.

Como trabalhar a arte e o teatro de maneira afrocentrada? Qual é a importância das referências para o desenvolvimento crítico e reflexivo das crianças e adolescentes? Como criar uma metodologia de ensino de teatro que promova a consciência e a transformação das narrativas?

## Capítulo 1 – Zona Norte – Mais que uma questão geográfica

*São fotografias de uma gente simples que vi crescer neste chão árido e escuro da senzala moderna chamada periferia(...). A beleza fica por conta de quem vê, não tive tempo para amenidades, a poesia só registrou a verdade.*  
(Sérgio Vaz)

Poesia em meio ao caos da zona periférica de Quinindé, em São Paulo, Carolina Maria de Jesus se orgulhava de sua origem favelada. Registrava no papel a dura realidade em que vivia. Entre a fome e a escrita, ela se fortalecia e se fazia presente em seu tempo. Como mulher negra, reivindicava e denunciava a negligência enfrentada na favela. Foi uma voz corajosa e poderosa que desafiou as adversidades e deu visibilidade às injustiças vividas pelas comunidades marginalizadas. Suas palavras eram um grito de resistência e um apelo por justiça social. Ela trouxe à luz a precária realidade, muitas vezes invisibilizada, das favelas, mostrando que ali também havia vida, sonhos e esperança.

Em sua escrita, Carolina Maria de Jesus retratou a fome, a pobreza e as condições de vida, mas também mostrou a força e a resiliência dos moradores das favelas. Ela quebrou estereótipos e desafiou o sistema que marginalizava e ignorava sua comunidade. Seu legado é um lembrete poderoso de que a escrita pode ser uma arma de transformação e uma forma de reivindicação de direitos. Carolina Maria de Jesus deixou um marco na história da literatura brasileira e inspirou muitos outros a lutar por justiça e igualdade. Que sua coragem e sua voz continuem ecoando, incentivando-nos a enfrentar as desigualdades e a buscar um mundo mais justo para todos.

*“Minha mãe dizia:*

*- Se você cresce assim, preocupada com os problemas do país, poderá perder a cabeça, igual Tiradentes.*

*- Ora mamãe, os meninos que já sabem ler me falaram que na nossa bandeira está escrito Ordem e Progresso. É para lembrar aos brasileiros que o país tem que estar sempre em ordem.”*

(Jesus, Carolina Maria. *Diário de Bitita*. 2007. p. 121)

A ordem mencionada se refere à condição de estar à margem da sociedade, que é

uma realidade enfrentada por muitas comunidades, incluindo as favelas retratadas por Carolina Maria de Jesus e aquelas presentes no Rio de Janeiro. Quando falamos sobre favelas, é importante lembrar que elas têm suas raízes nos primórdios da história do nosso país, especialmente na cidade do Rio de Janeiro durante o período em que era a capital federal. Após o fim da escravidão, muitos negros enfrentaram a crise habitacional e não tinham para onde ir, o que levou muitos deles a se estabelecerem nos morros.

O Morro da Providência, situado no bairro da Gamboa, na Zona Central da cidade, é conhecido por abrigar uma das favelas mais antigas do Brasil. Seu povoamento teve início efetivo na década de 1890, quando moradores foram despejados de um cortiço e soldados que retornaram da Guerra de Canudos se estabeleceram lá, batizando o acidente geográfico de “Morro da Favela”, fazendo referência a um morro de mesmo nome que existia em Canudos e que era recoberto por um arbusto rasteiro da espécie *cnidoscolus quercifolius*, popularmente conhecido como favela. Desde meados do século XIX, a designação atual da região é "Morro da Providência", constando nas plantas da cidade do Rio de Janeiro.

Essa mudança do nome do local reflete a transformação e a história das favelas no Brasil. Inicialmente, o termo "favela" era usado para descrever um arbusto, mas posteriormente passou a ser associado a assentamentos informais, frequentemente caracterizados pela falta de infraestrutura básica e condições precárias de moradia. A alteração de nomenclatura também revela como as favelas têm sido objeto de estigmas e preconceitos ao longo do tempo.

Compreender a origem dos nomes e da própria noção de favela nos ajuda a refletir sobre a estigmatização histórica dessas comunidades e a importância de promover uma abordagem mais inclusiva e sensível em relação às questões urbanas e habitacionais. Sim, é importante reconhecer a história e as lutas das comunidades que habitam as favelas. Só assim podemos desenvolver uma visão mais abrangente e sensível sobre a importância de buscar soluções para as questões de habitação e desigualdade social.

A origem do Morro da Providência, no Rio de Janeiro, está ligada a uma promessa não cumprida pelo governo aos soldados que retornaram da Guerra de Canudos em 1897. Segundo pesquisas do IBGE, o governo havia prometido entregar residências aos soldados caso saíssem vitoriosos da guerra. No entanto, ao voltarem ao Rio de Janeiro, eles perceberam que essa promessa não seria cumprida. A falta de

moradia digna e a ausência de políticas públicas adequadas levaram os soldados a ocupar uma área do Morro da Providência em busca de abrigo, dando origem à favela.

É correto afirmar que a associação do nome "favela" com o Morro da Providência levou à popularização do termo "Morro da Favela". A ocupação da região ocorreu no final do século XIX e início do século XX, durante a grande reforma urbana promovida pelo engenheiro Pereira Passos.

Conhecida como "Bota-Abaixo", essa reforma urbana teve como objetivo modernizar a cidade do Rio de Janeiro, seguindo padrões europeus. Como parte desse processo, muitos cortiços e habitações populares no Centro da cidade foram demolidos, e a população pobre que vivia nessas áreas foi transferida para os morros próximos ao Centro. É importante ressaltar que tal reforma urbana gerou impactos significativos nas comunidades pobres, resultando em deslocamentos forçados, perda de laços comunitários e agravamento das desigualdades sociais. Essa política de remoção e concentração de populações marginalizadas em áreas periféricas contribuiu para a segregação espacial e a ocupação dos morros, incluindo o Morro da Providência, por parte da população de baixa renda.

Portanto, é fundamental entender o contexto histórico em que ocorreu a ocupação do Morro da Providência e o surgimento das favelas: resultado de uma combinação de fatores socioeconômicos, políticos e históricos. Assim, é possível compreender as raízes dos problemas enfrentados por essas comunidades e buscar soluções que promovam a inclusão social e o acesso a serviços básicos de água, educação, saneamento e saúde, além de garantir programas de urbanização e regularização fundiária, que promovam a segurança jurídica dos moradores de favela.

Essas ações devem ser pautadas no respeito aos direitos humanos e na participação efetiva das comunidades, reconhecendo sua história, cultura e conhecimento como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A ocupação do Morro da Providência e a formação das favelas estão intrinsecamente ligadas a eventos históricos e políticas urbanas que ocorreram no Rio de Janeiro. Uma referência teórica importante para entender esse contexto é o livro "Sobrados e Mucambos" do sociólogo Gilberto Freyre.

Em "Sobrados e Mucambos", Freyre analisa a formação das favelas no Rio de Janeiro e como a população de baixa renda foi empurrada para os morros e periferias da cidade devido às políticas urbanas e à falta de acesso a moradias adequadas. Freyre

descreve como a reforma urbana imposta por Pereira Passos resultou na demolição de cortiços e habitações populares no centro da cidade, forçando a população pobre a procurar novos locais para viver, incluindo os morros próximos.

Além disso, o livro "Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo" de Teresa Pires do Rio Caldeira também é relevante para compreender a ocupação do Morro da Providência e outros morros. Caldeira discute como as favelas são espaços de sociabilidade e resistência, onde os moradores constroem redes de solidariedade e enfrentam a marginalização. Ela destaca a importância de entender as dimensões sociais, políticas e culturais envolvidas na formação e vida nas favelas.

Portanto, ao analisar a formação das favelas e a ocupação do Morro da Providência, é relevante considerar as contribuições teóricas de Gilberto Freyre em "Sobrados e Mucambos" e de Teresa Pires do Rio Caldeira em "Cidade de Muros". Esses livros oferecem uma base sólida para compreender as complexidades históricas, urbanísticas e sociais envolvidas nesse processo, e ajudam a ampliar a compreensão das lutas e desafios enfrentados pelas comunidades que habitam as favelas.

*“O morro não tem vez  
(...)Mas olhem bem vocês  
Quando derem vez ao morro  
Toda a cidade vai cantar<sup>4</sup>”  
(Tom Jobim, 1963)*

É verdade que a designação "favela" tem passado por um processo de ressignificação ao longo do tempo. Por muito tempo, o termo era usado de forma pejorativa e carregava estigmas sociais associados à pobreza, ao caos e à criminalidade. Essa visão negativa das favelas refletia estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade.

No entanto, nos últimos anos, tem havido esforços para mudar essa percepção e revalorizar as comunidades populares. Muitos moradores e ativistas têm se apropriado do termo "favela" de maneira positiva, buscando destacar a riqueza cultural, a resiliência e a força dessas comunidades. Eles têm promovido a ideia de que ser oriundo de uma favela é motivo de orgulho e identidade, rompendo com os estigmas negativos associados ao termo.

---

<sup>4</sup> <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49053/>

Essa ressignificação busca incluir as favelas no vocabulário e na representação da cidade de forma mais justa e equilibrada. Reconhece-se que as favelas são espaços de vida e sociabilidade, onde pessoas enfrentam desafios diários, mas também constroem redes de solidariedade, manifestações culturais e empreendimentos comunitários. A transformação da percepção sobre as favelas é um processo complexo, que envolve mudanças de mentalidade e superação de estereótipos arraigados. É importante quebrar as narrativas simplistas e negativas, reconhecendo a diversidade e a complexidade das favelas, bem como as lutas e as conquistas dos seus moradores.

Ao adotar uma visão mais aberta e inclusiva, é possível promover a valorização das favelas como parte integrante da cidade, buscando soluções que garantam melhores condições de vida, oportunidades e igualdade social para todos os cidadãos, independentemente do local onde vivem.

De fato, uma perspectiva geográfica da Zona Norte pode nos levar a refletir sobre conceitos fundamentais da disciplina, como espaço, território, lugar, localidade e comunidade. A geografia busca compreender as relações entre esses elementos e as transformações que ocorrem no espaço ao longo do tempo, resultado das ações e interações dos grupos humanos.

O espaço geográfico refere-se à dimensão física e material da superfície terrestre, compreendendo os elementos naturais e as intervenções humanas. É nesse espaço que ocorrem as diversas interações sociais, econômicas, culturais e políticas que moldam a paisagem e configuram o território.

O território, por sua vez, refere-se a uma porção delimitada do espaço geográfico que é apropriada, organizada e controlada por um grupo social ou uma instituição. É uma construção social que envolve relações de poder, soberania e identidade. Na Zona Norte, podemos identificar diferentes territórios definidos por características específicas, como áreas residenciais, comerciais, industriais, entre outras.

O lugar é uma dimensão subjetiva do espaço, carregada de significados e representações para as pessoas. Refere-se à forma como os indivíduos percebem e se relacionam com determinados locais, atribuindo-lhes valores emocionais, culturais e simbólicos. Os lugares na Zona Norte podem ser percebidos e experimentados de diferentes maneiras por seus moradores, criando uma identidade e um senso de pertencimento.

A localidade diz respeito à localização específica de um lugar no espaço geográfico. É o lugar situado em uma determinada região ou área geográfica. A Zona

Norte, como uma localidade específica dentro do contexto da cidade, possui características particulares que a distinguem de outras regiões.

Por fim, a comunidade é um conceito que se refere a um grupo de pessoas que compartilham interesses, valores, objetivos ou características em comum e que interagem entre si. Na Zona Norte, existem diversas comunidades que se formam em torno de laços sociais, históricos, culturais ou de vizinhança. Essas comunidades são espaços de convivência e solidariedade, onde se estabelecem redes sociais e se constroem relações de apoio mútuo. Portanto, ao analisar a Zona Norte sob uma perspectiva geográfica, é possível compreender as interações entre espaço, território, lugar, localidade e comunidade, reconhecendo a complexidade e a dinâmica desses conceitos e as transformações que ocorrem nessa troca constante entre grupos humanos e o ambiente em que vivem.

A educação de uma criança é uma responsabilidade que vai além dos limites da família e envolve toda uma comunidade, como expressa um provérbio africano. Nessa perspectiva, a importância da espacialidade e das relações humanas se entrelaçam. Mesmo em uma povoação de pequenas proporções, o impacto na construção do sujeito é de imensa relevância.

Mais do que um aspecto geográfico, a educação é uma construção coletiva que contribui para o desenvolvimento das subjetividades. É uma jornada moldada por muitas mãos, olhares e pensamentos presentes no entorno da criança, formando a sua comunidade. São essas interações que ampliam as reflexões sobre a vida em coletivo e promovem uma visão mais abrangente e enriquecedora do mundo.

Em uma comunidade unida, todos têm um papel na educação das crianças. Os pais, professores, vizinhos, líderes comunitários e demais membros desempenham um papel crucial ao transmitir conhecimentos, valores e tradições. São essas contribuições que ajudam a moldar a identidade, a ética e a forma como a criança enxerga a si mesma e ao mundo ao seu redor.

Essa abordagem da educação como uma tarefa coletiva enfatiza a importância da solidariedade, do respeito mútuo e da colaboração. Ao compartilhar experiências, histórias e saberes, a comunidade oferece um ambiente propício para o crescimento e o desenvolvimento saudável das crianças. Essa troca constante de conhecimentos e valores cria uma rede de apoio e fortalece os laços comunitários.

Portanto, a educação de uma criança vai além das paredes da sala de aula ou dos limites familiares. É um processo que ocorre em um contexto mais amplo, envolvendo a

interação e a participação de toda a comunidade. Essa visão valoriza a importância das relações humanas, da partilha de experiências e do senso de pertencimento, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes, solidários e engajados na construção de uma sociedade mais justa e colaborativa. Muniz Sodré, em seu livro "Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes" (2020), traz reflexões pertinentes sobre alguns conceitos relacionados ao espaço. Segundo o autor, o lugar pode ser compreendido como aquilo que determina a possibilidade interna de algo, sendo um espaço ocupado por um corpo ou objeto específico. Essa definição ressalta a importância da ocupação e da presença de elementos concretos no espaço.

Por outro lado, o território é entendido por Sodré como um espaço afetado pela presença humana. Aqui, o autor aborda uma perspectiva topológica, destacando a articulação do lugar e a teoria das forças que atuam nesse contexto. Essas forças, representadas por linhas de tensão e atração, são elementos invisíveis que moldam e configuram a cidade.

Essa abordagem vai além da simples concepção física e material do espaço, pois considera também os aspectos simbólicos, sociais e culturais que permeiam a sua construção. Sodré chama a atenção para a importância de compreender as relações e interações entre os diferentes elementos presentes no espaço, reconhecendo que eles exercem influência mútua e se entrelaçam na formação da paisagem urbana.

Dessa forma, a teoria das forças e das linhas de tensão proposta por Sodré amplia a compreensão do espaço, permitindo uma análise mais profunda das dinâmicas que o permeiam. Ao considerar tanto a dimensão visível quanto a invisível do espaço, somos levados a refletir sobre como essas relações espaciais afetam as experiências e as vivências das pessoas que habitam e transitam pela cidade.

Nesse sentido, a obra de Muniz Sodré contribui para uma reflexão crítica sobre a construção do espaço e sua relação com a educação, a diversidade, a descolonização e as redes. Ao entender o espaço como um campo complexo e dinâmico, somos desafiados a repensar nossas práticas educativas e a considerar como a interação entre os sujeitos e o ambiente influencia na formação das identidades e no desenvolvimento das relações sociais.

Conforme Pierre Bourdieu em seu livro "Razões Práticas: Sobre a teoria da ação" (1997), a compreensão do conceito de lugar envolve uma análise que relaciona o espaço físico e o espaço social. Para o autor, o lugar refere-se ao espaço físico em que se existe, uma dimensão tangível e concreta que ocupa uma posição no mundo.

No entanto, Bourdieu destaca que o lugar vai além de sua manifestação física. Ele também está relacionado ao espaço social, que engloba conceitos, ideias e significados atribuídos a um determinado espaço físico. Esse espaço social é construído e moldado pelas práticas e relações sociais que ocorrem nesse ambiente específico.

Dessa forma, a compreensão do lugar requer uma análise que considere tanto a materialidade do espaço físico quanto às relações sociais que o permeiam. Bourdieu enfatiza a importância de compreender como os elementos simbólicos, as hierarquias sociais, as práticas culturais e os sistemas de significados influenciam na construção e interpretação do lugar.

Essa abordagem nos convida a refletir sobre como as representações sociais e os processos de identificação se relacionam com o espaço físico, influenciando as experiências e percepções das pessoas. O lugar é, portanto, um fenômeno complexo que vai além de sua dimensão material, sendo construído socialmente e carregado de significados e relações simbólicas.

Ao considerar a interseção entre o espaço físico e o espaço social, Bourdieu oferece uma perspectiva enriquecedora para compreender a complexidade do lugar e sua influência nas práticas e interações humanas. Essa análise amplia nossa compreensão sobre como as estruturas sociais e culturais se refletem e se reproduzem no espaço, destacando a importância de considerar tanto as dimensões materiais quanto simbólicas na análise do lugar.

## 1.1 – Territórios: Espaços de Representação e Representatividade?

*Não há saber mais ou menos: há saberes diferentes.*  
(Paulo Freire, 1968)

A representatividade é relevante por inspirar outras pessoas negras a ocuparem posições de poder e reivindicarem seus espaços, tanto no mercado de trabalho quanto em outros locais e situações. É necessário ocupar essas posições e ter a representação. No entanto, a representatividade efetiva vai além do que se vê superficialmente. Está totalmente relacionada ao sentimento de pertencimento, ao poder de expressar opiniões e transitar entre diferentes esferas estruturais. É construir o que convém e sentir-se confortável nesse ambiente.

"Como metáfora, imagine ser convidado para uma festa, estar presente no espaço físico, mas sem interagir com ninguém. Apenas ocupando o espaço, sem se divertir. Você pode até ser confundido com um servo ou ouvir perguntas como "você foi convidado?". Essa situação representa a presença de uma pessoa negra nesse ambiente festivo. Ela está ocupando o espaço, mas não se sente realmente pertencente ao ambiente e ao grupo de pessoas que também estão presentes. No entanto, o simples fato de estar lá já é importante. Por muito tempo, pensava-se dessa maneira: precisamos ocupar espaços. No entanto, considero fundamental que essa ocupação seja acompanhada de um senso real de pertencimento.

Continuando com a metáfora, estar em uma festa com pertencimento ativo significa ser levado para a pista de dança, ser convidado para dançar e, no final, sentir-se à vontade para tirar os sapatos com os novos amigos que o acolheram. Luiza Brasil (2022) afirma que a representatividade importa e o pertencimento humaniza."

Ter um senso de pertencimento em relação ao território por onde uma pessoa transita fortalece-a e contribui para o desenvolvimento de sua subjetividade. Ao conhecer e compreender a história do local onde vivemos, passamos a enxergar nosso território como um contribuinte essencial na construção da história desse lugar. Eu nasci e cresci no bairro de Cavalcanti, e possuo um forte vínculo com o meu território-casa. Não se trata apenas de ser uma moradora, mas sim de representar efetivamente a minha comunidade. Esse sentimento de pertencimento genuíno vai além de simplesmente ocupar um espaço. Envolve estar ativamente engajada na vida do bairro, contribuindo

para o seu desenvolvimento e crescimento. Conhecer a história e as raízes do lugar onde vivo me permite enxergar a minha participação como uma peça fundamental na construção da história local. É uma oportunidade de deixar minha marca e fazer a diferença na comunidade que tanto amo. A representatividade efetiva é essencial para criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde todos se sintam valorizados e pertencentes. Ser parte ativa dessa representatividade me permite fortalecer os laços com meus vizinhos e colaborar para um futuro melhor para o bairro de Cavalcanti. Seguirei valorizando e cultivando essa relação de pertencimento, pois sei que é a base para uma comunidade unida e próspera.

A Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro é conhecida por abrigar predominantemente pessoas de baixa renda, muitas das quais negras. Essa característica tem raízes em eventos históricos significativos, como o surgimento das comunidades e o fim da escravidão.

Durante o processo de urbanização da cidade, especialmente no final do século XIX e início do século XX, ocorreram grandes transformações socioespaciais. A expansão e a implementação de reformas urbanas, como a reforma promovida pelo engenheiro Pereira Passos, resultaram na destruição de cortiços e habitações populares no centro da cidade. Essas populações pobres foram deslocadas para áreas periféricas, incluindo a Zona Norte.

Além disso, a abolição da escravidão em 1888 levou à migração de muitos negros libertos para as áreas urbanas em busca de trabalho e moradia. A falta de políticas efetivas de inclusão social e a persistência de estruturas discriminatórias contribuíram para a concentração dessas populações marginalizadas na Zona Norte.

A herança histórica desses eventos, combinada com a falta de acesso a oportunidades e recursos, resultou em uma concentração de pessoas de baixa renda, em grande parte negras, nessa região da cidade. Essa realidade reflete a desigualdade social e racial presente na sociedade brasileira, que influencia fortemente a distribuição espacial das populações e das condições de vida.

É fundamental reconhecer esses contextos históricos e estruturais para compreender as desigualdades sociais e espaciais presentes na Zona Norte do Rio de Janeiro e em outras regiões do país. A busca por soluções que garantam melhores condições de vida, habitação digna e igualdade social para todos os cidadãos deve levar em consideração essa realidade histórica e a necessidade de superar as barreiras estruturais que perpetuam as desigualdades.

A Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro é uma região marcada por uma série de demandas sociais que se estendem por diversas áreas fundamentais, como educação, saúde, segurança e cultura. Ao analisar a questão cultural, torna-se evidente que essa região enfrenta escassez de equipamentos e espaços culturais. Para acessar atividades culturais, os moradores muitas vezes precisam se deslocar até o centro ou a Zona Sul da cidade, enfrentando dificuldades de transporte e os altos custos associados a esses trajetos.

Esse cenário é agravado pela questão da insegurança, que afeta significativamente a vida das comunidades periféricas. A violência e a marginalidade presentes nesses bairros podem gerar conflitos internos e disputas territoriais, resultando em um ambiente onde a livre mobilidade dos moradores é frequentemente comprometida. O deslocamento para outras áreas ou bairros distantes torna-se, muitas vezes, uma tarefa arriscada e impraticável.

Essa realidade, por sua vez, tem sérias consequências para o acesso à arte e à cultura. A ausência de espaços culturais e atividades artísticas próximas afeta negativamente a possibilidade de expressão, fortalecimento da identidade e desenvolvimento do pensamento crítico nas comunidades. A falta de acesso à cultura resulta em privação e empobrece a vida social e emocional dos moradores.

Diante desse cenário, é essencial que haja um olhar atento e políticas públicas efetivas para promover a descentralização cultural. Investimentos em infraestrutura de transporte, segurança e criação de espaços culturais locais são fundamentais para atender às necessidades dessas comunidades. Além disso, é necessário oferecer programas e atividades artísticas relevantes e acessíveis, que dialoguem com as realidades e interesses desses moradores.

Promover a cultura e a arte nas comunidades periféricas da Zona Norte é um caminho para enriquecer a vida das pessoas, ampliar suas oportunidades de crescimento pessoal e fortalecer o tecido social dessas regiões. Ao garantir o acesso à cultura, estaremos construindo uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva, onde todos os cidadãos têm a possibilidade de se expressar, criar e apreciar a riqueza da diversidade cultural que o Rio de Janeiro tem a oferecer.

A Zona Norte é uma região geográfica situada no norte da cidade do Rio de Janeiro. Abrangendo uma vasta área, engloba diversos bairros como Tijuca, Méier, Madureira e Ramos. É delimitada pelas regiões da Zona Sul, Zona Oeste e pela Baía de Guanabara.

No que diz respeito aos conceitos de periferia e centro, a Zona Norte pode ser considerada uma área periférica em relação ao centro comercial e financeiro da cidade, que geralmente se concentra em regiões como o Centro e a Zona Sul. A periferia caracteriza-se por estar afastada do centro, à margem, e, frequentemente, abriga uma população de baixa renda. Assim, alguns bairros da Zona Norte se enquadram nessa descrição, enfrentando desafios socioeconômicos e infraestruturais.

É importante ressaltar, no entanto, que a Zona Norte também possui áreas que não se encaixam estritamente na definição tradicional de periferia. A região é diversa, com bairros que apresentam diferentes níveis de infraestrutura, padrões de renda e qualidade de vida. Além disso, a Zona Norte abriga pontos de referência importantes, como o Estádio do Maracanã, o Complexo do Alemão e o Parque Nacional da Tijuca, além de outras atrações culturais e turísticas.

Portanto, ao considerar a Zona Norte do Rio de Janeiro, é necessário adotar uma visão ampla e contextualizada. Embora alguns bairros possam ser considerados periféricos em relação ao Centro da cidade, é fundamental reconhecer a diversidade de realidades e potencialidades que essa região possui.

No século XVIII, a Zona Norte do Rio de Janeiro era uma importante área agrícola, sendo responsável pelo cultivo de cana-de-açúcar, frutas e hortaliças. O escoamento dos produtos era realizado por vias terrestres e fluviais, como a antiga Estrada Real de Santa Cruz e os rios Pavuna e Meriti, através do extinto Porto de Irajá. A intensa atividade mercantil nessa região deu origem a bairros como Madureira, Pavuna, Irajá, Anchieta e outros, que até hoje compõem a Zona Norte.

No decorrer do século XIX, o subúrbio, em especial a Zona Norte, experimentou um aumento significativo em sua ocupação com a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, a partir de 1858. Posteriormente, foi criada a Estrada de Ferro Leopoldina em 1874, que se estendeu até o Rio de Janeiro em 1886, quando foi fundado o bairro de Ramos, o primeiro de um conjunto de bairros na região da Leopoldina. Mais tarde, no final do século, a linha auxiliar da Estrada de Ferro Rio d'Ouro chegou até a Pavuna. Essa expansão ferroviária impulsionou o desenvolvimento de um complexo industrial, comercial e residencial ao longo das décadas seguintes.

Em 1903, o prefeito Pereira Passos realizou reformas na cidade que tiveram impactos significativos na Zona Norte. Essas reformas buscavam criar uma nova ordem urbana no Centro da cidade, seguindo padrões europeus e impulsionando o mercado imobiliário de luxo na Zona Sul. Como resultado, a classe trabalhadora foi expulsa do

Centro e deslocada para os subúrbios e morros, principalmente para a Zona Norte. Estima-se que, durante o mandato de Pereira Passos, cerca de 14.000 pessoas tenham sido removidas, em um processo conhecido como "bota-fora". Essa estratégia de afastar a população marginalizada do Centro contribuiu para a associação pejorativa do termo "subúrbio" no contexto carioca.

Ao longo do período que compreende o início do século XX até meados do mesmo século, houve um intenso processo de loteamento de terrenos na Zona Norte, impulsionado também pela criação das linhas de bondes elétricos que passavam pelo subúrbio. Isso resultou em um aumento populacional significativo na região.

## 1.2 Cavalcanti e o Teatro na Zona Norte (geograficamente)

Cavalcanti é um bairro situado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro, especificamente na região conhecida como Subúrbio. Reconhecido por sua atmosfera residencial, abriga uma população diversificada e conta com infraestrutura básica que atende às demandas dos moradores.



Bairro de Cavalcanti. 2023. Foto: Graciana Valladares

A localização estratégica de Cavalcanti proporciona fácil acesso a importantes vias de transporte, como a Avenida Dom Hélder Câmara (antiga Avenida Suburbana) e a Linha Amarela, facilitando a mobilidade dos residentes. Além disso, o bairro está próximo de outras áreas tradicionais da Zona Norte, como Méier, Del Castilho e Engenho de Dentro.

Ao longo do tempo, Cavalcanti passou por transformações urbanas e melhorias em sua infraestrutura. Com o crescimento populacional, foram desenvolvidos novos empreendimentos residenciais, incluindo condomínios e edifícios de apartamentos, além de estabelecimentos comerciais que atendem às necessidades da comunidade.

A região também dispõe de áreas verdes e espaços de lazer, como praças e parques, proporcionando oportunidades para os moradores desfrutarem de momentos de convivência e recreação. Além disso, está localizado nas proximidades do Parque Madureira, um dos maiores parques urbanos da cidade, que oferece uma variedade de atividades esportivas, culturais e de lazer.

No aspecto dos serviços públicos, Cavalcanti possui escolas, postos de saúde e outros equipamentos sociais, visando suprir as necessidades da população local. Além disso, existem opções de comércio, como supermercados, farmácias, padarias e restaurantes, proporcionando conveniências para o cotidiano dos moradores.

Culturalmente, o bairro possui uma identidade própria, abrigando eventos e festividades locais que celebram a cultura e a história da região, promovendo a participação e a integração da comunidade.

Cavalcanti é, portanto, um bairro que oferece uma qualidade de vida satisfatória aos seus habitantes, com infraestrutura adequada, acessibilidade, espaços para convívio social e uma identidade cultural singular. É um local que, embora esteja inserido na metrópole, mantém características que refletem o estilo de vida suburbano.

O bairro de Cavalcanti está situado entre os morros do Dendê, da Serrinha e dos Urubus, delimitando sua geografia e proporcionando uma paisagem característica. Sua principal via é a Rua Silva Vale, que recebeu esse nome em homenagem a um antigo engenheiro da Prefeitura, e serve como um eixo central para a circulação dentro do bairro.

Cavalcanti faz divisa com diversos outros bairros da região, como Cascadura, Madureira, Piedade, Quintino, Engenheiro Leal, Vaz Lobo, Vicente de Carvalho e Tomás Coelho, o que contribui para a interação e conexão entre as comunidades vizinhas.

O transporte público na região é atendido por uma estação ferroviária que faz parte do ramal Belford Roxo. Essa estação, pertencente à linha auxiliar, está localizada em Cavalcanti e fica entre as estações Mercadão de Madureira (antiga Magno) e Tomás Coelho. O bairro de Cavalcanti é servido por quatro linhas de ônibus que oferecem conexões com o centro da cidade, Madureira, Méier e Bonsucesso. Essas linhas permitem o deslocamento dos moradores de Cavalcanti para diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro. Além dessas linhas de ônibus, também é possível utilizar o metrô no bairro vizinho de Tomás Coelho, proporcionando mais opções de transporte público para os moradores de Cavalcanti. Essa variedade de opções de transporte facilita

a mobilidade dos residentes do bairro, permitindo que eles se desloquem para seus destinos desejados de forma mais conveniente.

No âmbito religioso, Cavalcanti abriga algumas igrejas e capelas importantes para a comunidade local. A Igreja de São Pedro é um marco histórico do bairro, e a festa em honra a esse padroeiro acontece anualmente no dia 29 de julho, durando mais de uma semana e reunindo moradores e fiéis em celebrações e atividades festivas. Além disso, outras capelas também estão presentes em Cavalcanti, como a Capela Nossa Senhora Aparecida, localizada no bairro Primavera, e a Capela Nossa Senhora da Guia, situada no Parque Silva Vale, representando pontos de referência religiosa e cultural para a comunidade.

Esses aspectos destacam a importância histórica, cultural e religiosa de Cavalcanti como um bairro que abriga uma comunidade diversa, com tradições e celebrações próprias que fortalecem os laços entre os moradores e mantêm vivas as raízes locais. Atualmente, Cavalcanti é predominantemente um bairro residencial, com uma presença limitada de estabelecimentos comerciais. Embora não haja bancos na área, o bairro conta com boas opções de escolas, tanto particulares quanto públicas, garantindo acesso à educação aos moradores.

Apesar de sua relativa escassez de comércio, o bairro possui um contexto rico em talentos, personalidades e manifestações culturais, que fazem parte de sua identidade e enriquecem a experiência de vida dos moradores.

Cavalcanti tem uma conexão com o mundo do samba, sendo o berço da renomada escola de samba Em Cima da Hora. Essa agremiação carnavalesca, com sua história e tradição, contribui para a identidade cultural do bairro e representa um ponto de orgulho para a comunidade local.

Entre as personalidades proeminentes da sociedade carioca que resideram no bairro, destacam-se o ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, o renomado coreógrafo de dança Carlinhos de Jesus e o respeitado treinador de futebol Jair Pereira. Essas figuras ilustres contribuem para a diversidade e a reputação do bairro, deixando sua marca na história e no imaginário coletivo de Cavalcanti.

Cavalcanti apresentou um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,807 no ano 2000, posicionando-o como o 83º melhor entre os bairros da cidade do Rio de Janeiro. Esse indicador reflete o nível de desenvolvimento socioeconômico e qualidade de vida da população local.

O bairro conta com algumas opções de infraestrutura e serviços. No que diz

respeito à prática de atividades físicas, existem duas academias de ginástica disponíveis para os moradores, bem como uma praça equipada com aparelhos de ginástica voltados para idosos e uma quadra poliesportiva para práticas esportivas diversas.

Para atender às necessidades dos moradores, Cavalcanti possui uma feira livre que acontece aos sábados, proporcionando uma variedade de alimentos frescos e produtos locais. Além disso, há a presença de igrejas evangélicas, uma clínica veterinária que oferece atendimento especializado em diferentes áreas, como cardiologia, oftalmologia, ultrassonografia, cirurgia, banho e tosa. O comércio local também é diversificado, com várias lojas de materiais de construção, armário, autopeças, supermercado, farmácia, pet shop e hortifruti.

Essas estruturas e serviços disponíveis contribuem para atender às necessidades básicas e oferecer comodidades aos residentes de Cavalcanti, proporcionando uma certa variedade de opções locais para diversas áreas do cotidiano.

### 1.3 –Afrocentricidade: um pluralismo de culturas

*Afrocentricidade é uma questão de localização, porque os africanos vêm atuando à margem da experiência eurocêntrica.*  
(Assante, 2009. p.9)

Perceber-se que ser ativo e consciente do seu lugar no mundo é um ato de revolução. Para aqueles que foram historicamente marginalizados e subjugados, como os africanos e afrodescendentes, a busca por uma redefinição de identidade e protagonismo é um desafio perturbador.

Nessa jornada de emancipação, surge uma ideia revolucionária: estudar conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos a partir da perspectiva do povo negro como sujeito e não como objeto. Essa abordagem busca romper com a visão eurocêntrica dominante, baseando-se na autêntica interrogação sobre a nossa localização e entendendo como isso molda nossas experiências e visões de mundo.

É necessário reconhecer que o conhecimento não é neutro, mas sim influenciado pelas estruturas de poder e pelas relações sociais. Ao colocar o povo negro no centro da construção do conhecimento, abre-se espaço para a diversidade de vozes e perspectivas que foram silenciadas por tanto tempo. Trata-se de uma abordagem inclusiva que valoriza as experiências e saberes ancestrais, contribuindo para uma visão mais completa e plural do mundo.

Assim como afirma Assante (2003), a ideia revolucionária reside em questionar e desafiar constantemente nossa localização, reconhecendo os privilégios e desigualdades que moldam as relações sociais. Ao ampliar a visão para além dos limites impostos pela estrutura dominante, é possível construir uma sociedade mais justa e equitativa, na qual todos os indivíduos tenham o direito de serem sujeitos ativos na construção de suas próprias narrativas.

Essa transformação exige um compromisso coletivo, uma valorização da diversidade e uma desconstrução dos estereótipos e preconceitos arraigados. Somente assim poderemos alcançar uma sociedade verdadeiramente inclusiva, na qual todos possam se reconhecer como agentes de mudança e contribuir para a construção de um mundo mais igualitário e respeitoso com as diferenças.

Durante muito tempo, fomos privados de nossa história única. No entanto, agora estamos testemunhando um movimento revolucionário que nos permite reconhecer nossa localização no mundo e nos enxergar como seres pensantes e atuantes no meio. Os africanos e afro-diaspóricos estão em constante movimento para romper com o ciclo que nos mantinha em outro lugar, assumindo cada vez mais o papel de protagonistas e sujeitos de ação efetiva.

Esse movimento é impulsionado por uma ideia revolucionária que se baseia no estudo de conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos a partir da perspectiva do povo negro como sujeito, e não como objeto. Essa abordagem, conhecida como afrocentricidade, questiona as narrativas dominantes e eurocêtricas, buscando resgatar a autenticidade de nossa própria história e conhecimento.

A teoria da afrocentricidade foi sistematizada por Assante em 1980, a partir da união de diversos movimentos políticos, artísticos, culturais e intelectuais dos povos de origem africana. Ela propõe uma realocação do nosso lugar na história, valorizando nossas contribuições e resgatando nossa identidade e autoestima. É uma forma de romper com a marginalização e o silenciamento que por tanto tempo nos afetaram.

Ao abraçarmos a afrocentricidade, estamos reafirmando nosso poder e reconhecendo a importância de nossa perspectiva única. Essa abordagem crítica nos permite questionar as estruturas de poder que nos oprimem e reinterpretar os eventos históricos sob uma nova luz. Estamos reescrevendo nossa própria narrativa, celebrando nossa diversidade e promovendo a igualdade.

Esse movimento revolucionário também nos encoraja a reconhecer e valorizar o poder transformador da palavra. Através dela, podemos contar nossas próprias histórias, expressar nossa resistência e redefinir os padrões estabelecidos. A palavra nos permite desafiar estereótipos, combater o racismo e reivindicar nossos direitos. É uma ferramenta poderosa que nos capacita a construir um futuro mais justo e inclusivo para todos.

Assim, ao nos apropriarmos de nossa história e cultura, ao nos posicionar como sujeitos pensantes e atuantes, estamos promovendo uma verdadeira revolução. Estamos rompendo com as limitações impostas e reafirmando nossa existência e relevância no mundo. É um processo desafiador, porém necessário, para alcançarmos a plenitude de nossa humanidade e contribuirmos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A percepção de nossa existência no mundo e a compreensão de nós mesmos como seres pensantes e atuantes são atos revolucionários. Reconhecer o movimento dos africanos e afro-diaspóricos em romper com esse ciclo é perturbador para aqueles que sempre nos enxergaram de outro lugar. A cada dia, tornamo-nos mais protagonistas e sujeitos de ação efetiva, promovendo uma ideia revolucionária ao estudar conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos a partir do ponto de vista do povo negro - sujeito. Baseamos todo o conhecimento em uma autêntica busca pela localização.

Nesse sentido, a teoria da afrocentricidade surge como um movimento que articula as contribuições de diversos movimentos políticos, artísticos, culturais e intelectuais dos povos de origem africana ao redor do mundo. Essa abordagem visa colocar o povo negro no centro de sua própria história, valorizando suas perspectivas, experiências e conhecimentos.

Ao nos enxergarmos como agentes ativos, atores e participantes, fortalecemos nossa identidade e ressignificamos nossa posição no mundo. A partir desse ponto de vista central, somos capazes de reinterpretar eventos históricos, reconstruindo nossa história a partir de uma perspectiva autêntica e emancipatória.

A afrocentricidade nos convida a refletir sobre as relações de poder, espaço e tempo. Reconhecemos que todas as relações são influenciadas por dinâmicas de centro e margem, e ao nos colocarmos no centro, desafiamos as estruturas de poder que nos subjugarão por tanto tempo. Compreendemos que o espaço e o tempo são categorias fundamentais para a compreensão dos fenômenos e das experiências humanas.

Essa abordagem revolucionária nos leva a questionar as narrativas dominantes, a resgatar nossa história e a reafirmar nossa identidade. Ela nos empodera para reivindicar nossa agência e promover mudanças efetivas em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Ao estudar, valorizar e difundir a afrocentricidade, abrimos caminho para a transformação social, política e cultural.

Em suma, ao adotarmos a perspectiva afrocentrista, estamos engajados em uma jornada revolucionária. Reconhecemos nossa existência no mundo, valorizamos nossa história e nos posicionamos como sujeitos ativos e agentes de mudança. Através dessa abordagem, buscamos romper com as estruturas opressivas, promover a valorização da cultura negra e construir um futuro mais inclusivo, equitativo e libertador para todos.

Ao refletirmos sobre a relação entre espaço e cultura, torna-se evidente a necessidade de cuidar da acessibilidade cultural nas áreas periféricas, onde a maioria das pessoas negras reside. É importante reconhecer que os equipamentos culturais nem sempre estão localizados próximos às comunidades periféricas, o que limita o acesso das pessoas a experiências culturais enriquecedoras.

É crucial superar essa disparidade e garantir que a cultura esteja presente em todas as regiões da cidade, independentemente de sua posição geográfica ou composição socioeconômica. Devemos considerar que a periferia não é exclusiva das classes marginalizadas, uma vez que também encontramos favelas em áreas consideradas mais privilegiadas, como Copacabana ou Botafogo.

Para promover uma distribuição mais equitativa dos equipamentos culturais, é necessário investir na descentralização cultural. Isso implica em criar e fortalecer espaços culturais nas áreas periféricas, oferecendo programações diversificadas e acessíveis. Além disso, é fundamental fomentar o desenvolvimento de artistas e grupos culturais locais, valorizando suas expressões artísticas e proporcionando oportunidades de acesso, difusão e formação.

É importante também considerar a participação ativa das comunidades na construção e gestão desses espaços culturais. A escuta e o diálogo com os moradores são fundamentais para entender suas demandas e necessidades específicas, além de fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade local.

Ao expandir a oferta cultural para as periferias e integrar as diversas expressões culturais da cidade, estamos promovendo uma maior inclusão e dando voz às comunidades negras e marginalizadas. Dessa forma, contribuímos para a construção de uma cidade mais justa, onde todos os cidadãos tenham igualdade de acesso e oportunidades para vivenciar, criar e compartilhar suas expressões culturais.

Portanto, é essencial repensar e transformar o atual panorama cultural, garantindo que todos os espaços e comunidades sejam valorizados e contemplados. Somente assim poderemos construir uma cidade que celebre e promova a diversidade cultural, reconhecendo a importância da cultura como um direito fundamental de todos os cidadãos, independentemente de sua localização geográfica ou origem social.

Em relação ao tempo, pode-se perceber que a distância influencia de forma direta. A Zona Norte está em desvantagem, pois os recursos estão, em sua maioria, no Centro e Zona Sul da cidade. Mas, se pensar bem, será que realmente não acontece nada nas periferias? Ou nosso olhar já foi condicionado para o Centro e Zona Sul?

É fato que, historicamente, os recursos, investimentos e atenção das autoridades têm sido concentrados no Centro e na Zona Sul, muitas vezes deixando as periferias em desvantagem.

Essa concentração de recursos e oportunidades nos centros urbanos mais privilegiados contribui para uma visão distorcida e desigual da cidade. A mídia, a cultura dominante e até mesmo as políticas públicas podem reforçar essa ideia de que "nada acontece" ou que as periferias são desprovidas de cultura, desenvolvimento e potencial.

No entanto, essa visão é falha e injusta. As periferias são espaços ricos em cultura, história e vitalidade. Elas abrigam comunidades com identidades únicas, expressões artísticas diversas e um senso de pertencimento que merecem ser valorizados. A criatividade e a resiliência presentes nas periferias geram movimentos culturais, artísticos e sociais significativos que muitas vezes são ignorados pela mídia. Nesse contexto, é fundamental desconstruir esse olhar condicionado ao Centro e à Zona Sul e reconhecer o potencial das periferias como espaços de criação e transformação. Isso requer políticas públicas mais inclusivas, que promovam a descentralização cultural e garantam investimentos em infraestrutura, educação, lazer e acesso à cultura em todas as regiões da cidade.

A teoria da afrocentricidade valoriza o pensamento e o sistema cultural africano como centro histórico, em oposição ao eurocentrismo. Ela reconhece a importância da ancestralidade e busca promover a valorização dos conhecimentos produzidos pelas pessoas africanas, tanto no continente como na diáspora.

É importante ouvir as vozes das comunidades locais e fortalecer as iniciativas culturais e sociais que já existem nas periferias. Ao valorizar e apoiar essas expressões culturais, podemos promover a equidade e a diversidade cultural em nossa cidade.

É responsabilidade de todos nós, como cidadãos e sociedade, questionar essa desigualdade e trabalhar em prol de uma cidade mais justa, onde todas as regiões sejam reconhecidas e beneficiadas pelo desenvolvimento e pelo acesso à cultura. Somente assim poderemos construir uma cidade verdadeiramente inclusiva e que celebre a riqueza e a pluralidade cultural de todos os seus habitantes.

O aspecto pedagógico desse pensamento reside no entendimento, de Assante (2014), de que o caráter dessa consciência coletiva exprime compromissos compartilhados de resistência à opressão racial, colonial e, também, ao destino de sua

humanidade, orientado pelo respeito à ancestralidade e aceitação de sua cultura. Quando se chega a essa consciência, concretiza-se a experiência da afrocentricidade.

Procuramos constantemente descobrir uma perspectiva africana em todas as situações que enfrentamos. Questionamos nossa identidade, nossas realizações e para onde estamos nos dirigindo. Reconhecemos nosso papel fundamental no desenvolvimento da Geografia e buscamos compreender como funcionamos como povo em diferentes contextos contemporâneos. No entanto, é importante destacar que os afrocentristas não buscam estabelecer a particularidade africana como universal. Essa é a principal diferença em relação à predominante eurocentricidade presente nos Estados Unidos, e em outros lugares, que considera as experiências europeias como universais. Essa imposição é etnocêntrica e frequentemente carregada de preconceitos racistas.

Estabelecer uma perspectiva de que é possível a existência de pluralismo de culturas sem hierarquia exige igualdade cultural e respeito. Nossa sociedade é repleta de culturas em permanente interação, ampliando conhecimentos.

Todavia, para o autor Assante (2009), conscientização afrocêntrica não se dá de forma automática, mas gradual, em cinco níveis:

- I) reconhecimento da pele, ou seja, quando o indivíduo reconhece “sua cor”;*
- II) está relacionada ao fato de a pessoa perceber como o meio social define sua negritude por meio de discriminação;*
- III) é a consciência da personalidade, o que não quer dizer, ainda, que o sujeito já esteja afrocentrado;*
- IV) o interesse pelas questões étnico-raciais;*
- V) é o que o autor chama de Consciência Afrocêntrica, quando o indivíduo já atingiu um nível de comprometimento total com a libertação de sua própria mente.*

Reconhecendo-se, não como superior ou inferior, mas percebendo-se como sujeito cujas matrizes culturais históricas foram silenciadas e seguiram resistindo desde antes do século XVI, mesmo com toda forma violenta de suplantação, subalternização e tentativas diversas de apagamento, o povo negro se apropria da construção de sua própria história. Isto implica, portanto, não a negação dos tipos de culturas e crenças diluídos à cultura africana, mas, considerar esta e não aquelas como sendo o radical de sua formação histórica.

Para os decoloniais, é necessário questionar os modelos de dominação que

existem nas relações simbólicas, históricas e coloniais. No entanto, é importante fazê-lo sem reproduzir os mesmos mecanismos de opressão eurocêntrica. Essa perspectiva teórica e paradigmática busca trazer os africanos para o centro da história, permitindo que seu povo na diáspora e no continente se reconheça como protagonista e não como coadjuvante em sua própria história. Isso visa promover uma reconfiguração no campo político e social, possibilitando uma transformação significativa na compreensão e valorização da historicidade africana.

Primeiramente, é preciso dar passagem para o conceito de localização. No sentido afrocêntrico, refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história. Isso implica a necessidade de precisar em que posição uma pessoa está em relação à sua cultura. É indispensável entender e demarcar a maneira como uma pessoa se relaciona com sua ancestralidade, suas referências históricas e culturais, avaliando se ela está em um lugar central ou marginal em relação à sua cultura. Conforme Assante (2016), uma pessoa está deslocada ou descentrada sempre que se posiciona a partir de experiências que não fazem parte de sua própria história, operando centrada nas experiências de outrem.

A ideia é perceber a pluralidade e diversidade cultural. A afrocentricidade questiona as narrativas hegemônicas que localizam povos africanos/afro-diaspóricos como coadjuvantes na história da humanidade, situando-os como periféricos e marginais em relação às conquistas humanas nos mais diversos terrenos.

Estar à margem, como se estivesse fora. Ainda que façam parte da História. O conceito aqui apresentado quer ampliar, não reduzir, quer fazer com que mais protagonistas emergjam e saiam do silêncio, que sejam vistos e contemplados em sua riqueza cultural, como fontes de conhecimento para a ampliação do olhar perante a si e aos outros, o espaço no qual estão inseridos e a comunidade. Perceber que somos múltiplos. Não há somente um jeito de amarrar um tênis ou escrever uma poesia.

“E, pensando em uma educação antirracista, é um caminho que se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é nova, inovadora, desafiadora e capaz de criar metodologias excitantes de aquisição de conhecimento baseadas no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno.” (Assante, 2016, p.12).

Uma busca decolonial é uma construção que visa combater a violência causada pela hegemonia da ciência colonial/moderna, a qual foi legitimada e perpetuada pela colonização europeia, que teve início na América no final do século XV e se estendeu

praticamente a todos os lugares do mundo nos séculos seguintes. Essa luta é uma tentativa de desafiar o domínio do conhecimento eurocêntrico que impôs uma visão única e superior sobre outras culturas e saberes. Busca-se, assim, reconhecer e valorizar outras formas de conhecimento e perspectivas, especialmente aquelas que foram historicamente marginalizadas e silenciadas pelo discurso hegemônico. Essa desconstrução das estruturas coloniais busca promover um diálogo intercultural mais equitativo, respeitando a diversidade de experiências e saberes presentes em diferentes sociedades e regiões do mundo.

É, portanto, uma crítica da dominação que nega o poder da hegemonia cultural. “(...) para demonstrar a ideia de culturas ao lado umas das outras, ao invés da ideia de culturas sendo adotadas por uma ideia particular abrangente.” (Assante, 2016, p.11).

Acredito firmemente na possibilidade de diferentes populações coexistirem na mesma terra, preservando suas tradições fundamentais, desde que essas tradições não violem o espaço e os direitos de outros povos. O respeito mútuo e a compreensão das diversas culturas são essenciais para construir uma convivência harmoniosa e pacífica entre os diferentes grupos étnicos e sociais. Devemos buscar a valorização da diversidade cultural e promover a coexistência pacífica, reconhecendo que cada comunidade possui suas próprias crenças, costumes e identidades, e que todas têm o direito de serem respeitadas e preservadas.

Ao fomentarmos o diálogo intercultural e o respeito às diferenças, podemos construir uma sociedade mais inclusiva e justa, onde cada indivíduo tem o direito de expressar sua identidade cultural sem prejudicar o outro. Consequentemente, uma perspectiva revitalizada sobre a cultura é aquela em que se entende que todas as culturas podem produzir ideias clássicas de música, dança e arte, por exemplo, e todas as culturas humanas devem ser registradas, de fato, pelos sujeitos das narrativas.

Na perspectiva decolonial afrocêntrica, reconhecemos que as crianças têm o direito de conhecer e se conectar com suas raízes ancestrais de forma lúdica e artística. Desenvolver metodologias que resgatem a ancestralidade e a identidade é essencial para fortalecer a autoestima e a valorização da cultura negra e diaspórica. Como educadora, tenho direcionado minha prática para apresentar temáticas com base africana/diaspórica, por meio da contação de histórias que exaltem as potências e afirmações da negritude.

Ao compartilhar contos que retratam reis e rainhas e trazem imagens positivas e lúdicas, estou oferecendo às crianças pretas e periféricas, em particular, referências

diferentes das que elas normalmente encontram em seu ambiente na Zona Norte do Rio de Janeiro. Essa abordagem busca ampliar suas perspectivas, mostrar a diversidade e a riqueza da cultura africana e afrodescendente, e fortalecer sua identidade como sujeitos protagonistas da história.

Ao trabalharmos de forma lúdica e artística, proporcionamos um espaço seguro para as crianças explorarem suas raízes, expressarem sua criatividade e se reconhecerem como parte de uma história ancestral que merece ser valorizada e celebrada. Essa abordagem contribui para a construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e representativa, que valoriza a diversidade cultural e promove o empoderamento das crianças negras e periféricas.

É maravilhoso levar outras crianças negras a criarem um imaginário diversificado e representativo do negro, não apenas com referências africanas, mas também com heróis e figuras importantes da nossa própria pátria. Apresentar histórias de personagens como João Cândido, o Dragão do Mar, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Chiquinha Gonzaga e Marielle Franco é uma forma poderosa de mostrar exemplos inspiradores de resistência, coragem e contribuições significativas para a sociedade brasileira.

Ao compartilharmos essas histórias por meio da contação, estamos ampliando o repertório das crianças, mostrando que existem diferentes trajetórias e conquistas dentro da nossa própria cultura. Esses heróis e heroínas negras se tornam modelos a serem admirados, estimulando o orgulho e a identificação das crianças com suas próprias raízes e potencialidades.

Ao construir esse imaginário diversificado, estamos desafiando estereótipos negativos e promovendo a valorização da história e das contribuições dos negros para a nossa sociedade. É uma forma de empoderar as crianças negras, permitindo que elas se vejam como protagonistas e percebam que também podem fazer a diferença, inspirando-as a seguir seus sonhos e lutar por um mundo mais justo e igualitário.

Essa abordagem contribui para quebrar padrões de representação limitantes e oferece às crianças negras referências positivas e inspiradoras, reforçando sua autoestima e estimulando sua imaginação. É um trabalho fundamental na construção de uma educação antirracista, que valoriza a diversidade e promove a igualdade de oportunidades para todas as crianças, independentemente de sua cor de pele.



Foto: Festival Anima Praça 2019. Parque de Madureira.

Contar e recontar, buscando uma pedagogia da dramaturgia afrocentrada. Narrar o protagonismo preto, seja na temática ou nos personagens, com o objetivo de desenvolver e contribuir para a ampliação cultural do sujeito. Quando criança, eu não fui apresentada a essas personalidades importantes para a própria história do Brasil. Romper com este ciclo, trazendo outras referências, tem sido minha missão enquanto artista e educadora. Quem sabe esses futuros ancestrais se fortaleçam, se tornando protagonistas de sua própria história?

#### 1.4 – A “Griotte”, Educadora Aprendiz

*Há coisas que não podem ser ditas e há coisas que devem ser observadas, para que você mesmo tire sua própria lição.*  
(Sotigui Kouyaté, 2002)

A arte de contar história atravessou o oceano. “Veio no balanço do mar e só quem veio sabe como é”, como bem afirma o canto de capoeira. Essa música simples e de poucas palavras traz muita narrativa e imaginário. Quantos negros não conseguiram atravessar o oceano naqueles navios negreiro e, por ali mesmo, ficaram no fundo do mar! Mortos por doenças causadas pelas condições a que estavam submetidos ou por preferirem se lançar ao mar a serem escravizados. Acredito que cada ser é um mundo inteiro. E se cada pessoa é um mundo, quantos mundos não se acabaram no fundo de um navio? Ao chegar em terra firme, quantas histórias não foram cortadas? Ou ainda, quantos heróis, reis e rainhas não foram esquecidos ou, até hoje, desconhecidos? Maria Felipa, Rainha Nzinga, Dandara ou qualquer outro/a negro/a que praticou grandes feitos e lutou até a morte tentando refazer a seu próprio destino.

Pensar no mundo e no que se conta é de extrema importância. Dependendo de como apresento a história, é possível transformar em uma relação de amor ou repúdio com os personagens. Desde criança, os meus ancestrais negros foram apresentados como aqueles que foram açoitados, que precisavam silenciar e obedecer. Mulheres estupradas, homens negros subalternos e tratados sem nenhum respeito, perdendo toda sua dignidade. Até hoje, nosso imaginário é desenhado para nos odiarmos e nos colocarmos de lado, não gostarmos da nossa história e não querermos ser quem somos de verdade.

Um dia, estava dando aula de teatro em Cavalcanti, quando chegaram alguns meninos negros. Eles chegaram curiosos e querendo saber o que estava acontecendo naquele lugar. Naquele sábado, a aula era aberta para todos da comunidade. Pediram para entrar e foram bem recebidos pelos participantes que estavam ali também. No decorrer do encontro, foi pedido para fazerem uma descrição sobre si mesmos, suas subjetividades, e suas características físicas. Um dos meninos, este com 14 anos, pegou o papel e escreveu que era moreno. Quando vi a resposta, trouxe uma provocação para ele e para os outros adolescentes que estavam perto responderem também: o que é uma pessoa morena? O que é uma pessoa negra? Após o debate, ele afirmou

com a cabeça baixa que era negro. Ele trabalhava no mercado, carregando bolsas dos clientes para receber algumas moedas.

*Tia, sou negro. Mas não queria. Viu o que acontece quando entra no mercado?*  
– afirma adolescente, 14 anos.

Naquela mesma semana, havia saído notícia de que um homem tinha sido espancado no supermercado.<sup>7</sup>



Imagem: <https://www.poder360.com.br/brasil/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-carrefour-em-porto-alegre/>

Naquele momento de reflexão, percebi a urgência de planejar uma estratégia para criar um novo imaginário, rompendo com o ciclo que nos aprisiona em estereótipos negativos e associações prejudiciais da figura negra. Ao longo da história, o colonizador alimentou essa narrativa, colocando-nos em um lugar de marginalidade, criminalidade e morte. É essencial desenvolver reflexões que busquem quebrar esses padrões e construir uma nova perspectiva.

<sup>7</sup> <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>  
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/segurancas-de-supermercado-espancam-homem-negro-ate-a-morte-em-porto-alegre/>

Embora possa parecer utópico, acredito profundamente que cada pessoa é um mundo em si mesmo, e se pudermos transformar o olhar de pelo menos uma pessoa, estaremos promovendo uma mudança no mundo. O rompimento desse ciclo é um desafio imenso, mas é uma tarefa necessária para se alcançar uma nova perspectiva de vida, baseada no respeito, igualdade e valorização da diversidade.

Imaginemos o nascimento de uma criança. Nesse momento, temos a oportunidade de moldar o mundo ao seu redor, oferecendo um ambiente que celebra e enaltece a diversidade, que desconstrói preconceitos e oferece uma visão positiva da figura negra. Ao fornecer referências positivas, histórias inspiradoras e modelos de sucesso, podemos ajudar a construir uma base sólida para a formação da identidade da criança, fortalecendo sua autoestima e encorajando-a a alcançar seu pleno potencial.

Essa tarefa não é simples, requer esforço coletivo e contínuo. É preciso envolver a família, a escola, a comunidade e todas as esferas da sociedade nessa empreitada. É fundamental proporcionar espaços de diálogo, educação antirracista e valorização da cultura afrodescendente desde a mais tenra idade, para que a criança negra se veja representada, respeitada e empoderada em todas as esferas da sociedade.

A transformação do imaginário coletivo é um processo gradual, mas cada pequena mudança de perspectiva contribui para uma sociedade mais inclusiva e justa. Ao desafiar os estereótipos e promover uma visão positiva e plural da negritude, estamos construindo um futuro melhor para as próximas gerações.

Por um longo período, nos encontramos envoltos em nossa própria bolha, limitados por perspectivas estreitas e narrativas restritivas. Essa bolha nos isola do desconhecido, nos mantendo presos a uma visão unilateral do mundo. No entanto, chega um momento em que sentimos a necessidade de romper com essa condição e buscar uma nova perspectiva.

Ao decidirmos sair da nossa bolha, abrimos caminho para uma realidade mais ampla e diversificada. É como abrir uma janela para o mundo, permitindo que novas ideias, experiências e histórias entrem em nossas vidas. Ao nos libertarmos das amarras do pensamento único, nos tornamos receptivos a diferentes culturas, visões de mundo e formas de conhecimento.

O serem contadas, vozes a serem ouvidas e experiências a serem compartilhadas.

Essas histórias diferenciadas trazem consigo uma riqueza cultural e humana que enriquece nossa compreensão do mundo. Ao ouvir essas vozes diversas, somos desafiados a questionar as estruturas de poder existentes e a buscar formas mais

inclusivas e justas de convivência.

Ao romper com a bolha, abrimos espaço para a empatia, o respeito e a valorização da diversidade. Criamos condições para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde todas as pessoas são vistas e ouvidas. É por meio desse processo que podemos transformar não apenas a nós mesmos, mas também o mundo ao nosso redor.

Portanto, ao sair da bolha, estamos abrindo a porta para a autodescoberta, a expansão do conhecimento e o fortalecimento das relações humanas. É uma jornada desafiadora, porém repleta de oportunidades de crescimento e transformação. Ao nos permitirmos experimentar novas perspectivas, estamos contribuindo para a construção de um mundo mais inclusivo, conectado e harmonioso.

Contar histórias é como dar à luz as mesmas, como afirma Celso Sisto (2021). É um nascimento de quem ouve como também de quem narra oralmente. O contador se incendeia com as imagens e as palavras que criam vida diante de todos. É necessário estar por inteiro para que a história viva. Isso porque o contador não é um repetidor de texto ou leitor de um livro.

*‘(...) com discursos embutidos na história, com o afastamento consciente do sujeito para ceder lugar a um outro tempo-espaço, com a maneira generosa de entregar ao público um objeto tão precioso, que exige também entrega do lado oposto, em contrapartida, para que se possa ver a modulação das palavras, da respiração enfática, dos desenhos e linhas do corpo no deslocamento espacial, na evocação certa dos sujeitos da ação, na tensão do conflito posto, no desemaranhar de identidades e reconhecimentos alicerçados pela memória, no jorro de emoção que vai se espraiando como um rio incessante... pelo menos até o contador colocar ponto final.’*

(SISTO, Celso. 2021. p.111)

Para alguns povos da África, os *griots* são aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras. Uma verdadeira biblioteca ancestral que tem grande respeito e responsabilidade. Eles são os porta-vozes da história e cultura de regiões onde as palavras contadas criam os valores e a identidade de um povo. Respeitados pelas sociedades africanas, os *griots* mantêm vivos os costumes de uma época em que as memórias auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham para a transmissão do conhecimento. Apesar dos avanços da escrita e da tecnologia, o papel deles não ficou obsoleto, permanece vivo. O *griot* é um mediador dentro da sociedade; ele resolve conflitos e leva

à calma. Ele é músico, cantor, contador de histórias, dançarino, um organizador das cerimônias sociais que utiliza a palavra como seu principal instrumento.

Representante da memória ancestral, traz para o grupo a presença do sagrado do mundo visível e invisível. Propaga a cultura com seus contos, sua ética e sua filosofia. Podem estar em três categorias: músicos, embaixadores/ artesãos/ genealogistas e historiadores/ poetas. Contam histórias para outras gerações valorizando conceitos como coragem, solidariedade e generosidade.



Imagem: Sotigui Kouyaté. <https://mubi.com/pt/films/sotigui-kouyate-a-modern-griot>

A transmissão se dá no cotidiano e pode estar na palavra ou mesmo na observação. Sotigui Kouyaté (2002) afirma: “Alguém que tem a responsabilidade de transmitir precisa aprender, pois do contrário não haverá nada a transmitir.” E para aprender também precisa de um tempo para observar. Em uma educação tradicional de um sujeito em África Ocidental, até aos 42 anos ainda se é uma criança. Até essa fase da vida tem muito que observar os mais velhos. A educação passa pela família, uma fase somente com a mãe, depois com o pai, na escola da rua, o jovem que, entre os 14 anos e os 21 anos, e, depois, adulto, aos 42 anos, completa o ciclo de aprendizado. Somente com 42 passa a ter o direito à palavra diante dos mais velhos. Acredita-se que o aprendizado se dá por três formas: o olhar, a palavra e o silêncio.



Imagem: <https://educezimbra.wordpress.com/2018/03/20/grios-mantem-vivas-as-historias-da-africa/>

Um educador *griot*, ou a educadora *griotte* ou *guiriotte* é aquele que, a partir das histórias, traz temas a serem explorados e desenvolvidos provocando os educandos. O objetivo é criar propostas pedagógicas visando uma educação antirracista. Lembrando que existe a lei 10639/2003 – que completa, portanto, 20 anos de vigência em 2023 –, porém ainda há dificuldades para a mesma ser realmente aplicada no ambiente escolar. Somente sendo lembrada no mês de maio, devido à data da Abolição da Escravatura e em novembro, em comemoração ao Dia de Zumbi/ Consciência Negra. E o resto do ano? É necessário olhar para esta lei com responsabilidade e tendo como objetivo a construção da estima negra, o desenvolvimento de afeto aos conhecimentos, corpos e às manifestações pretas, com apreço, reconhecimento e respeito à negritude.

Contar uma única história traz consigo graves prejuízos, pois leva à criação de estereótipos limitantes. É fundamental compreender a diversidade e a riqueza do continente africano, que é um território repleto de potencial científico, tecnológico e cultural, além de ser o lugar de origem de diversas civilizações. Assim como no Brasil temos os povos indígenas como parte fundamental da nossa identidade, no continente africano encontramos uma diversidade de povos negros que também têm uma história rica e significativa.

Enxergar o continente africano em sua plenitude é um exercício edificador. Desenvolver um olhar positivo sobre a presença dos africanos e afrodescendentes no mundo nos permite reconhecer-nos como sujeitos capazes de sonhar e projetar-se. Esse reconhecimento é um dos pilares essenciais para o trabalho pedagógico, que busca ampliar as narrativas de mundo a partir das vivências e experiências de cada indivíduo. Ao vislumbrar as potências e se sentir representado pelo que é contado e visto, fortalecemos nossa identidade e construímos uma perspectiva mais inclusiva e plural.

É necessário romper com a ideia de uma única narrativa e valorizar as múltiplas histórias e perspectivas existentes no mundo, reconhecendo a riqueza das culturas africanas e afrodescendentes. Somente assim podemos construir uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa, na qual cada indivíduo possa se expressar plenamente e ser reconhecido como protagonista de sua própria história. Ao ampliar as narrativas, estamos abrindo espaço para a diversidade, a valorização das diferenças e a construção de um futuro mais inclusivo para todos. A representatividade está relacionada à autoestima de maneira direta, assim como a ancestralidade. Como afirma Clarissa Brito (2021), é fundamental que o sujeito se veja como objeto de amor para que desenvolva o afeto sobre si e sua história, para que seja capaz de, com autoria, desenvolver aprendizagens. Ou seja, precisamos conhecer nossos ancestrais e suas histórias que moveram o mundo.

“Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões  
São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500, tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.”

Samba- enredo: *História para ninar gente grande* (2019). Composição: Tomaz Miranda/ Ronie Oliveira/ Márcio Bola/ Mamá/ Deivid Domênico/ Danilo Firmino.

É necessário enegrecer o simbólico desde a infância. Contando e exaltando as potências. Mostrando que é possível contar novas histórias e que o “Brasil que não está no retrato” tem amplas e relevantes narrativas.

## Capítulo 2 - Quilombos: Resistência e Fuga - Os Negros no Teatro Brasileiro

*Vim no balanço do mar lá de Angola.  
Vim no balanço do mar lá da Guiné,  
Vim no balanço do mar de Moçambique.  
Só quem veio sabe como é  
(Capoeira Angola).*

Desde muito cedo, a população negra é levada a refletir sobre sua condição racial. "Neguinha do cabelo duro", "neguinha feia" são xingamentos que muitas crianças ouvem durante o período escolar, o que demonstra, desde a infância, que ser negra é considerado um problema. Ser diferente, no sentido de não ser branca, passou a ser apontado como um defeito, resultando em baixa autoestima.

A compreensão de nossa origem histórica é fundamental para a construção de nossa identidade. Desde cedo, somos submetidos a violações, negações e omissões que afetam nossa formação identitária. Portanto, é de extrema importância que cada indivíduo busque conhecer a história de sua própria ancestralidade como parte do processo de autoconhecimento.

Atualmente, o sujeito negro tem se dedicado a conhecer a narrativa de seus antepassados, contribuindo de maneira significativa para aqueles que estão em busca de autoconhecimento. É importante ressaltar que, por muitos anos, nossa cultura foi marginalizada, excluída e apagada da história da construção do povo brasileiro. No entanto, hoje em dia, estão sendo realizadas pesquisas que visam rastrear várias gerações anteriores, auxiliando os descendentes na representação visual de sua própria árvore genealógica. Essa árvore, que foi cortada no passado, ainda necessita que retornemos às nossas origens para compreender o presente e buscar moldar um futuro diferente.

Sabemos que muitos de nossos ancestrais negros sofreram com o processo escravocrata no Brasil, e uma parte considerável da história do sujeito negro foi suprimida, destruída ou perdida. A árvore do esquecimento é um símbolo do contínuo processo de apagamento das práticas culturais produzidas e preservadas pela população negra. Ela foi transplantada das margens atlânticas do Benin para este lado do oceano. Diz-se que havia um ritual do esquecimento em torno do Baobá, uma imponente árvore milenar, no qual os negros eram obrigados a esquecer seus nomes, sendo catequizados

e/ou batizados, carregando consigo histórias criadas e manipuladas por mãos brancas. Assim, não restava nenhum vestígio de quem eram, do que fizeram ou de onde viveram.

No entanto, mesmo diante desse contexto, adquirir conhecimento das memórias transmitidas pelos mais velhos, por meio de histórias que passam de geração em geração, nos auxilia a compreender um pouco mais sobre nossa identidade atual. Essas narrativas nos permitem reconectar com nossas raízes e entender como elas influenciam nossa existência hoje.



Foto: Luis Lobo. Evento “Encontro para a liberdade”. Quilombo da Machadinha, Quissamã. Novembro, 2022.

Em novembro de 2022, tive a oportunidade de participar de uma experiência enriquecedora no Quilombo da Machadinha, localizado em Quissamã, região interiorana do estado do Rio de Janeiro. Durante essa vivência, pude testemunhar diversas manifestações culturais e tradições presentes nesse quilombo. Desde o início do dia, tive a oportunidade de presenciar uma missa afro, um momento de profunda espiritualidade

e conexão com as raízes ancestrais.

Os quilombos, comunidades formadas durante o período colonial no Brasil por africanos e seus descendentes, representam espaços de redenção e resgate dos valores negros-africanos, que foram historicamente oprimidos e marginalizados em relação à cultura predominante de origem branco-europeia no contexto brasileiro (NASCIMENTO, 2019, p. 92). Nesses locais, os indivíduos compartilham suas subjetividades de forma segura, estabelecendo um ambiente propício para a preservação dos valores civilizatórios. Os quilombos se mantêm como resistência frente a um sistema social brasileiro excludente, oferecendo a oportunidade de permanecerem em um espaço seguro ou de buscar refúgio em um local acolhedor.

Ao explorar o quilombo, tive a oportunidade de conhecer as senzalas que atualmente são ocupadas pelos quilombolas, uma iniciativa significativa que busca resgatar e eternizar a história dos ex-escravizados que ali viveram. Durante minha estadia, tive a oportunidade de saborear pratos típicos da região, como a feijoada e o bolo falso, que são representações gastronômicas da cultura quilombola. Além disso, pude ouvir as histórias e narrativas compartilhadas pelas pessoas do quilombo, que transmitem a memória coletiva de suas origens por meio da alimentação, da música e do modo de vida quilombola.

Essa imersão no cotidiano do quilombo despertou uma profunda reflexão sobre minha própria identidade e meu lugar no mundo. Extremamente significativa, permitiu-me compreender e apreciar a importância da preservação da cultura e das tradições quilombolas como elementos fundamentais na construção de identidades individuais e coletivas.

A reinterpretação de contos de matriz africana representa uma forma de reconexão com minhas origens ancestrais. Essa prática tem desempenhado um papel significativo na ampliação do meu entendimento sobre minha própria ancestralidade. Através desse processo de aprendizado, que envolve elementos como memória, identidade, oralidade e ancestralidade, tenho avançado em direção ao autoconhecimento.

A sabedoria adquirida ao me aprofundar na compreensão das minhas raízes emerge e se multiplica na roda de histórias, um espaço de comunicação no qual o diálogo se estabelece de forma recíproca. Nessa dinâmica, sou capaz de ouvir com atenção e transformar essas narrativas em sementes que germinam e se espalham por outros espaços de comunhão. Essa prática alimenta minha jornada de autodescoberta e

expande meu conhecimento sobre a herança cultural que carrego.

“Você é cara da sua avó. Até no jeito de agir e na forma de falar.”

(Minha tia Ana Maria, mais conhecida como “Tia Aninha” moradora de Miracema)



Foto: Maria da Conceição de Souza. Minha avó paterna. Acervo pessoal.

Ao refletirmos sobre o princípio da ancestralidade, o livro intitulado "Adinkra: sabedoria em símbolos africanos", organizado por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, assume um papel significativo ao destacar o universo filosófico e estético asante, que se tornou patrimônio cultural do país de Gana. Os adinkras, símbolos presentes nessa tradição, são representações gráficas baseadas em figuras de animais,

plantas, corpos celestiais, corpo humano, objetos feitos pelo homem ou formas abstratas. Essas imagens carregam consigo significados que se relacionam com provérbios, conjuntos de ideias, conceitos, aforismos, ética, política da comunidade e eventos históricos, além de expressarem o comportamento daqueles que as utilizam.

Por meio dos adinkras, temos acesso a ensinamentos e aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais do povo Akan. Além disso, sua adoção visa recuperar e valorizar antigas tradições que remontam aos ancestrais negros, que buscaram estabelecer uma nova articulação de identidade. Vale ressaltar que o valor desses símbolos transcende a população ganense, estendendo-se a toda a população brasileira.

A referência aos adinkras exemplifica uma forma pela qual um povo consegue traduzir e representar pontos fundamentais que caracterizam sua própria identidade. No entanto, quando ocorrem distorções nas referências à história e cultura próprias, seja por incompreensão ou desconhecimento, muitos indivíduos negros acabam ignorando suas próprias raízes. Esse fato contribui para a baixa autoestima e impede o pleno acesso às oportunidades de ser quem são, minando sua capacidade de lutar pelos direitos adquiridos.



Adinkras. Foto: Livro Adinkras

O ideograma Sankofa representa a missão de valorizar a nossa própria história negra e trazê-la para o centro das discussões. A história da África está intrinsecamente ligada ao conhecimento e ao desenvolvimento, desde os sistemas de escrita e os avanços tecnológicos até os estados políticos organizados e as tradições epistemológicas. Uma dessas tradições é o adinkra, que se manifesta em tecidos estampados e esculturas de ouro e madeira. O princípio de Sankofa, presente no adinkra, nos ensina que é necessário conhecer o passado para melhorar o presente e construir o futuro. Ele nos lembra que *“nunca é tarde para retornar e recuperar o que foi deixado para*

*trás*”(NASCIMENTO, Gá, 2009, p. 40).

Ao celebrarmos o que fomos, trazemos conosco a representatividade daqueles que vieram antes de nós para o presente. Retornar e vivenciar a realidade quilombola nos permite conectar com a ancestralidade da história diaspórica.

Na vivência em Machadinha, pude testemunhar como a senzala, que antes era o local onde os escravizados eram mantidos, se transformou em residência para os afrodescendentes. Essa transformação representa uma manifestação contínua de resistência, onde os muros da senzala se tornaram testemunhas de uma verdadeira fortaleza negra. Cada parede mantém sua integridade, como as memórias antepassadas, que permanecem vivas e são transmitidas de geração em geração. Enquanto as senzalas permanecem de pé, a Casa Grande desmoronou, restando apenas suas ruínas.



Foto: Acervo pessoal. Quilombo da Machadinha. Quissamã.2022. Casa Grande

A preservação das senzalas como um lugar de moradia é um lembrete poderoso do passado, mas também um símbolo de resistência e superação. Elas são um testemunho vivo da história e um ponto de conexão com as raízes e a identidade dos afrodescendentes. É através dessa resistência que as memórias são mantidas vivas e a herança ancestral é transmitida às gerações futuras.

Essa resistência é uma forma de preservar e transmitir as memórias dos antepassados, contando as histórias daqueles que contribuíram para a construção da comunidade. É um ato de persistência para existir e para repassar a herança cultural e o

legado dos que vieram antes de nós. Através dessas paredes, podemos sentir a força e a resiliência daqueles que lutaram contra a opressão e buscaram sua liberdade.



Foto: Acervo pessoal. Quilombo da Machadinha. Quissamã. 2022. Senzalas.

Durante a minha experiência em Machadinha, pude adquirir conhecimentos sobre os quilombos, em uma conversa com um representante comunitário, em que recebi explicações sobre a distinção entre os tipos de formas de organização comunitária que surgiram durante o período colonial no Brasil, protagonizadas por afrodescendentes em busca da liberdade e preservação de sua identidade cultural: os quilombos de fuga e os de resistência.

Os quilombos de resistência são comunidades formadas por afrodescendentes que resistiram à escravidão e se estabeleceram em locais onde podiam viver de acordo com suas próprias tradições e sistemas de governança. É a transformação de um espaço marcado anteriormente pela escravidão, conferindo-lhe um novo significado de permanência e resgatando os princípios da comunidade negra local. É um lugar onde os valores, tradições e identidade afrodescendente são preservados e fortalecidos,

proporcionando um ambiente seguro, como verdadeiras fortalezas negras, e empoderador para os seus membros. Esses quilombos são símbolos de resistência contra a opressão e a injustiça, representando uma luta contínua pela autonomia e dignidade.

Já os quilombos de fuga eram locais de refúgio para os escravizados que fugiam dos maus-tratos e da opressão da escravidão, buscando escapar de condições subhumanas. Eram comunidades clandestinas e autossustentáveis, muitas vezes localizadas em áreas isoladas e de difícil acesso, como matas, montanhas ou regiões remotas, onde os fugitivos podiam viver em relativa liberdade e autonomia. Esses quilombos eram organizados de forma a garantir a proteção e a segurança dos seus habitantes, estabelecendo estratégias de defesa contra possíveis perseguições e ataques. A fuga representava um ato corajoso de resistência individual e coletiva, em busca da tão desejada liberdade.

Ambos os tipos de quilombo proporcionam senso de pertencimento, representam formas de resistência e empoderamento para seus integrantes e afirmam a importância da cultura, identidade e liberdade dos povos negros. São espaços de valorização das subjetividades e de conexão com as raízes africanas e símbolos vivos da resistência histórica dos afrodescendentes no Brasil, reforçando a importância da valorização da cultura negra e da luta contra o racismo, que infelizmente persiste até os dias de hoje.

O mais conhecido dos quilombo, sem dúvidas, é o Quilombo dos Palmares, que surgiu no século XVI como resultado da resistência dos escravizados. Esse quilombo foi construído com muralhas e armadilhas ao redor para garantir a proteção das pessoas que viviam lá. Vale ressaltar que a população de Palmares não era composta apenas por pessoas negras, mas também incluía indígenas e até mesmo brancos livres. A sobrevivência nesse quilombo dependia do aproveitamento dos recursos naturais.

Além disso, o Quilombo dos Palmares também foi um local de preservação e resgate da cultura africana. Os residentes do quilombo tentaram manter vivas as tradições, festas, práticas religiosas, danças e outros elementos culturais que faziam parte de suas origens. Historicamente, era uma comunidade fortificada formada por escravizados fugidos dos maus tratos, que buscavam reestabelecer suas próprias estruturas e organizações. Era um lugar de refúgio e acolhimento para todos que chegavam em busca de liberdade, proporcionando o desenvolvimento de uma vida em liberdade e autonomia.

Concordo plenamente com a citação de Nina Simone no documentário "Nina: An Historical Perspective", de Peter Rodis, em que ela afirma que "liberdade é não ter

medo". Essa afirmação ressoa profundamente na experiência das pessoas negras, que enfrentam desafios e obstáculos decorrentes da história de opressão e discriminação. A liberdade de sermos quem somos, expressando nossos instintos, pensamentos e essência, é um ideal que requer coragem diante das circunstâncias históricas e presentes. É uma busca constante pela autonomia e pela superação do medo que muitas vezes nos limita. A verdadeira liberdade só é alcançada quando podemos escolher livremente nossa identidade e viver sem temer as consequências. Nesse contexto, a resistência se torna crucial para enfrentar os desafios e reafirmar nossa autenticidade. Ao superar o medo, nos libertamos para criar um mundo mais justo, onde todas as pessoas possam ser verdadeiramente livres e respeitadas em sua totalidade.

Atualmente, seguindo o resquício deste período escravocrata, a liberdade é mascarada. A escravidão foi instaurada e reforçada no racismo, resultando no sequestro de milhões de africanos e africanas para o Brasil. As consequências desse passado estão presentes em nosso cotidiano, refletindo nas enormes diferenças nas relações de trabalho entre negros e brancos até os dias de hoje. Falácias como "Todos somos iguais!" ou "Temos liberdade de ir e vir" são utópicas, principalmente para os afrodescendentes. O racismo nos tira a liberdade em diversos sentidos, e o medo se torna protagonista em muitas situações.

A luta contra o racismo se tornou diária. Conforme afirmação de Bell Hooks (2013), é crucial compreender a supremacia branca como base da raça e do racismo, pois nos permite enxergar além da cor da pele. O racismo se transformou em uma ideologia mascarada, influenciando a consciência de todas as pessoas, independentemente da cor da pele. Ao oprimir e silenciar os negros, o racismo privilegia os brancos, estabelecendo um sistema de crenças que perpetua a supremacia branca.

Diante desse cenário, é essencial que combatamos o racismo, reivindicando nossa liberdade e promovendo o protagonismo negro. Através de ações e projetos que valorizem a cultura afrocentrada, como a contação de histórias, música, teatro e literatura, podemos desconstruir estereótipos, fortalecer a identidade racial e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dando um exemplo na estética, por muitos anos fomos submetidos à opressão dos padrões eurocêntricos de beleza, que nos obrigavam a alisar e negar nossos cabelos crespos. Chapinhas, escovas, pentes quentes, produtos químicos como o "henê", alisamentos e relaxamentos eram utilizados para que nosso cabelo se adequasse a um padrão de beleza considerado "aceitável" pela sociedade, relegando nossas raízes e

identidade.

Essa imposição estética violenta era motivada por um ideal que nos forçava a negar nossas características naturais. Nossos cabelos, considerados "duros", "feios" ou "sujos", eram alvo de discriminação. Lembro-me de histórias em que mulheres precisavam alisar ou desfazer tranças para conseguir empregos, ou até mesmo de pessoas que se sentiam inseguras em usar batom por não gostarem do tamanho de seus lábios.

Expressões como "até que você é bonita!" ou o pedido para "ficar mais clara na foto" refletem a internalização desses padrões de beleza brancos como medida de valor e aceitação. Por muito tempo, desconheci a verdadeira natureza do meu cabelo, mas um corte transformador me permitiu olhar para mim mesma de forma diferente.

Nosso cabelo conta uma história, traz consigo a ancestralidade e identidade. Por isso, é essencial compreender e reconhecer a existência da supremacia branca e as raízes profundas do racismo. É por meio desse entendimento que podemos resistir, reivindicar nossa beleza natural e construir uma nova narrativa que celebre e valorize nossa estética negra, desafiando os padrões opressores e promovendo a autoaceitação e o empoderamento.

O racismo é um comportamento em que uma pessoa ou grupo manifesta preconceito contra indivíduos de origem étnica considerada inferior. Segundo Nei Lopes (2007), o racismo é uma estratégia de dominação, enraizada em nossa sociedade, que permeia todos os aspectos da vida.

Descolonizar pensamentos e atitudes é essencial para combater o racismo. Significa questionar e desafiar estereótipos e ideias preconcebidas que sustentam estruturas racistas. É um processo de conscientização, educação e transformação, que nos leva a reconhecer a igualdade e dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica.

Para superar o racismo, é fundamental promover inclusão, diversidade e equidade em todas as esferas da sociedade. Isso envolve dar voz e espaço às vozes marginalizadas, valorizar a cultura e a história dos povos racializados, e promover políticas e práticas antirracistas. Somente assim podemos caminhar em direção a uma sociedade mais justa e igualitária, em que todos tenham as mesmas oportunidades e sejam tratados com respeito e dignidade.

O racismo se manifesta de diferentes maneiras: individualmente, nas relações interpessoais, institucionais e estruturalmente. Grada Kilomba destaca três formas

específicas de manifestação do racismo. A primeira é a construção da diferença, em que o sujeito é visto como diferente devido à sua origem racial. Em seguida, esse conceito de diferença é articulado por meio da desonra e da inferioridade, reforçando estereótipos e preconceitos. Por último, há a questão do poder, que se revela nas relações e no acesso a recursos valorizados, como representações políticas, mídia, emprego, educação, habitação e saúde.

Ao observar essas relações, surgem questionamentos importantes: onde estão as pessoas negras? Por que, mesmo representando 56% da população brasileira, não ocupamos a maioria dos cargos de poder? Quais cargos me representam? Muitas vezes, nos vemos ocupando posições de subalternidade, não por escolha ou falta de capacidade técnica, mas devido às barreiras estruturais impostas pelo racismo. Mesmo quando conseguimos ascender, é preciso fazer o dobro do esforço em relação a uma pessoa branca para garantir uma oportunidade, como podemos observar na questão da empregabilidade.

Essas realidades evidenciam a necessidade de enfrentar e combater o racismo de forma efetiva, promovendo a igualdade de oportunidades e a representatividade em todas as áreas da sociedade. É preciso criar espaços onde as pessoas negras possam se ver e se reconhecer, valorizando sua contribuição e potencial. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa para todos.

“Você poderia chamar seu patrão?”

“Mas eu sou a patroa.”

– Olhar desconfiado.

O racismo está fundamentado na supremacia branca, em que outros grupos raciais não possuem o mesmo poder e privilégio. É importante reconhecermos que todos nós estamos imersos em uma sociedade permeada pelo racismo e que precisamos nos conscientizar desse fato. Para isso, é necessário desconstruir nossos pensamentos e descolonizar nossas atitudes, questionando e desafiando a noção de supremacia racial.

Um ponto crucial nesse processo é repensar o conceito de raça. Devemos compreender que a raça não é uma característica biológica, mas sim uma construção social e histórica. Ao reconhecermos isso, podemos romper com os estereótipos e preconceitos associados a determinadas raças, e assim dismantelar as estruturas de opressão e desigualdade racial.

Desconstruir a supremacia branca em nossos pensamentos e ações é um caminho

essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Significa reconhecer o valor e a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, e promover a equidade de oportunidades para todos. É um trabalho coletivo que requer reflexão, educação antirracista e ações concretas para combater as injustiças raciais.

*“Raça não é um termo estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça e das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades.”*

(ALMEIDA, 2018. p.18)

O processo de racialização produziu um olhar sobre a pessoa negra, sobre negros em diáspora, sobre a construção da negritude, e também uma perspectiva hegemônica à pessoa branca, que é da branquitude. Entendem-se, assim, como grupos racializados, negros, mas também brancos, pois se construiu um conjunto de características tipológicas, culturais, religiosas e políticas associadas ao negro e igualmente, há um conjunto de variáveis associadas aos brancos.

A escravidão de negros e negras em diáspora inaugurou uma nova forma de ser, de exploração que desumaniza não só a força de trabalho, mas também a consciência, a sexualidade e a hereditariedade. Com base na especificidade da condição da mulher negra no debate sobre raça, gênero e classe, Davis (2006) apresenta, em dados, a crueldade do processo escravocrata.

*“Os abusos especialmente infligidos a elas (mulheres negras) facilitavam a cruel exploração econômica de seu trabalho. As exigências dessa exploração levaram os proprietários da mão de obra escrava a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto quando seu objetivo era a repressão. Assim como as mulheres negras dificilmente eram “mulheres” no sentido corrente do termo, o sistema escravista desencorajava a supremacia masculina dos homens negros. Uma vez que os maridos e esposas, pais e filhas eram igualmente submetidos à autoridade absoluta dos feitores, o fortalecimento da supremacia masculina entre a população escrava poderia levar a uma*

*perigosa ruptura na cadeia de comando. Além disso, uma vez que as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como sexo frágil ou donas de casa, os homens negros não podiam aspirar à função de chefes de família muito menos à de provedores para a classe proprietária de mão de obra escrava.”*

(DAVIS, 2016. p.20)

Identificar o racismo exclusivamente como fruto de comportamentos discriminatórios entre sujeitos é quase que uma patologia, uma concepção individualista do fenômeno (ALMEIDA, 2018), que desconsidera a existência de sociedades ou de instituições racistas. Da mesma forma é limitada a perspectiva que considera o racismo “como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça” (ALMEIDA, 2018, p.29) conseguindo abarcar a amplitude do racismo na história das sociedades contemporâneas.

Concordo plenamente com a afirmação de Almeida (2018, p.36) de que "as instituições são racistas, porque a sociedade é racista". Essa compreensão nos leva a reconhecer que o racismo permeia todas as esferas da sociedade, incluindo as instituições que a compõem.

Nesse sentido, os quilombos contemporâneos se tornam ainda mais necessários como espaços de resistência e luta contra o racismo. Assim como os quilombos de fuga, que foram refúgios de liberdade e autonomia para os afrodescendentes durante a escravidão, os quilombos contemporâneos são locais de encontro e fortalecimento da identidade negra.

Esses quilombos representam espaços de empoderamento, onde a comunidade negra se reúne para valorizar suas raízes culturais, compartilhar experiências e buscar soluções coletivas para os desafios enfrentados. São espaços onde se promove o protagonismo negro e se constrói uma consciência racial valorizando as referências afrocentradas.

Nesse contexto, os quilombos contemporâneos se tornam importantes espaços de construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde o combate ao racismo e a promoção da igualdade racial são prioridades. Eles contribuem para a desconstrução dos estereótipos e preconceitos raciais, promovendo a valorização da diversidade e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Desde a infância, pessoas negras são confrontadas com a reflexão sobre sua

identidade racial. O ambiente escolar, em grande parte, apresenta uma visão eurocêntrica, onde as culturas europeias são vistas como superiores. Diante dessa realidade, a população negra começou a desenvolver estratégias para mudar essa situação.

O movimento afrodescendente surgiu com o objetivo de promover o protagonismo negro, buscando transformar essa realidade violenta e valorizar a cultura afro-brasileira por meio da educação e da arte. É necessário descolonizar o pensamento, o corpo e a alma, como afirmou Malcom X em seu ensaio "Malcom X and Black Rage". Precisamos olhar uns para os outros com novos olhares, que enfatizem a autoestima e o autoconhecimento.

O processo emancipatório dos sujeitos é fundamental, permitindo que sejam protagonistas de suas próprias histórias, deixando de ser objetos de estudo de outros. É preciso reconhecer-se como sujeito de ação, com o poder de moldar seu próprio destino. Essa mudança de perspectiva é essencial para fortalecer a autoestima e promover a valorização da identidade negra.

Dessa forma, ao enfatizar o protagonismo negro e promover a conscientização sobre a importância da cultura afro-brasileira, contribuimos para a construção de uma sociedade mais igualitária, onde todos tenham a oportunidade de se expressar e ser reconhecidos em sua plenitude.

Desde cedo, as pessoas negras são confrontadas com a necessidade de refletir sobre sua condição racial. O ambiente escolar apresenta um mundo que privilegia culturas europeias, relegando as culturas africanas e afrodescendentes a uma posição inferior. Ao longo do tempo, a população negra começou a desenvolver estratégias para combater essa realidade violenta e buscar o protagonismo negro. O movimento afrodescendente surgiu como uma forma de transformar essa realidade, valorizando a cultura afro-brasileira por meio da educação e da arte.

Descolonizar o pensamento, o corpo e a alma é fundamental nesse processo, como afirma Malcom X em seu ensaio "Malcom X and Black Rage". Precisamos adotar novas perspectivas, que enfatizem a autoestima e o autoconhecimento. Devemos nos enxergar como sujeitos protagonistas de nossas próprias histórias, não mais como objetos de estudo de outros. É necessário revisar o texto acadêmico, buscando uma abordagem mais inclusiva, que valorize as experiências e contribuições das pessoas negras.

Através desse processo emancipatório, podemos construir uma sociedade mais

justa e igualitária, na qual todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. É tempo de reconhecer a importância da diversidade e promover a valorização da cultura afro-brasileira em todas as esferas da vida. Juntos, podemos criar um futuro em que todos tenham a oportunidade de se expressar plenamente, sem restrições impostas por uma visão eurocêntrica.

A questão da mudança social versus conservadorismo é levantada aqui em relação aos quilombos, que são espaços de fortalecimento de um grupo com o objetivo de transformar uns aos outros por meio das relações. A vivência em territórios quilombolas busca conhecer, integrar e romper as resistências e estereótipos presentes na sociedade em relação a essas comunidades.

Os quilombos também podem ser vistos como locais que defendem a permanência das instituições que obtiveram resultados positivos e resistiram ao longo do tempo, conservando assim suas raízes ancestrais. Esses espaços podem ser refúgios que promovem tanto a mudança social quanto a preservação das tradições.

Nesse sentido, é importante considerar que a transformação social pode ocorrer por meio da valorização das experiências e conhecimentos das comunidades quilombolas, reconhecendo sua contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Essa abordagem requer uma perspectiva crítica que rompa com estereótipos e preconceitos, buscando entender e valorizar a diversidade cultural e os saberes produzidos pelos quilombos.

## 2.1 - Teatro Experimental do Negro (TEN): aos que vieram antes de nós

*Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador.*  
(MENDES apud RAMOS, 1993)

Em uma aula da disciplina do curso de Licenciatura intitulada “Teatro e Comunidades” conheci o Teatro Experimental do Negro (TEN). O contato foi ainda há pouco. Lembro que um estudante questionou o porquê do tema não ter sido abordado em sala. Devido a importância, o mesmo apresentou um seminário sobre o TEN e a sua relevância para a história do teatro brasileiro, especialmente pelo fato de abordar a presença negra nos palcos. Penso que foi graças à atuação deste grupo que estou aqui falando sobre ser atriz negra no Brasil. Lembro também, vagamente, da abordagem percorrendo sobre este tema na ECOA (Espaço Cultural Olhos Abertos), uma organização não governamental na qual estudei por cerca de 9 anos. Fizemos um breve documentário mostrando a realidade dos alunos negros da ECOA e como o preconceito prevalecia presente diante de nossos olhos.

Mas foi atuando no espetáculo *Salina* (2014) que tive a certeza de que precisava estudar mais sobre o grupo. A atriz que mais admiro, Ruth de Souza, foi nos prestigiar e, ao término da peça, me disse: “Esse trabalho de *Salina* me lembra muito o nosso trabalho no TEN. Ao ver vocês em cena, me vejo”. O encontro com Ruth de Souza foi definitivo para eu perceber a importância do grupo e por isso dedico a ele parte da minha reflexão.

Frequentemente me pergunto: Onde estão as negras e os negros na sociedade brasileira? Em que posição social? Quais são os lugares que comumente ocupam? Percebo que a cena acompanha a vida, visto que a maioria das vezes está retratada em lugares de subalternidade. A maior parte da população afro-brasileira está concentrada nas regiões mais pobres das cidades, nas periferias, subúrbios, à margem. Entendo que este processo de exclusão foi historicamente construído e que não é à toa que somos assim representados na tela da TV e também no teatro.

Todavia, ao estudar os capítulos dos livros “*O genocídio do negro brasileiro*”, de Abdias do Nascimento e “*O negro e o teatro brasileiro*”, de Miriam Garcia Mendes constato que alguns intelectuais tentaram mudar essa realidade. Abdias do Nascimento, fundador do TEN, é um exemplo disso. A sua iniciativa surge quando ele percebe a

importância de criar outra narrativa sobre o povo negro. Ele conta que assistir a uma peça de teatro e ver um ator branco pintado de negro no palco, com a justificativa de que não existiam atores negros qualificados para exercer tal papel, foi um dos fatos determinantes para a criação do TEN. O episódio causou tamanha revolta em Abdias, sendo o pontapé inicial para a criação do Teatro Experimental do Negro, que, como ele mesmo afirma, “nunca foi somente um grupo de teatro – era uma verdadeira frente de luta.”(NASCIMENTO, SEMOG, 2006 p.128).

Abdias foi pioneiro na luta para combater os estereótipos que nos aprisionam em determinados papéis: o malandro, o moleque, a mulatinha, ou Pai João, a ideia do negro bom como submisso; o negro ruim, como o cruel; ou ainda as noções de sexualidade desenfreada, imundície, preguiça e imoralidade; o africano, como estereótipo da feiura, brutalidade crua, feitiçaria e superstição; o crioulo, como o dissimulado, malicioso, esperto, selvagem; ou ainda a imagem da mulata e da crioula como representantes da volúpia.

Mas como essas representações foram construídas? Voltando àquela época, temos a afirmação de Guerreiro Ramos (1966), segundo a qual os africanos e seus descendentes, apesar de terem grande responsabilidade na construção econômica do país, foram coagidos e entregues à própria sorte, sem condições de ingressar numa economia competitiva, permanecendo, em sua maioria, abaixo da linha da pobreza do país. Seu lugar garantido está em ser subalterno, o antagonista que busca sobreviver às margens de uma sociedade que inferioriza a cultura africana com significados pejorativos.

Sob a ótica branca, a cultura negra foi necessariamente associada às danças, à religião ou até mesmo a características físicas, com o corpo negro objetificado e sexualizado, estigmatizado como exótico ou folclórico. O padrão de beleza está na pele branca. O corpo negro é visto como objeto para a exploração sexual. Sem a valorização, apenas para ser exportado ou consumido. Como diria Elza Soares: “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. (Música “A carne”- Composição: Marcelo Yuca / Seu Jorge / Ulisses Cappelletti.)

Desta forma, o teatro, cena e dramaturgia, como reflexo também desta construção social, não escaparia do traço racista. Nelson Rodrigues não hesitou em dizer que “é preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. Os artistas de cor ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último, ficam de fora” (DOMINGUES,

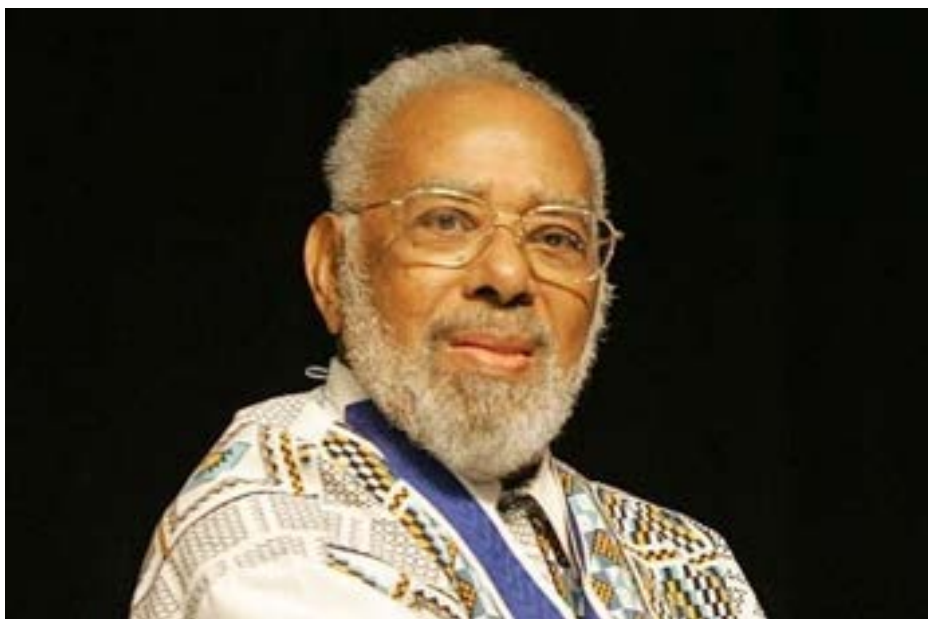
2011, pag. 1). Muitos dramaturgos da década de 40 colocavam em seus textos teatrais o reflexo de uma sociedade colonizadora dominante. Visto que muitas vezes a dramaturgia revela um momento histórico, o protagonismo negro também ficou à margem. Mas existiram alguns textos teatrais que foram na contramão desta ordem.

*O “Imperador Jones”*, montagem do TEN (1945), que tem como o protagonista um ator negro, é um exemplo. Quando uma peça reservava um papel de destaque para o negro, ele geralmente era interpretado por um ator branco, que pintava o rosto de preto. Nem sempre se respeitava o que era solicitado nas rubricas. Foi o que aconteceu com a peça de Eugene O’Neil quando foi apresentada no Peru na década de 40. O fato foi o trampolim para que Abdias se revoltasse contra esta grave situação, levando-o, com astúcia e ousadia, a realizar a montagem no Brasil.

Abdias do Nascimento foi um militante muito importante na busca por transformação nessa perspectiva. Esse personagem da história foi fundamental para a mudança desse quadro com a criação do TEN, Teatro Experimental do Negro, em 1944.

Liderado por Abdias, que viu o teatro como forma de mostrar que negros também poderiam protagonizar sua história não somente nos palcos, mas na sua própria vida, o TEN procurou inovar a cena teatral sob vários aspectos. Além de abrir espaço para o ator negro no teatro brasileiro, engendrou a proposta de produzir uma dramaturgia centrada na cultura e nos problemas dos afro-brasileiros. Outras peças foram escritas a partir da experiência do TEN, ou seja, foram enredos produzidos com a finalidade de serem interpretados por um elenco negro. Entre eles, vale mencionar *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes.

A peça de Vinicius de Moraes foi escrita em 1954 para ser encenada somente por atores negros. Contava como tema central a mistura do morro com a mitologia grega, na retomada do mito de Orfeu. Vinicius de Moraes, ao colocar o morro e o negro em pauta tenta mostrar uma identidade brasileira moderna, porém com um olhar externo ao cotidiano, sendo ele branco de classe média carioca. Mas é uma peça importante, pois evidencia a relevância da cultura africana para a formação da identidade brasileira. De acordo com o autor, o negro, ao mesmo tempo que faz parte do complexo social brasileiro, possui sua autonomia cultural.



Abdias do Nascimento, em imagem de 2006. Referência política e acadêmica para o movimento negro (Foto: Ricardo Stuckert/Pr) Rio de Janeiro.

*Anjo Negro* (1946) foi outra peça importante para se ver o personagem negro em cena. Ela foi escrita por Nelson Rodrigues em homenagem a Abdias do Nascimento e para ser encenada pelo próprio. Porém, não foi permitida a sua presença como protagonista desta montagem no Teatro Municipal. Como afirmaram na época, se a peça fosse folclórica ele poderia estar atuando, mas como era algo sério, não. Seria melhor fazer um black face, pintar um ator branco de negro. A luta é grande. A resistência e persistência também.

Por que não se pode ser o que se quer? Por que nos dizem os lugares onde devemos estar? Por que quando se tenta mudar, a mudança é negada a nós? É histórico. A história é escrita todos os dias e transformada por quem a está vivendo. Se permanecemos no lugar, há algo de muito sério. Como disse Nelson Rodrigues, há um preconceito nos palcos. Como disse Abdias, um racismo mascarado; ou como afirma o famoso geógrafo brasileiro Milton Santos, no texto *Ser negro no Brasil*, “é ser objeto de um olhar enviesado”. Estes olhares ainda estão presentes. E para citar Lázaro Ramos: “Meu lugar é onde eu desejo estar” (RAMOS, 2017, PÁG. 27). Apesar de não permitirem, persisto.

É necessário mudar o que tem sido estabelecido como comum e natural: atores negros com papéis subalternos, estereotipados. Não digo que nada esteja sendo feito, mas, de 1944, ano que foi fundado o TEN, até os dias de hoje, o propósito de dar o

protagonismo aos atores negros ainda tem sido raro. Mais recentemente este protagonismo tem aparecido por meio da iniciativa de coletivos, companhias ou grupos formados por atores e atrizes negros. O Teatro Experimental do Negro foi fundado em 13 de outubro de 1944. É, sem dúvida, uma inspiração para esses grupos mais jovens, surgidos nos últimos anos.

Abdias foi para a área das Artes pois sentia a falta de negros como protagonistas e para subverter os estereótipos. O Teatro Experimental do Negro surgiu para favorecer a narrativa da cultura negra, de todos os valores positivos que a cultura africana trouxe para o Brasil e que continuam até hoje menosprezados, agredidos e folclorizados. Com essas perspectivas de luta social e artística, ele surge com a finalidade, dentre outras, de influir na estética da cena brasileira.

Além da ação artística, o Teatro Experimental do Negro também atuou nas frentes sociais. Como defesa da mulher negra, criou a Associação das Empregadas Domésticas e o Conselho Nacional de Mulheres Negras. Constantemente inferiorizadas, estas mulheres receberam pela primeira vez a chance de questionar as condições de trabalho que lhes eram impostas. Nas palavras de Abdias: “teve muita ‘madame’ que se aborreceu, (...) nós estávamos botando minhocas nas cabeças de suas empregadas” (NASCIMENTO, SEMOG, 2006, p. 128). Era o empoderamento de uma classe que, historicamente, sempre teve seu protagonismo colocado de lado, sem importância. Vistas como objeto ou “coisa” a ser consumida.

O TEN também promovia concursos como o “Boneca de Pixe” e “Rainha das Mulatas”, que favoreciam a beleza negra. As candidatas eram selecionadas por meio de critérios como criatividade, conhecimentos gerais e postura ética. O TEN promoveu, ainda, a “Semana do Negro” e o concurso de artes plásticas sob o tema “Cristo Negro”. Neste último, organizado pelo sociólogo Guerreiro Ramos, junto com Abdias, foram promovidas terapias em grupo de modo a tratar os efeitos psicológicos do racismo em suas vítimas.

O grupo teatral de Abdias do Nascimento afirmava negras e negros dentro de uma sociedade cujo racismo historicamente enraizado era disfarçado pela bandeira da “democracia racial”. E ainda se faz isso. Dizendo que somos todos iguais. Onde? Se quando se passa por uma “Barreira Policial - Blitz”, sendo pessoa de pele preta, já temos maiores chances de sermos abordados? Se, ao entrar no banco, mesmo sem nada na mão, o alarme soa? Ou se, quando entramos em uma loja, há um segurança que se posta ao seu lado? Mas não existe racismo no Brasil... Isso é coisa da sua cabeça.... Todos têm

o mesmo direito de ir e vir. A verdade é que vivemos uma “democracia” que favorece apenas uma parcela da sociedade, a menor.

O TEN ajudou o negro a enxergar essa exploração. A educação racial pela qual passava e lhe dava autoconfiança para conquistar seu espaço social. O propósito era criar uma dramaturgia de autoria negra, que focasse em temas da cultura afro-brasileira e discutisse questões a que, até então, ninguém dava a devida atenção.

A estreia da companhia nos palcos viria em maio de 1945 com a peça “*O Imperador Jones*”, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O texto, concedido pelo próprio O’Neill a Abdias, foi protagonizado pelo ator Aguinaldo Camargo. Sua atuação rendeu a ele e à companhia elogios da crítica, que num primeiro momento, havia subestimado a qualidade do TEN. Infelizmente, a companhia não pode encenar a peça outras vezes, porque o teatro só fora concedido por uma única noite. No entanto, após o sucesso de sua primeira apresentação, o grupo seguiu seus trabalhos e adaptou outras peças de O’Neill, como “*Todos os filhos de Deus têm asas*”, “*O moleque sonhador*” e “*Onde está marcada a cruz*”. A partir de 1947, o TEN passou a receber textos escritos especialmente para a companhia. O primeiro foi “*O Filho Pródigo*”, de Lúcio Cardoso. No elenco, estavam Aguinaldo Camargo, Ruth de Souza, José Maria Monteiro, Abdias do Nascimento, Haroldo Costa e Roney da Silva. A peça foi considerada a maior estreia teatral do ano.



Foto: Divulgação. *O Imperador Jones*, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.



Cartaz do Teatro Experimental do Negro. Foto: <https://primeirosnegros.com/teatro-experimental-do-negro/>

Assim, percebe-se a preocupação em trazer autoestima ao povo negro brasileiro e, em especial, às mulheres. Uma mulher importante para esse momento histórico e que seguiu como referência até os dias atuais foi a atriz Ruth de Souza. Ela foi a primeira atriz afrodescendente a atuar no teatro erudito, nos moldes estabelecidos pelo processo de modernização deste gênero de arte ou como prefere, a primeira negra a fazer teatro clássico, drama e comédia no Brasil. É a primeira integrante a disputar o prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza na década de 1950, um marco na história do teatro brasileiro. Em contraponto, estavam aqueles que diziam não existirem atores negros qualificados. Imaginemos o quão revolucionário foi, nesse momento, ser uma mulher, atriz negra em ascensão.



Foto: Daniel Barboza. Ruth de Souza e eu. Lançamento do Filme “Face Negra do amor”, Centro Carioca Afro de Cinema Zózimo Bulbul, Lapa. 20 de janeiro de 2019 .

Essa foi Ruth de Souza, conhecida como a primeira atriz negra a interpretar obras do repertório clássico nos palcos brasileiros, na formação internacional, além de ter atuado em peças e filmes. Uma mulher que fez a diferença e se tornou grande referência para os atores negros no Brasil. Considero o TEN muito importante para a história do teatro brasileiro, principalmente para os atores negros.

## 2.2 Teatro Negro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Desde “*Salina*”, tenho participado de processos artísticos com temática negra. Em todos eles, tenho aprendido a me conhecer como artista negra, ou seja, minha relação com o teatro tem sido de reciprocidade, e sempre me preocupando com o que tenho feito com minha presença em cena. Considero que quando subo no palco não estou sozinha. Existiram muitos outros artistas negros que tiveram que lutar para poder estar ali diante do público, como por exemplo, a admirável Ruth de Souza. E o que digo e faço tem muita importância. Hoje, percebo que muitos colegas de profissão também têm essa preocupação. O que estou fazendo no palco? Apenas estar presente não é importante. O que tenho feito com minha presença no palco? Posso estar ali em cima reforçando o preconceito e o racismo, como também estar ali lutando para exterminá-lo. É ousado pensar desta maneira, mas acredito que, ao fazer minha parte, contribuirei para o fim dessa condição absurda e vergonhosa.

É preciso refletir a arte como um instrumento de transformação, como bem afirma Augusto Boal em seu livro *O teatro do Oprimido e outras poéticas* (1974). E que a mensagem de luta, mudança ou qualquer outra, consiga chegar na plateia. Foi assim, com esse propósito, que nasceu o Coletivo Panela Teatral. O nosso ponto de partida foi uma homenagem ao TEN. Nossa primeira cena, “*Império de Anjos*” (2017), uma mistura de duas cenas criadas pelo Teatro Experimental do Negro em “*Imperador Jones*” e “*Anjo Negro*”.

O Coletivo Panela Teatral surgiu em junho de 2017 como trabalho de conclusão da disciplina Teatro Cultura e Sociedade. O grupo foi inicialmente formado por seis discentes da Licenciatura em Teatro: eu mesma, Fernanda Carvalho, Thayane Abreu, Vitor Oliveira, Jailton Maia e João Nazaré. Logo ganhou a adesão de Lucas Resende, Wallace Cardoso e, mais recentemente, chegaram Gabriel Hipólito e Alex Martins. O nome surgiu pois nós sempre realizávamos juntos as atividades de disciplinas, e por isso fomos apelidados de panelinha. Resolvemos assumir o termo e criamos, de forma despretensiosa, a Panela Teatral. Coletivo potente que tem o Teatro Experimental do Negro como referência e inspiração para sua criação. A principal característica em comum com o TEN é ser formado por estudantes negros com o objetivo de afirmar a existência de atores negros e, ainda, que o racismo e o preconceito estão vigentes, não somente dentro da Universidade, mas em toda a sociedade. Esses atores, durante cada processo de criação, fortalecem sua consciência racial, sua identidade e seu lugar de fala. Como Djamila Ribeiro afirma:

*“Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando o poder.”*

(RIBEIRO, 2018, p. 81)

Além disso, também passaram pelo processo de reconhecer a importância de compartilhar suas histórias e desempenhar papéis de destaque, não apenas no palco, mas também na vida cotidiana, aprendendo a se tornar protagonistas de suas próprias vidas juntos. Há um antigo termo da região Sul Africana, originado na língua Zulu, pertencente ao grupo linguístico Bantu, que expressa isso de forma clara: Ubuntu, que significa literalmente "humanidade". "Eu sou o que sou por causa do que todos nós somos". Estamos sempre unidos na troca de conhecimentos e na busca por mudanças. Como Paulo Freire dizia:

*“É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é a resignação, mas a rebeldia em face às injustiças que nos afirmamos.”*

(FREIRE, 2006, p.78)

Resisti a um sistema de jornada estudantil que privilegia os que podem abrir mão de jornadas laborais. É mais difícil para os que não têm privilégios, para os que não são filhos da classe média e alta. Além de trabalharmos, nós enfrentamos a distância, a dificuldade de mobilidade entre a periferia da cidade ou baixada fluminense e a universidade. Do mesmo modo, os preconceitos vivenciados dentro de instituições de ensino superior. Sim. E foi este último ponto, o preconceito, o estopim para o surgimento, de fato, deste Coletivo.

Os estudantes, na sua maioria negros e periféricos, desde o ingresso na UNIRIO

percebiam a falta de empatia. No ano em que ingressei, 2014, e em uma aula, ao olhar em volta, na sala somente havia eu, e a Fernanda Carvalho, integrante do Panela, estudantes negras no meio de uma turma com mais de trinta alunos brancos. Por um lado, poderia se dizer: “nossa! Que bom! Pelo menos a gente está aqui, né?”. Mas aí, perguntei-me: por quê? Onde estão os outros estudantes negros? Ninguém quer estudar teatro? Em outra aula, eu ouvi um educador fazendo a seguinte afirmação: “ah, vocês são privilegiados! O correto seria estar trabalhando, mas estão aqui sentados, às 15h, estudando arte.” Atuando em cena ou entoando melodias, como uma mulher negra e periférica, muitas vezes nos é esperado que nos enquadremos nos estereótipos de domésticas ou babás. Essa realidade tem sido amplamente discutida ao abordarmos a posição da mulher negra na sociedade brasileira. No entanto, desejamos ir além. Queremos ter autonomia e poder de decisão sobre nossas vidas.

Como bem destaca Lázaro Ramos em seu livro "Na minha pele", o meu lugar não é onde o sistema, essa estrutura social e normativa, espera que eu esteja, mas sim onde eu decido estar. Se eu quiser ser operária, assim serei, desafiando os estereótipos impostos por esse sistema opressivo. Mas se eu desejar ocupar meu espaço na Academia, lá estarei, enfrentando as barreiras que o sistema historicamente impôs a pessoas como eu. É importante questionar e confrontar as estruturas sociais opressivas que compõem esse sistema, buscando a minha autonomia e liberdade de escolha em todas as áreas da minha vida. Meu pai sempre dizia: “filha, você estudando pode ser o que quiser. Até mandar. E não ser mandada. Ninguém vai enrolar vocês! Mesmo que para isso tenha que constatar a quase ausência dos pretos”. Ou ouvir certas afirmações como a citada acima. No começo, somente ouvia. Depois, passei a pensar de que maneira poderia mudar isso tudo. A semente já estava sendo germinada dentro de mim.

O tempo passou, o número de estudantes negros na universidade foi aumentando. Houve um episódio marcante no ano de 2017. Escreveram: “os pretos fedem” na parede do 3º andar do prédio da Escola de Teatro, do Centro de Letras e Artes. Nossa! Aquilo foi horrível! Parecia que não nos queriam ali. Em uma aula, ao debater sobre o ocorrido, eu mesma disse isso. Lembro que chorei ao falar. É tão difícil sonhar. É tão complicado fazer realizar. A empatia? Onde está na UNIRIO? E o racismo? Nada aconteceu. E ninguém soube quem praticou tal ato. O pior é que muitos discursos tão absurdos também vinham do corpo docente.

Ouvi de um dos professores: “ah, também sou considerado negro na Itália!” A turma toda, melhor, os estudantes negros da turma se levantaram e saíram. Ou ainda,

quando um professor considera o tema “Protagonismo Preto no Teatro” como não tão relevante e ultrapassado; ou ainda ver alunos pintados de pretos para fazer peça pois não havia estudantes negros para o papel. Já ouvi essa história antes! Ou ainda, outro mestre usar blackface com o propósito de homenagear os negros. Muitos casos que fizeram surgir discussões e pedidos de mudanças até mesmo nos conteúdos programáticos de certas disciplinas, pois também quase nada era abordado sobre o tema preto na sala de aula.

Nem o TEN, tão importante para a história do Teatro no Brasil, era mencionado na graduação. Em 5 anos de estudos, se ouvi sobre o assunto em duas ou três disciplinas o foi muito. Assim, após vivenciar tudo isso, no mesmo ano das pichações - 2017-, surgiu o Coletivo Panela. Foi em uma das aulas de uma determinada disciplina em que eram levantados diversos temas e debates. Um dos encontros foi especialmente marcante, porque, em meio a uma discussão mais acalorada, alguém afirmou que não existia racismo no Brasil. Nós - estudantes - poderíamos deixar o episódio de lado, sem dar muita importância, porém a afirmação havia nos marcado, especialmente os estudantes negros presentes em sala da Escola de Teatro. Ouvir aquelas palavras dentro da universidade, sabendo o que vivemos na pele todos os dias, doeu e fez inflamar a voz da turma. O autor da infeliz assertiva ainda disse que, se não há racismo, não haveria cabimento em falar sobre genocídio da juventude preta.

Se for assim, como explicar o que acontece todos os dias nas comunidades e favelas do Rio de Janeiro? A questão ficou pairando no ar por muito tempo. Para a finalização da disciplina, o trabalho de conclusão seria resgatar alguma discussão realizada em sala de aula e a proposição de um debate com a turma.

Aquela aula voltou à tona, pois organizamo-nos em grupo e buscamos textos teatrais que, de alguma maneira, revelassem o racismo ou que abordasse este tema diretamente. A busca foi difícil, mesmo na Biblioteca Central da UNIRIO. Encontramos, todavia, materiais sobre o Teatro Experimental do Negro. Os textos desse grupo estavam mal conservados, ainda datilografados e com partes danificadas. Mas, enfim, descobrimos o “*Imperador Jones*”, primeiro texto encenado pelo coletivo, de Abdias do Nascimento. Escolhemos um trecho que falava sobre a relação de poder e manipulação. Outro texto escolhido foi “*Anjo Negro*”, de Nelson Rodrigues. Neste, optamos pelo trecho em que Virginia afirma matar os filhos negros por terem nascido negros. Além disso, escolhemos também um poema de Victoria Cruz chamado “*Gritaram-me negra*” (“Me Gritaron Negra”), de Victoria Santa Cruz.

*“Eu tinha sete anos. Apenas sete anos quando de repente na rua gritaram: Negra! E por acaso eu sou negra/ Sim! E o tempo passava e sempre amargurada carregava em minhas costas a minha pesada carga. Até um dia que eu retrocedi, retrocedi e ia cair. Negra! E daí? Negra sim. Negra sou. Negra! Negra! Negra! Afinal compreendi. Afinal. Já não retrocedo. Afinal. E avanço segura. Afinal. Avanço e espero. E bem digo aos céus que quis Deus que Negro Azeviche fosse a minha cor. Eu já tenho a chave. Negra! Negra sou!!”*

(Trecho do poema *Gritaram-me Negra*, de Victoria Cruz.)

Todas as escolhas foram realizadas coletivamente. Queríamos falar sobre a nossa história e sobre racismo cometido de maneira intencional ou não, pelos brancos e também por irmãos negros, como mostra o trecho de *“Anjo negro”*:

*“Quando você era rapaz, não bebia cachaça porque achava cachaça bebida de negro. Nunca se embriagou. E destruiu em si o desejo que sentia por mulatas e negras. Estudava muito para ser mais que os brancos, quis ser médico. Só por orgulho, tudo orgulho. Jogou o quadro de São Jorge pela janela porque era santo de preto. Lembra que você disse que um dia sumiu de casa, depois de ter dito a sua própria mãe “sou negro por tua causa”.*

(Personagem Virginia, Anjo Negro, Nelson Rodrigues)

Há uma necessidade, imposta ao negro pela sociedade, de que ele queira embranquecer-se o tempo todo. O personagem Ismael quer ser médico, pois, segundo ele mesmo, é profissão de branco. Sua esposa Virgínia, durante as brigas do casal, confronta-o, dizendo que ele insiste em tal carreira para se firmar em uma dignidade branca. Interessante ressaltar que Virgínia é branca, ou seja, esta fala é dita por uma branca. Até que ponto querer ascender é coisa de branco? Estar no topo não é mérito de negro? Essa busca do negro para se igualar ao branco acaba por se desmerecer enquanto negro? De acordo com Franz Fanon, “O negro quer ser branco, o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, do livro, p.27). Ou seja, para se considerar humano é necessário observar o branco e seguir seus passos.

Isso é o que a sociedade impõe: ser branco. Quando uma novela que se passa na Bahia, por exemplo, exclui atores negros, está comunicando que a cidade mais negra do Brasil não é negra. Considerando que a televisão é um meio de grande influência cultural e que imita a vida, por que não vemos os negros? Onde eles estão? Essa exclusão ocorre desde sempre e há um objetivo por trás.

Como afirmou Miriam Garcia Mendes, o embranquecimento da raça negra é "uma estratégia de genocídio" que ocorre por meio de um processo de mulatização. Existe a ideia de que a branquitude é o padrão do que é belo e bom (MENDES, 1993, p. 143). O termo "branquitude" se refere à construção social, cultural e política da identidade branca. Ele engloba os privilégios, as normas e as estruturas de poder associadas à identidade branca em determinado contexto sociocultural. A branquitude é um conceito que aborda a forma como a identidade branca é percebida e vivenciada, influenciando a hierarquia racial e a distribuição desigual de poder na sociedade.

O "branqueamento" é o processo de assimilação e valorização da identidade branca em detrimento de outras identidades étnicas. O branqueamento está associado à ideia de que a branquitude é superior e desejável, enquanto outras identidades são vistas como inferiores. Já o "branqueamento" é um processo social, histórico e cultural de assimilação e valorização da identidade branca em detrimento de outras identidades étnicas. O branqueamento está associado à ideia de que a branquitude é superior e desejável, enquanto outras identidades são vistas como inferiores. Assim, quanto mais perto da cor branca melhor.

Personalidades como Chiquinha Gonzaga ou Machado de Assis têm estado na cabeça do imaginário de muitos como brancos, por exemplo, em razão desse processo ingrato. Porém, eles eram pretos, de ancestralidade afro-brasileira.

O embranquecimento é uma realidade histórica, mas hoje lutamos para contar a verdadeira história. Quando digo isso, é para afirmar que não é necessário ser branco para ser considerado humano. Posso ser quem eu quiser, do meu jeito, na minha cor. Tenho consciência de que enfrentarei mais dificuldades. Terei que me esforçar o dobro ou até mais em tudo o que faço. No entanto, é importante reafirmar com orgulho minhas raízes e valorizar minha história. Sou negra e, se desejar ser médica como Ismael, posso. Mesmo que as circunstâncias tentem me levar em outra direção.

Dessa forma, voltando ao *Anjo Negro*, quando Ismael manifesta o desejo de ser branco, ou de ter uma profissão dos brancos, está fazendo uma crítica social à ideia de que somente brancos teriam capacidade de ser médico. E, para ascender e ser

respeitado, Ismael precisava agir como branco.

As profissões de poder não estão nas mãos dos negros. Volto às reflexões: Quantas professoras negras? Quantos presidentes? Quantos donos de empresa? Quantos protagonistas de novelas? Quantos âncoras de telejornais? Quantos médicos? Quantas escritoras? Quantas pesquisadoras?

Em outro momento da cena curta *“Império de Anjos”*, que considero um marco, na narrativa, há o resgate da Cultura Negra, com músicas da capoeira ou de Orixás, e da, como a canção “Eu vim de Angola”.

*“Eu vim de Angola é  
Eu vim de Angola a  
Eu vim de Angola é  
Eu vim de Angola a...”*

Durante esta performance, a encenação e o canto se unem para criar uma experiência artística envolvente, transmitindo a narrativa da chegada dos ancestrais ao Brasil e a diversidade cultural que compõe a identidade brasileira, a partir da representação de um navio.

Os movimentos dos artistas em cena, seus gestos e posturas são cuidadosamente coreografados para retratar a jornada histórica e emocional dos antepassados. Os corpos dos performers se tornam instrumentos expressivos, transmitindo através de sua dança a história, a resiliência e a diversidade das diferentes origens e culturas presentes no contexto da chegada ao Brasil.

E o Ocanto complementa a partitura, trazendo ainda mais profundidade e emoção à performance. As vozes dos cantores entrelaçam-se harmoniosamente, transmitindo as histórias e os sentimentos que permeiam essa jornada. A música serve como uma conexão entre o passado e o presente, celebrando a herança cultural e ressaltando a importância de reconhecer e honrar as raízes de cada indivíduo. surge uma Outro canto de capoeira angola que narra um pouco a vivência dos negros e desejo pela liberdade é este:

*“Eu não quero ficar aqui  
Lá pra senzala eu não quero ir  
Hoje eu vou me libertar  
Vou lá pra capoeira  
Vou encontrar Zumbi”*

*“Império de Anjos”* traz, um grito reprimido sentido na pele dos atores,.

Mostra como a cultura afrocentrada está entrelaçada com a dramaturgia fortemente, colocando como protagonistas os estudantes que, como disse um jurado em um Festival,, pareciam que não estavam atuando, pois, segundo ele, estávamos interpretando o texto da forma como nós falaríamosValladares”. De certo modo, concordo com tal afirmação com tal afirmação. Quando o poema “Gritaram-me negra” sai da minha boca, arre pia a pele, preenche o peito e a lágrima cai , não de tristeza, mas por olhar nos olhos da plateia e vê-los aliados, pois toda vez há identificação. Há um “eestamos juntos” implícito nos olhares. Ubuntu! Meus colegas de cena e com a plateia.

Cada parte escolhida para a criação da cena curta “*“Império de Anjos”*” tinha o propósito de provocar reflexão. Com este trabalho,, ganhamos o FESTU, Festival Universitário no ano de 2017. Animados, montamos o nosso segundo espetáculo “Ipa Ona” que teve a estreia no mês de agosto de 2018, no Parque das Ruínas, em Santa Tereza.

O processo de montagem desta obra foi impulsionado por questionamentos profundos, com o objetivo de desvendar nossas origens e nossa história. O título "Ipa Ona", que significa "caminhos", reflete essa busca. Surgiu então o questionamento: qual caminho te trouxe até aqui? A investigação concentrou-se em explorar as raízes e a herança afro-brasileira que foram perdidas ao longo da trajetória histórica do povo negro, marcada por "cortes" e "rupturas", devido ao processo escravocrata que ocorreu no Brasil. Através dessa montagem, buscamos reconstruir os caminhos que nos trouxeram até o momento atual, resgatando a memória, valorizando a cultura afro-brasileira e examinando as feridas históricas que ainda persistem. É uma tentativa de compreender as complexidades e as lutas enfrentadas pelos negros ao longo da história. Nessa jornada de autoconhecimento e reflexão, esperamos despertar a consciência coletiva e promover diálogos sobre a importância de reconhecer e valorizar a herança afro-brasileira, bem como enfrentar os desafios presentes relacionados à desigualdade racial.

A construção desta obra começou com a leitura de textos e uma extensa pesquisa sobre o tema. Além disso, tivemos encontros com profissionais que são especialistas em música, movimento corporal e canto, com base em nossa própria ancestralidade. Exploramos a dança afro, utilizando instrumentos construídos artesanalmente e aprofundamos nossa pesquisa sobre o povo Bantu. Durante um período de oito meses, nos dedicamos aos ensaios intensivos, de três a quatro dias por semana, com cerca de quatro horas por dia. Nesses ensaios, fomos traçando a mistura entre o passado e o

presente, entre nossa ancestralidade e a contemporaneidade negra que está presente em nós e ao nosso redor.

Cada momento dedicado a essa construção artística foi uma oportunidade de mergulhar profundamente em nossas raízes, de honrar a herança cultural que carregamos e de expressar, por meio da dança, da música e do canto, as complexidades e as vivências da negritude. Esse processo meticuloso e intenso nos permitiu criar uma experiência que reflete a interseção entre passado e presente, entre tradição e inovação, e que nos conecta com nossas identidades como artistas e como seres negros em busca de ressignificação e valorização de nossa história.

Durante o processo criativo, nós, como estudantes de licenciatura e membros do coletivo, propusemos uma série de jogos e atividades que desempenharam um papel fundamental na nossa busca por uma expressão autêntica. Investimos tempo precioso na leitura de notícias de jornais, livros e poemas atuais, buscando nos manter atualizados e conectados com a realidade em que vivemos.

Discussões apaixonadas e envolventes também foram uma parte vital do nosso percurso. Utilizamos vídeos e filmes como ferramentas para expandir nossos horizontes e explorar novas perspectivas. Cada um de nós se envolveu ativamente nesse processo criativo, colocando nossas vozes e experiências em cena. Foi uma jornada emocionante e enriquecedora, onde cada integrante do coletivo desempenhou um papel crucial e contribuiu com suas próprias vivências e pontos de vista, trazendo uma variedade de ideias e reflexões para a mesa. Todos nós estávamos comprometidos e presentes, dedicando nosso tempo e energia para criar algo verdadeiramente significativo.

Essa abordagem colaborativa e participativa foi essencial para a construção de uma narrativa autêntica, que ressoa com o público e aborda questões profundas sobre identidade, ancestralidade e a busca por reconhecimento. Acreditamos firmemente na importância de valorizar nossas vozes individuais e coletivas, e o resultado final reflete essa convicção.

O texto escolhido para embasar “*Ipa Ona*” é baseado na história de Kimpa Vita, uma sacerdotisa do Congo que lutou pela preservação de seus costumes e tradições. Infelizmente, sua luta foi interrompida de forma trágica, sendo queimada até a morte. Assim como Kimpa Vita, Maria, personagem do livro ““*Olhos d'Água*””, de Conceição Evaristo, também enfrentou uma trágica realidade, sendo vítima de linchamento.

Essas histórias impactantes destacam a coragem e a resistência daqueles que desafiam as normas sociais opressivas em busca de sua identidade e dignidade. Elas nos

confrontam com a violência e a injustiça presentes em nossa sociedade, fazendo-nos refletir sobre a importância de combater essas estruturas opressoras.

Em “*Ipa Ona*”, buscamos trazer à tona essas narrativas poderosas, honrando a memória e a luta dessas mulheres. Através da arte e da expressão, procuramos gerar questionamentos e promover a consciência sobre as injustiças e desigualdades que persistem até os dias de hoje. É um chamado para a reflexão e ação, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. A cor da pele traz muita história mesmo sem dizer nada. É passado e presente provando que muito ainda tem que ser feito para a mudança.

É muito relevante colocar no palco o grito do povo que é diariamente massacrado pelas elites, como faz Sérgio Vaz em seus manifestos poéticos. Na nossa dramaturgia, como própria da linguagem do Coletivo, partimos de vários textos contemporâneos em uma adaptação e costura e temos, além de Conceição Evaristo, José Mena e Sérgio Vaz em nossos relatos. Bem atual! De preto! De luta! De grito! Somos artistas que brigam e têm como principal objetivo levar a mensagem que muitas vezes não quer ser ouvida. Somos atores da periferia e da baixada. Somos estudantes de Teatro. Somos artistas artesãos, desses que colocam a mão na massa. Trabalhamos com a palavra COLETIVO em letras garrafas! O caminho a ser traçado é o mundo!

“Todo dia o coro come, mais um corpo na Avenida. O que é que vou fazer aqui?” (trecho da música de abertura de “*Ipa Ona*”). “Tenham medo sim. Somos nós os famintos, os que dormem em calçadas frias, os assalariados esmagados no trem. Os que na tua opinião nem deviam ter nascido” (trecho da Peça “*Ipa Ona*”, Coletivo Panela Teatral).

O espetáculo estabeleceu um diálogo entre a história da heroína do Congo e as emocionantes palavras da atualidade, contos e poemas. Abordou também o genocídio da população negra, mostrando que, do século XVII ao XXI, negras e negros foram e ainda são executados e que é necessário falarmos sobre isso num ambiente onde o campo de criação de pensamento e a circulação de diversas pessoas de classes sociais e étnicas é tão abundante como nas universidades brasileiras. Acreditamos que apresentar a peça “*Ipa Ona*” é trazer a ótica de uma universidade menos “eurocentrada”.

Contamos as histórias de mulheres fortes que lutam para valorizar as suas origens. Enaltecendo sua essência e sendo protagonistas. Esse é o ponto. Neste trabalho do Coletivo, somos os donos da história. São atores negros contando suas próprias histórias. Retomando a palestra de Chimamanda Adichie, a nossa narrativa em cena mostra que a história não é única.

O espetáculo teve a sua ficha técnica formada por profissionais negros e negras. Muitos amigos artistas contribuíram para a criação desse trabalho, como Vilma Melo, a primeira atriz negra a ganhar o Shell no ano de 2018, que assumiu a direção; Fernanda Dias, que fez preparação corporal; Fabio Mukanya, que fez a orientação de músicas; Negro Lopes, direção de canto, dentre outros. Ter uma ficha majoritariamente negra também é um ato político de resistência e valorização de nós por nós mesmos.

É gratificante constatar a relevância do nosso coletivo de estudantes em trazer essa discussão para o âmbito acadêmico. Ao longo desses dois anos juntos, desde aquela aula polêmica, temos construído um trabalho coletivo incrível, com duas cenas curtas, e um espetáculo completo.

Essas produções têm sido apresentadas em diversos saraus, festivais e escolas municipais, alcançando diferentes públicos e espaços de discussão. É gratificante ver como nossos trabalhos têm sido reconhecidos e valorizados, conquistando prêmios em áreas como direção, atuação, composição cênica, música, entre outros. Essas conquistas são reflexo do nosso comprometimento, dedicação e da qualidade artística que temos buscado alcançar em cada projeto. Além disso, evidenciam a importância dessas temáticas e narrativas que abordamos, ressaltando a relevância de trazer vozes marginalizadas para o centro do debate.

Seguiremos adiante, fortalecendo nosso coletivo e continuando a explorar novas formas de expressão, sempre buscando ampliar nosso alcance e promover reflexões críticas por meio da arte.

Um marco importante para a nossa história como grupo foi nossa ida ao UFBA para apresentar "*Império de Anjos*" no Fórum de Artes Negras no mês de abril de 2018. Pisar naquele lugar e realizar a nossa apresentação para os nossos foi incrível e inesquecível! Tudo debaixo do Sol. Mãos unidas com o propósito de mandar a mensagem ao público.

Atualmente, estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre a busca de nossa própria história e de nossa ancestralidade, experimentando uma linguagem própria. Partindo do que afeta o coletivo, discutimos e vamos expressar com nosso corpo. Jogos de Augusto Boal, dança afro e músicas de matriz africana ajudam-nos a colocar no corpo os debates mais relevantes.

Seguimos juntos até 2019 com a luta, sempre inspirados pelo Teatro Experimental do Negro!



*“Império de Anjos”, Centro de Letras e Artes, UNIRIO, junho de 2017.*

#### **Espetáculos do Coletivo Panela Teatral:**



*“Ipa Ona” (2018). Teatro Parque das Ruínas, 2018. Foto: Diogo Nunes.*



*“Império de Anjos”*. Teatro Raul Cortez. 2018. Foto: Danilo Sérgio.



*Grita!* (2019). Em um ritual, mulheres queimam o patriarcado em um grito vigoroso de luta. O machismo é posto à mesa, servido à luz de velas, em cortes miúdos são degustados pela protagonista. O que nos engasga ecoa em cena ritualística de corpos femininos em ascensão diante do opressor. Teatro Nathalia Timberg, 2019. Foto: Divulgação FEST.

O Teatro Experimental do Negro se firmou como pioneiro e de grande envergadura na luta contra o racismo, contribuindo para as gerações contemporâneas de maneira relevante. Se podemos, nós artistas negros, subirmos hoje no palco, foi pelo empenho dos que vieram antes de nós. Estes que fizeram grandes mudanças sociais e artísticas para a negritude no Brasil.

Como uma autêntica escola quilombola, o TEN desempenhou um papel abrangente, indo além das artes, ao buscar proporcionar oportunidades de participação cívica e social a uma comunidade completamente marginalizada. Nos anos 1944 e 1945, a instituição ministrou cursos de alfabetização e iniciação cultural, que reuniram até 600 participantes. Com essa valiosa contribuição, compreendemos o Teatro Experimental do Negro como um quilombo inspirador de gerações, fortalecendo os indivíduos e impulsionando o processo emancipatório rumo ao futuro.

Ao cruzarmos o pensamento descolonial com a perspectiva de aquilombamento desenvolvida pelo mestre Abdias do Nascimento, reafirmamos a importância fundamental da crítica à lógica da colonialidade. Isso implica romper com a mentalidade colonial, especialmente no que se refere a um determinado povo que sofreu com o processo de colonização.

O pensamento decolonial e o pensamento descolonial são abordagens teóricas que emergiram no campo dos estudos pós-coloniais e buscam desafiar e desconstruir a dominação e opressão resultantes do colonialismo. Embora compartilhem objetivos semelhantes, e sejam fundamentais para desafiar as estruturas coloniais e promover uma sociedade mais inclusiva e equitativa, existem algumas diferenças conceituais entre esses termos. O pensamento decolonial refere-se a uma corrente de pensamento que busca analisar criticamente as estruturas de poder e as hierarquias sociais estabelecidas durante o período colonial. Seu foco está em desnaturalizar as categorias estabelecidas pelo pensamento colonial, desafiando as formas de conhecimento, instituições e relações sociais que perpetuam a dominação. O pensamento decolonial busca recuperar a voz e a perspectiva dos povos colonizados, reconhecendo suas identidades e conhecimentos próprios.

Por outro lado, o pensamento descolonial vai além da análise crítica das estruturas coloniais, buscando também formas de ação e transformação social. Ele enfatiza a necessidade de descolonizar os sistemas de conhecimento, as instituições e as práticas sociais, desafiando as estruturas de poder existentes e promovendo a construção de alternativas e possibilidades emancipatórias. O pensamento descolonial busca não

apenas desconstruir, mas também reconstruir, a partir de ações transformadoras, uma nova ordem social que seja justa, igualitária e emancipatória.

Precisamos romper de forma absoluta com esse processo cruel de dominação, que vai além do aspecto físico e se apropria das mentes, moldando o modo de pensar deixado pela colonização. É necessário combater a colonialidade, que persiste como uma estrutura de poder e perpetua o eurocentrismo como forma de controle sobre as subjetividades e as existências, mesmo após o aparente "fim" do colonialismo. Portanto, urge uma transformação profunda de nossos pensamentos, buscando a decolonialidade em todas as esferas do poder. É crucial promover outras formas de representatividade e diversidade, ocupando posições diferenciadas e ampliando a gama de vozes e perspectivas que constituem nosso mundo.

Quando mencionei o aspecto físico no contexto da dominação, estou me referindo à opressão que vai além das dimensões mentais e emocionais e se manifesta também no corpo físico das pessoas. Historicamente, o colonialismo impôs uma hierarquia racial e étnica que resultou em violência, exploração e discriminação contra determinados grupos, baseada em características físicas, como cor da pele, traços faciais e origem étnica. Essa opressão física pode incluir a escravidão, a segregação racial, a violência policial, os abusos físicos e a negação de direitos básicos, entre outras formas de opressão que afetam diretamente o corpo das pessoas marginalizadas. Além disso, as consequências do colonialismo na saúde, nutrição e bem-estar físico das comunidades colonizadas também são aspectos evidentes.

Portanto, quando falamos em romper com a dominação física, estamos nos referindo à necessidade de combater todas as formas de violência e discriminação que afetam o corpo das pessoas, buscando igualdade, justiça e dignidade para todos, independentemente de sua aparência física ou origem étnica. É uma luta por libertação e empoderamento dos corpos marginalizados, reconhecendo sua humanidade plena e valor intrínseco.

*“O chicote estala, mas esse povo não se cala”*, como afirma o poeta da periferia Sérgio Vaz<sup>5</sup> (2016), no seu livro *“Flores de Alvenaria”*, em sua poesia *“Somos nós”*. Seguimos, resistindo e transformando a cada dia nosso futuro, alcançando nosso lugar de direito.

---

<sup>5</sup> Fundou em 2000 a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa). Também foi o criador do Sarau da Cooperifa, que, semanalmente, reúne cerca de 400 pessoas no Jardim Guarujá para ler e criar poesia [3]. Promoveu, em 2007, a Semana de Arte Moderna da Periferia, inspirada na Semana de Arte Moderna de 1922. Criou outros eventos, como a Chuva de Livros; o Poesia no Ar, em que papéis com versos são amarrados a balões de gás e soltos no ar; e o Ajoelhaço, em que homens se ajoelham na rua para pedir perdão às mulheres no Dia Internacional da Mulher. Foi escolhido pela revista *Época* um dos 100 brasileiros mais influentes de 2009[4][5][6]. Foi homenageado pela escola de samba Imperatriz do Samba, do primeiro grupo de Taboão da Serra, que apresentou o enredo *Sérgio Vaz, o poeta da periferia*[7].

*“Somos Nós*

*Vocês dizem que não entendem  
Que barulho é esse que vem das ruas  
Que não sabem que voz é essa  
Que caminha com pedras nas mãos  
Em busca de justiça, porque não dizer, vingança*

*Dentro do castelo, às custas da miséria humana  
Alega não entender a fúria que nasce dos sem causas  
Dos sem comidas e dos sem casas.  
O capitão do mato dispara com seu chicote  
A pólvora indigna dos tiranos  
Que se escondem por trás da cortina do lacrimogêneo*

*O CHICOTE ESTALA, MAS ESSE POVO NÃO SE CALA...*

*Quem grita somos nós,  
Os sem educação, os sem hospitais e sem segurança.  
Somos nós, órfãos de pátria  
Os filhos bastardos da nação.  
Somos nós, os pretos, os pobres,  
Os brancos indignados e os índios  
Cansados do cachimbo da paz.*

*Essa voz que brada que atordoa seu sono  
Vem dos calos das mãos, que vão cerrando os punhos  
Até que a noite venha  
E as canções de ninar vão se tornando hinos  
Na boca suja dos revoltados.*

*Tenham medo sim, Somos nós, os famintos,  
Os que dormem nas calçadas frias,  
Os escravos dos ônibus negreiros,*

*Os assalariados esmagados no trem,  
Os que na tua opinião,  
Não deviam ter nascido.*

*Teu medo faz sentido,  
Em tua direção  
Vai as mães dos filhos mortos  
O pai dos filhos tortos  
Te devolverem todos os crimes*

*Causados pelo descaso da sua consciência.  
Quem marcha em tua direção?  
Somos nós, os brasileiros  
Que nunca dormiram  
E os que estão acordando agora.  
Antes tarde do que nunca.  
E para aqueles que acharam que era nunca, agora é tarde.”*

(Vaz, Sérgio. 2016)

Seguindo essa maneira de persistência e indo ao encontro da decolonialidade, façamos como flores que nascem em meio à selva de pedra. Já vimos que, mesmo em cidades tomadas por concretos, às vezes nascem brotos entre uma fresta e outra? Sejam os nós, que lutamos por equidade, essas fissuras de respiros, emergindo beleza em meio a tantos obstáculos. Tentaram e ainda tentam nos calar, mas também há por aí inspirações em busca de uma real mudança nas estruturas.

Queremos um “quilombo urbano”. Aquilombar é o que nos fortalece. O Coletivo Panela Teatral inspirado em outro quilombo, o TEN, podemos dizer que fez esse movimento, ao ir se juntando aos seus pares de interesses comuns e buscando um local seguro de reflexões e provocações ligadas a suas próprias subjetividades. Assim, como Beatriz Nascimento afirma, o quilombo é o lugar de paz e que está orientado pelo anseio em se libertar, para que se fortaleça o processo de irmos juntos.

## 2.3 – Espaço Quilombólico

*Eu não quero sair daqui  
Lá pra senzala eu não quero ir  
Hoje vou me libertar  
Vou lá pra capoeira  
Vou encontrar Zumbi.  
(Capoeira Angola)*

Abdias do Nascimento (2019) afirma que o povo negro de todo o mundo, africanos e seus descendentes em diáspora, tem o desejo de resgatar, recompor e retornar em harmonia a relação estabelecida entre homem, natureza, trabalho e cultura. Assim, surgem alguns espaços que, inspirados pelas características quilombolas e considerando relevante o movimento decolonial, acolhem e funcionam como verdadeiros quilombos urbanos. A imagem das comunidades periféricas permeia a mente. Acredito que as favelas, no imaginário leigo, poderiam até ser consideradas quilombos, por abrigar, em sua maioria, a população negra, e ser refúgio para o encontro de uma vida em comunidade.

A favela é um território vibrante, onde a criatividade flui e uma cultura única se desenvolve, mantendo-se como um conjunto de coletividades. Assim como nos antigos quilombos, a vida comunitária é essencial na favela, onde cada indivíduo desempenha um papel fundamental para o bem-estar do grupo. Nesse contexto, o espírito de solidariedade e união prevalece, permitindo que nos organizemos em prol do bem comum, uma vez que o governo falhou em proporcionar a inclusão dos negros na sociedade após a abolição da escravidão. É nessa realidade que a favela se destaca, resistindo às adversidades e encontrando maneiras de enfrentar os desafios cotidianos. Apesar das limitações e da falta de apoio governamental, a comunidade da favela demonstra resiliência e determinação, promovendo iniciativas coletivas para suprir necessidades e buscar melhores condições de vida. É nesse contexto de autossuficiência e força coletiva que a favela se mantém como um exemplo de superação, preservando sua identidade cultural e social.

Indivíduos das favelas estão criando espaços quilombólicos para resgatar as práticas ancestrais e fortalecer sua identidade. Esses espaços promovem a valorização da cultura e a construção de uma narrativa mais empoderada. São locais de encontro, compartilhamento de conhecimentos e transformação social.

Em setembro de 2022 conheci a Escola Comunitária Quilombista Dandara dos Palmares, situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, no Complexo do Alemão<sup>6</sup>, uma das maiores favelas da cidade, onde também são encontrados espaços quilombólicos que buscam resgatar as práticas ancestrais e fortalecer a identidade da comunidade. Esses locais se tornam pontos de encontro, compartilhamento de conhecimentos e transformação social, promovendo a valorização da cultura local.

A Escola Quilombista Dandara dos Palmares é uma instituição educacional autônoma que tem como objetivo resgatar a história e a cultura afro-brasileira, inspirada nos princípios dos quilombos, especialmente o de Palmares. Sua proposta pedagógica valoriza a ancestralidade, promove a autoestima e a identidade negra, e busca criar um ambiente inclusivo, crítico e reflexivo. A escola é gerida pelos próprios moradores da favela e não recebe auxílio governamental ou privado. A equipe de voluntários trabalha de forma dedicada, contando com doações de amigos, parceiros e com a orientação de Zilda Chaves, uma figura importante na comunidade. A faixa etária atendida vai dos 5 aos 12 anos e a instituição oferece uma variedade de atividades de apoio afetivo, social e pedagógico. Durante a pandemia, as atividades da escola foram interrompidas, mas a instituição se tornou um importante apoio na distribuição de kits de higiene pessoal, produtos de limpeza doméstica e remédios. A Escola Quilombista Dandara dos Palmares desempenha um papel fundamental na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial, valorizando a diversidade e fortalecendo a comunidade local.

A Escola Quilombista Dandara dos Palmares, fundada em 2017, tem como fundamento a educação antirracista. Seu principal objetivo é proporcionar às crianças uma educação que vá além do tradicional, de maneira lúdica e envolvente, difundindo os ensinamentos de sua ancestralidade, territorialidade e cultura. A escola busca desenvolver o potencial humano das crianças, incentivando-as a trazerem de volta para seu território as aprendizagens adquiridas, sempre pensando no bem coletivo. Através de uma abordagem pedagógica comprometida com a valorização da identidade negra, a escola busca desconstruir estereótipos e preconceitos, fortalecendo a autoestima e o orgulho das crianças em relação à sua origem. Além disso, a ênfase na coletividade e no

---

<sup>6</sup> O **Complexo do Alemão**, popularmente chamado de **Morro do Alemão** ou simplesmente **Alemão**, é um bairro que abriga um dos maiores conjuntos de favelas da Zona da Leopoldina, na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Durante muitas décadas, foi considerado uma das áreas mais violentas da cidade,<sup>[4]</sup> porém, desde 2011, o governo do estado vem atuando no bairro através das unidades de polícia pacificadora, o que tem trazido resultados positivos quanto à diminuição dos índices de violência no bairro.<sup>[5][6]</sup> Segundo o censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, seu Índice de Desenvolvimento Humano era de 0,711, o 126º e último colocado da cidade do Rio de Janeiro.<sup>[1]</sup> Sua principal comunidade é o Morro do Alemão, embora haja dezenas de comunidades pertencentes ao morro, espalhadas por extensões territoriais enormes. É oficialmente um bairro, mas devido a sua enorme extensão, os limites da área do bairro e das favelas pertencentes aos morros se misturam com outros bairros da Zona Norte da capital, como Ramos, Higienópolis, Olaria, Penha, Inhaúma e Bonsucesso. Fonte: Wikipédia.

pertencimento ao território reforça a importância da solidariedade e da construção de uma comunidade unida. A Escola Quilombista Dandara dos Palmares oferece um ambiente acolhedor e propício para o aprendizado, onde as crianças são encorajadas a expressar-se livremente, a conhecer e valorizar sua cultura, e a se tornarem agentes de transformação em suas comunidades. Através dessa abordagem, a escola busca contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e consciente da importância da diversidade.



Zilda Chaves na Escola Quilombista Dandara dos Palmares. Foto: Graciana Valladares.

Acervo pessoal. Setembro, 2022.

“Aqui acaba sendo um quilombo”, como diz Dona Zilma Chaves, idealizadora da Escola em nossa conversa no Espaço.

Ao entrar na Escola, percebi o quanto ainda precisamos nos movimentar em direção à mudança. Mas também entendi que estamos fazendo alguma ação concreta, transformando consciências e pequenos mundos internos. Bell Hooks afirma que “podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.” (Hooks, Bell. 2017. p. 36). Quando se muda a consciência, é possível

afirmar que se pode mudar formas de olhar o mundo externo. Mundo este que, assim como as pessoas, está em constante transformação. Para as pessoas negras, esta vem de forma mais lenta e custosa, já que implica em deixar de ser vista como objeto para ser compreendida como sujeito e dona da sua própria história, como protagonista de sua trajetória.



Foto: Graciana Valladares. Imagens de referência na sala de alfabetização. Setembro. 2022.

As atividades oferecidas na Escola Quilombista Dandara dos Palmares incluem aulas de reforço escolar, música, artes, xadrez, audiovisual, leitura, capoeira e contação de histórias, todas fundamentadas em referências e representatividades negras. O ambiente da escola é impregnado da essência da ancestralidade, identidade e memória da cultura negra. Desde mapas do continente africano até imagens e referências de personalidades negras, como Iza, Neymar, Carolina Maria de Jesus e Elza Soares, as crianças são constantemente expostas a exemplos inspiradores que demonstram que todos os lugares podem ser ocupados por pessoas negras. Na escola, é possível perceber a presença de referências negras em todos os espaços, desde imagens nas salas de aula até frases nas portas, além da valorização da literatura negra. Essa abordagem busca criar um novo imaginário para as crianças, quebrando estereótipos e combatendo o

estigma associado ao Complexo do Alemão e a outras comunidades periféricas do Rio de Janeiro, que muitas vezes são retratadas negativamente pela mídia.

A Escola Quilombista Dandara dos Palmares oferece um espaço de aprendizado onde as crianças são encorajadas a se reconhecerem como agentes de transformação, promovendo a autoestima, a consciência de sua história e cultura, e a construção de uma identidade positiva. Ao proporcionar um ambiente inclusivo e repleto de referências representativas, a escola desafia os estigmas e contribui para a formação de cidadãos conscientes e empoderados.

“Graci, todo bandido é negro.”

(Adolescente, 12 anos)

“Por que quem mora na rua na sua maioria é preto?”

(Criança, 6 anos)

“Na favela, só tem gente preta!”

(Criança, 7 anos)

É fundamental transformar a perspectiva de referências negativas impostas pelo racismo estrutural e mídia. Espaços como a Escola Quilombista Dandara dos Palmares desempenham um papel importante nessa mudança. Por meio de uma educação transgressora e valorização da autodeterminação, podemos romper com o curso histórico de discriminação. Essa abordagem busca desconstruir estereótipos, promover a representatividade e inspirar as crianças a serem protagonistas de suas vidas. A educação e espaços de resistência são fundamentais para criar um futuro igualitário e justo.

A Zona Norte do Rio de Janeiro pode ser vista como um quilombo urbano, enfrentando desafios como assaltos, violência e desigualdades sociais. Ao estabelecer um local de acolhimento e escuta nesse ambiente hostil, surgem oportunidades de transformação. Ao unirmos esforços e buscarmos alternativas, podemos melhorar o contexto em que vivemos.

É nesta perspectiva que existem movimentos como o da Escola Quilombista Dandara dos Palmares ou o Teatro na Zona Norte, projeto de teatro. Ambas as iniciativas, mesmo sem o apoio dos órgãos públicos, seguem tentando fazer fissuras de

respiro de esperança nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro.

A proximidade entre o Quilombo da Machadinha (Quissamã, interior da cidade do Rio de Janeiro), a Escola Quilombista Dandara dos Palmares (Complexo do Alemão) e o Projeto Social e Artístico Teatro na Zona Norte (Cavalcante, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro) está em serem espaços de convivência de indivíduos majoritariamente negros, que comungam do mesmo objetivo original de um quilombo: ser um lugar de refúgio e acolhimento.



Foto: Luiz Felipe Machado. Baobá. Quilombo da Machadinha, Quissamã. Novembro, 2022.

“Minha professora tem o cabelo igual ao meu”. A representatividade negra estará à frente na responsabilidade do fazer artístico. Um compromisso de forjar e sustentar mais espelhos vivos de coragem no futuro. Coragem em ser quem se quiser ser, fazendo mudanças e transformações, partindo do autoconhecimento através da arte e da cultura. Lecionar é fundamentalmente uma ação política, pois tem raízes na luta antirracista. Tendo o aprendizado como ato de revolução e liberdade.

*“Podem te tirar tudo. Menos o seu conhecimento.”*

(Carlos Roberto de Souza, meu pai).

Sempre fui de ouvir os mais velhos e colocar em prática tudo que aprendo. A prática de ouvir, para Bell Hooks, é transgressora. Quando ouvimos uns aos outros, podemos nos reconhecer na presença uns dos outros e valorizar, assim, a presença de verdade de cada indivíduo. E é esse movimento que transforma a prática em liberdade. A mudança começa em cada um.

### Capítulo 3 : O Teatro na Zona Norte: Ressignificação e tomada consciência

*Podemos ensinar de um jeito que  
transforma a consciência, criando um clima de  
livre expressão que é a essência de uma educação  
em artes liberais verdadeiramente libertadoras.  
(Bell Hooks)*

Era o primeiro dia de aula para E., uma menina de olhos vivos e atentos. Havia um lindo laço branco no cabelo escuro e cheio de ondas que cresciam para o alto. Pele negra. Apenas quatro anos. Sorriso cativante. Tive a impressão de que ela não estava tão envolvida com os jogos teatrais que eu propunha. Na verdade, ela era muito novinha para estar ali e experimentava para saber se ia gostar de participar das aulas de teatro. Inicialmente, o Projeto Teatro na Zona Norte era voltado para crianças maiores de 6 anos. E., tinha apenas 4. As propostas eram direcionadas para esta faixa etária.

Sua mãe a levou motivada pelos questionamentos da menina: “Por que existem pessoas negras e outras brancas?”. A mãe, sabendo que a proposta do Projeto de Teatro na Zona Norte era trabalhar o eu, o outro, o espaço e a comunidade, considerou aquela uma ótima oportunidade para a criança começar a entender sua negritude. A mãe de E. me contou que, após a primeira aula, ao chegar em casa, o pai perguntou:

— *Filha, como foi a aula de teatro?*

Ao que a menina respondeu:

— *Pai, a professora tem o cabelo igual ao meu.*

Em relato pessoal, enviado para mim via plataforma digital, o messenger, a mãe comentou: “Poder ver minha filha negra ter uma referência me deixa sem palavras. Acho que será uma ótima oportunidade para ela se reconhecer.” (M. 24/03/2019).

Essa simples troca de diálogo entre pai e filha e a mensagem da mãe revelam como a presença de uma professora com cabelo similar ao de E. pode ter um impacto significativo na identificação e no sentimento de pertencimento da criança. Essa conexão visual e a representatividade proporcionam um espaço onde E. pode se enxergar e se identificar, construindo uma base sólida para o desenvolvimento de sua autoestima e compreensão de sua negritude.

É fundamental reconhecer a importância desses encontros e oportunidades em ambientes educacionais, especialmente para crianças em busca de respostas sobre sua identidade. Ao proporcionar referências positivas e inclusivas, como no caso da professora do projeto de teatro, estamos fortalecendo o sentimento de valorização e empoderamento dessas crianças.

O Projeto Teatro na Zona Norte é uma iniciativa social e artística com o objetivo de transformar os sentidos e significados do sujeito por meio do engajamento nas oficinas teatrais. Sua principal missão é promover a tomada de consciência e a ressignificação pessoal de cada indivíduo envolvido.

Para atingir esses objetivos, o projeto reconhece a importância da transformação interna de cada participante. A base fundamental é a compreensão de que todos nós somos seres pensantes e atuantes no meio em que vivemos. É por meio dessa percepção que o projeto busca promover a reflexão sobre nossa condição e estimular o desenvolvimento pessoal.

Ao participar das oficinas de teatro oferecidas pelo projeto, os indivíduos são incentivados a explorar suas capacidades expressivas, a expandir sua consciência corporal e a se conectar com suas emoções e pensamentos. Através dessas experiências, busca-se uma transformação interna que amplie a compreensão de si mesmo e do mundo ao redor.

O Projeto Teatro na Zona Norte busca, assim, utilizar a arte e o teatro como ferramentas para promover o autoconhecimento, a consciência crítica e o empoderamento pessoal dos participantes. Ao entender-se como seres pensantes e atuantes em seu meio, cada indivíduo é encorajado a buscar a transformação pessoal e a contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente e inclusiva.

Antes de sermos o outro, precisamos saber quem somos. Até mesmo para compreendermos o limite entre o eu e o outro. Por isso, é importante trabalharmos o eu. Quem sou eu? O que me atravessa? Como sou afetado? Para estar verdadeiramente presente, seja no palco ou na vida cotidiana, é essencial conhecermos e compreendermos nossa própria identidade. E essa é uma definição que nos desafia.

Todos os dias, ao acordarmos, lavarmos o rosto e encararmos o espelho, a pergunta ecoa em nossa mente: "Quem sou eu?". Na verdade, a pergunta que se coloca todos os dias é: "Quem sou hoje?". Cada dia dessa jornada da vida traz consigo uma vibração única. E retornar a essa pergunta, esse ponto de partida, é fundamental para nos reconhecermos e nos conhecermos a cada novo dia.

Penso que revisitar esse espelho diário e nos autoconhecermos é um processo de extrema importância. É nessa busca constante que encontramos respostas e descobrimos novos aspectos de nós mesmos. À medida que exploramos nossa essência, nossas experiências, ideias e sentimentos, desvendamos camadas profundas da nossa identidade.

Portanto, ao nos questionarmos sobre quem somos, damos início a uma jornada de autoexploração e autodescoberta. É nesse processo contínuo de autorreflexão que encontramos alinhamento com nossa verdadeira essência, trazendo autenticidade e significado para nossa existência.

O processo de autoconhecimento é o primeiro nas oficinas do Teatro na Zona Norte. Há um *adinkra*, a *sankofa*, que diz que: “é preciso retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Exercício que demanda um trabalho árduo para sua plena realização. Observar de maneira a sensibilizar a si mesmo e perceber suas potências, mas também seus desafios internos, é transformador e repleto de possibilidades. Olhar para si percebendo as possibilidades de escolhas, como se estivesse na encruzilhada, no ponto de eixo entre vários outros caminhos, vendo ou entendendo que pode ser isto, mas aquilo também, trazendo para o sujeito social uma consciência de que não somos apenas de uma determinada forma, com uma só característica ou uma só possibilidade de estar. “Eu posso ser quem eu quiser e estar em qualquer lugar.” Esta é uma frase de base do Projeto Teatro na Zona Norte, visto que o que se transforma na vida social e real dos indivíduos é o que determina modificações nas concepções filosóficas e nas representações artísticas.

No entanto, essa mudança não se dá exclusivamente por meio do teatro. Ele é apenas uma ferramenta, assim como a educação. Quem verdadeiramente transforma o mundo são as pessoas que o habitam, como afirmou Paulo Freire em sua obra "Pedagogia do Oprimido". Essa responsabilidade recai sobre os ombros dos profissionais da educação, que carregam consigo esse compromisso. Através da educação, os professores, frequentemente subestimados, possuem o poder de mudar o mundo sem recorrer à violência ou prejudicar vidas.

Dessa forma, o teatro e a educação se unem como instrumentos capazes de promover mudanças significativas. Paulo Freire e Augusto Boal, reconhecidos em suas respectivas áreas, destacaram a importância dessas ferramentas. Através do teatro, é possível refletir sobre a realidade, explorar diferentes perspectivas e questionar as normas estabelecidas. Por meio da educação, os professores têm a capacidade de

despertar mentes, incentivar o pensamento crítico e criar um ambiente propício para a transformação social.

É fundamental compreender que os educadores e artistas teatrais possuem o poder de impactar vidas, oferecendo novas possibilidades e oportunidades de crescimento. Ao utilizar a educação e o teatro como meios de empoderamento, podemos superar desigualdades, ampliar horizontes e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Quando entendo quem sou eu, começo a perceber a presença desse outro que está próximo de mim. Mas quem é esse outro? Ele está relacionado ao personagem, ao jogo teatral e às relações estabelecidas entre o Eu, o outro e nós. Aqui surgem os jogos de interpretação na brincadeira de ser. Além disso, no teatro, assim como na vida social, não estamos apenas sozinhos, mas sim em um contexto coletivo. Precisamos pensar e agir de maneira colaborativa, reconhecendo a importância do nós, da interação e da cooperação para construir um ambiente de criação e expressão compartilhado.

"O homem desde cedo sente a necessidade do jogo, e no espírito lúdico surge o desejo de 'ser o outro'." (Peixoto, data/ano, p.12). No entanto, como podemos utilizar o conceito de empatia para nos colocarmos no lugar desse outro? Se ao compreendermos nossas próprias potencialidades também enfrentamos grandes desafios, o mesmo pode ocorrer com o outro. É por meio de trabalhos específicos, como exercícios de improvisação, jogos e exercícios de imaginação, que chegamos à ação de nos colocarmos genuinamente no lugar do outro, tanto no palco da cena quanto no palco da vida.

Essas práticas teatrais nos permitem explorar diferentes perspectivas e vivenciar as experiências e emoções de personagens e situações diversas. Ao nos envolvermos nesses processos, desenvolvemos a capacidade de compreender e simpatizar com as vivências e desafios do outro, cultivando empatia de forma autêntica. Assim, podemos nos questionar: se fosse comigo, como agiria? E se fosse ao palco, como interpretaria essa situação?

É por meio desses jogos cênicos e da exploração lúdica que adquirimos uma compreensão mais profunda da condição humana, ampliando nossa visão do mundo e das pessoas ao nosso redor. O teatro nos oferece um espaço seguro para experimentar, refletir e nos conectar com a diversidade e complexidade da existência, promovendo uma consciência social mais abrangente.



Exercício de aquecimento. Turma Infantil, 2019. Foto: Viviane Valladares.

Sabendo que fazemos parte de uma comunidade que ocupa um lugar específico e compartilhamos, em determinados momentos, os mesmos interesses e espaços, percebemos que existem dimensões e determinações tanto externas quanto internas. Por exemplo, o espaço do palco e o espaço interno do ator para a composição e criação de um personagem interagem e se complementam, formando uma combinação de conceitos trabalhados de forma progressiva e sequencial ao longo do desenvolvimento da Oficina de Teatro na Zona Norte.

Leda Maria Martins é uma renomada pesquisadora, educadora e diretora teatral brasileira, reconhecida por suas contribuições no campo da pedagogia teatral e formação de atores. Seu trabalho se concentra na relação entre teatro, educação e sociedade, buscando promover uma educação transformadora e emancipatória por meio das artes.

No conceito "Espiralar" desenvolvido por Leda Maria Martins, a abordagem pedagógica visa não apenas o desenvolvimento técnico e estético dos participantes, mas também a ampliação da consciência crítica e a construção de uma visão abrangente e humanizada do mundo.

Na Oficina de Teatro na Zona Norte, a proposta baseada no conceito "Espiralar" cria um ambiente de aprendizagem que valoriza a diversidade, o diálogo, a colaboração e o respeito mútuo. Através de exercícios, jogos teatrais e reflexões coletivas, os participantes exploram suas experiências, expressam suas emoções, questionam

percepções, reconhecem a importância do coletivo na construção do conhecimento e participam de um processo de aprendizagem e criação teatral que vai além do palco, visto que promove o desenvolvimento pessoal, social e artístico dos participantes, estimulando uma consciência crítica e transformadora na sociedade.

Primeiro o eu, depois o outro e agora o espaço. Essa tríade se entrelaça em uma dança conjunta, em um movimento ascendente e espiralado. Ela forma a base para uma cena teatral, envolvendo o personagem, o jogo e o espaço cênico. Esses princípios são especialmente relevantes para crianças e adolescentes, que estão em fase de formação de identidade e consciência como cidadãos atuantes na sociedade. Através dos conceitos teatrais, eles são capacitados não apenas artisticamente, mas também pedagogicamente, para a vida pessoal de cada indivíduo.

O teatro atravessa um processo histórico em constante transformação. Embora tenha passado por mudanças ao longo do tempo, mantém uma série de elementos que o distinguem como uma expressão artística única e possui uma função histórica marcante, ao resgatar e representar um determinado momento e contexto histórico.

Outro aspecto essencial para se completar a experiência teatral é a presença do público. Não se faz teatro sozinho. É a troca com o público que dá significado e vida à performance, transformando-a em um evento único e imersivo. A arte cênica tem um espaço que é ocupado pelo ser que faz e o outro que o observa. Neste jogo de cumplicidade, o primeiro pode estar sozinho ou acompanhado, contando uma história vestido ou não de um personagem, utilizando gestos, palavras ou ambos. O segundo participante, o público, observa a ação. Pode observar de maneira ativa, trazendo suas próprias percepções, emoções e reações para enriquecer o espetáculo, interferindo, ou simplesmente assistir. A forma como será apresentada a cena, a história, irá influenciar a interação entre o performer e o público.

Portanto, no teatro, o público é muito mais do que uma mera plateia. Ele é um participante essencial, um elemento vital que completa a obra teatral, capaz de tocar e transformar a vida daqueles que o vivenciam.

*“Era uma sexta-feira, quando chovia muito. As ruas do bairro de Cavalcante se encheram. A água não tinha para onde correr. Todos os ralos estavam fechados. Pareciam não querer engolir toda aquela sujeira do chão. Plásticos, papéis, vidros, e mais sacolas plásticas para entupir os bueiros e transborda-los nas ruas. Elas, as ruas, choravam e, de tanto chorar, encheram. Procuraram abrigos nas casas que sem saber*

*como ajudar; deixavam entrar; outras trancavam a porta, mas nada adiantava, pois a água invadia quebrando trincos e para sair levava móveis, enchia as casas de lamas que ficavam inundando as ruas e fazendo casas caírem. As lamas gostavam das paredes e do chão. Ficavam ali paradas enquanto a água desesperada procurava caminho para correr. Desastrada, a água da chuva derrubou muros. Sirenes: atenção! Área de risco. Procurem outra casa!! A água não entendia o que estava acontecendo. Seguiu o seu rumo. Até que saiu, deixando muitas famílias sem lar.”*

No sábado, no debate, o assunto entre as crianças era esse. Muita lama, sem casa e mais lama. O que faremos? Era 2019, e estávamos em momento de montagem, essa provocação foi o ponto de partida para o surgimento da cena Mar e Ilha. Crianças questionam e buscam soluções para ajudar o bairro.

“Quem sabe, se a gente der esse alerta pela cena, as pessoas não mudam e param de jogar lixo no chão?” ( Fala de uma criança).

A montagem se fez a partir de objetos recicláveis, que viraram cenário, figurino e adereço.



Evento com a comunidade de Cavalcanti. Instituto Presbiteriano de Promoção a Cidadania.presente. IPPC. 2019. Foto: Viviane Valladares.



Apresentação da Turma Infantil, “*Mar e Ilha*”, no Instituto Presbiteriano de Promoção à Cidadania.. 2019. Foto: Viviane Valladares.



Processo de criação do cenário da Cena “*Mar e Ilha*”, na Turma Infantil. 2019. Foto: Viviane Valladares.

O engajamento da comunidade e o reconhecimento dos laços que a compõe, com o compartilhamento de áreas geográficas, histórias e objetivos comuns, são fundamentais neste projeto de teatro desenvolvido em Cavalcanti. Num local conhecido popularmente pela sua falta de estrutura, a começar pela ausência de meio de transporte municipal de qualidade, o apoio e a valorização da cultura e das bandeiras levantadas pelo projeto, por parte dos moradores da comunidade, não só são importíssimos, como compõe a base pedagógica com uma metodologia que integra o eu, o outro e a comunidade.

As famílias das crianças, assim como os amigos e simpatizantes do Teatro na Zona Norte, estão sempre presentes na conclusão de cada fase do Projeto. Sendo a culminância uma apresentação aberta ao público de maneira gratuita, a acessibilidade se faz possível e a comunidade comparece em peso.



Dia de Apresentação no Instituto Presbiteriano de Promoção à Cidadania.2019.Foto: Viviane Valladares

O principal objetivo do Projeto Teatro na Zona Norte é possibilitar que cada indivíduo seja protagonista de sua própria história, tomando suas próprias decisões e

construindo suas próprias narrativas. É fundamental que cada participante tenha a oportunidade de se tornar um contador de histórias, capaz de transformar suas experiências em aprendizado e crescimento pessoal.

Através do teatro e da educação, o projeto busca promover a mudança e o desenvolvimento das pessoas. Mesmo estando em processo de formação, os participantes aprendem a cada encontro, levando consigo o que foi ensinado para suas vidas.

Além disso, o Projeto Teatro na Zona Norte reconhece a importância do outro, da comunidade em que estamos inseridos. Através do teatro, os participantes têm a oportunidade de se reconhecerem como parte de um coletivo, de entenderem que suas ações e escolhas têm impacto no espaço em que vivem. O aprendizado adquirido nesse processo acompanha os participantes ao longo de suas trajetórias, influenciando positivamente suas escolhas e atitudes.

“Aprendi a esperar a minha vez quando pulamos corda. No teatro, também fazemos isso. E na vida temos que aprender a ouvir e tem o nosso momento pra falar.  
(A.J. 12 anos)”

“Eu aprendi que meu cabelo pode estar do jeito que eu quero.”  
(A. B. 9 anos)

“Me senti livre quando soltei meu cabelo.”  
(M. 7 anos)<sup>7</sup>

As crianças e adolescentes chegam ao Projeto com pouco repertório de sentimentos e muitas sem acreditar em sonhos. Ou ainda nem sabem o que é a aula de teatro. Com o passar do tempo, recebemos a devolutiva que na escola, chegava a tirar notas baixas por não se colocar e perguntar, tirar dúvidas. E que atualmente tem criado, participado e suas notas aumentaram.

“Tia Graci!

*Nem sei como expressar a minha gratidão por toda a sua dedicação! Parabéns e obrigada é o mínimo que eu poderia dizer!!! Ver a Anna Julia tão feliz, realizada e com*

---

<sup>7</sup> Durante as apresentações semestrais, há um momento de debate aberto para perguntas do público sobre o processo criativo. Essas são algumas afirmações das respostas e comentários .

*planos de estudar para ir para UNIRIO ... Muito obrigada por despertar tantos sentimentos bons na minha filha e tenho certeza que em muitas outras crianças! Parabéns pelo seu lindo trabalho.”<sup>8</sup>*

O relato da menina E. destaca a importância de que sujeitos negros se sintam representados e vistos em diversos contextos desde a infância. No Projeto Teatro na Zona Norte, o tema do Eu permeia todo o processo pedagógico, desde o ingresso das crianças no Projeto, em que se inicia um trabalho de desenvolvimento da consciência de sua própria identidade, incluindo o conhecimento de suas origens.

A maioria das turmas do Projeto é composta por crianças negras, e a questão racial é abordada de forma assertiva e corajosa no ambiente de aula. Os alunos sentem-se acolhidos e confortáveis para se expressarem em rodas de conversa, bem como durante a criação de cenas e improvisações. Eles compartilham abertamente suas experiências e vivências, sabendo que os outros participantes entendem profundamente o que eles estão passando. É comum compartilharem histórias marcadas pela dor, mesmo sendo crianças entre 4 e 11 anos. Essas crianças demonstram uma maturidade surpreendente ao lidar intensamente com suas experiências de dor.

Dessa forma, o Projeto Teatro na Zona Norte proporciona um espaço seguro e empoderador para que as crianças negras possam expressar suas histórias, suas vivências e suas emoções. O teatro se torna uma ferramenta de transformação e de fortalecimento da identidade, permitindo que essas crianças se reconheçam e se valorizem como sujeitos negros.

Sempre me questiono sobre o que podemos fazer para criar uma realidade em que as pessoas negras, inclusive as crianças, não precisem enfrentar diariamente olhares, gestos, palavras ofensivas e até mesmo violências racistas. É fundamental romper com esse ciclo vicioso e eliminar o racismo desde suas raízes.

Para alcançar essa mudança, é crucial promover a conscientização e a educação antirracista em todas as esferas da sociedade, desde cedo. Devemos quebrar estereótipos, valorizar a história, a cultura e as contribuições das pessoas negras, garantindo que sejam reconhecidas e respeitadas. Isso inclui a inclusão de conteúdos relevantes nos currículos escolares, criando espaços seguros para o diálogo e a expressão das experiências e emoções das crianças.

Precisamos trabalhar juntos para construir uma sociedade mais igualitária, na

---

<sup>8</sup>Luciana, responsável de Anna Julia, 12 anos) 25/10/2019, via messenger - Internet.

qual as instituições, como escolas e projetos sociais, adotem políticas de inclusão e diversidade. Devemos lutar por uma representatividade negra mais ampla em todas as áreas.

A erradicação do racismo requer um esforço conjunto, baseado na empatia, na educação e na conscientização. Somente assim poderemos construir um mundo em que todas as pessoas, independentemente de sua cor de pele, possam viver sem serem alvo de discriminação e violência racial.

Diferentemente de E., minha experiência não me proporcionou o acesso a essas questões desde a infância. Foi somente ao longo do tempo que comecei a refletir mais profundamente sobre minha negritude e me questionar sobre a presença de pessoas negras ao meu redor. Quantas professoras negras tive? Pouquíssimas. Por que isso acontece? E como isso influencia minha formação? Essas indagações também se estendem aos brinquedos, programas infantis, desenhos animados e super-heróis ou heroínas. Por que há uma ausência tão significativa de representatividade negra, quando a população do Brasil, meu país de origem, onde resido, é majoritariamente composta por pessoas negras? Deveria ser o contrário. No entanto, nós não somos considerados o "padrão".

Ao trazer o termo "branquitude" para o debate, faço referência ao processo de descolonização do pensamento, que busca abrir espaço para outros narradores recontarem a mesma história. Quando somos apresentados apenas a uma única versão dos fatos, tendemos a acreditar que essa é a única maneira como as coisas aconteceram, sem considerar que poderiam ter ocorrido de outra forma. Isso acaba permitindo que a verdade seja ditada por aqueles que estabeleceram seu próprio padrão: a branquitude. É importante contextualizar o uso desse termo e sua relação com os processos racistas e discriminatórios, os quais procuramos desconstruir e superar, promovendo a valorização e inclusão das vozes e experiências negras.

Como disse Frantz Fanon, "ler Fanon é confrontar-se com um mundo que não foi construído para você, mas que molda suas experiências e possibilidades. É confrontar-se com a negação da sua humanidade, com a violência da branquitude que oprime e aliena. É um chamado à descolonização do pensamento e à construção de um novo horizonte de liberdade e igualdade" (Adaptação de citação de Frantz Fanon).

"Esta parcela da população, a branquitude, os brancos que avistaram e invadiram o Brasil, ação que determinou direções para o nosso país, ignorando os povos originários que ainda vivem, resquícios deste período colonial, precisam rever seu lugar

de fala e posição na sociedade. É preciso descolonizar o pensamento para trazer mudanças significativas para o meio social."

Conforme afirmado por Grada Kilomba (2019, p. 39), descolonizar o conhecimento implica em criar novas configurações de conhecimento e poder. Isso significa qualificar as vozes que estão à margem, que sistematicamente foram silenciadas e desqualificadas, trazendo à tona o que estava na periferia e colocando-o no centro da discussão. Através desse processo gradual, podemos romper com essa terminologia que foi estabelecida como padrão.

E onde se origina essa padronização? Desde sempre, a criança e o jovem negro percebem um certo deslocamento de olhar perante si, seu corpo sendo forçado a se adequar a esse padrão de forma violenta. Essa padronização é estabelecida como estratégia na mídia, no Estado e nas relações de trabalho, seduzindo e induzindo os negros a desejarem se tornar mais brancos. Desde a infância, reconhecer esse processo nos faz criar o desejo de nos negar, de querermos ser o que vemos como padrão: cabelo liso, nariz com estética europeia, fino e pequeno. Somos levados a acreditar que precisamos ser brancos, evitando nossos cabelos crespos e a tonalidade de nossa pele. Esse padrão de beleza imposto é algo com o qual não nos reconhecemos, é uma forma de violência extrema que precisa ser percebida e questionada.

De acordo com o estudo *"Mulher negra: dupla discriminação no mercado metropolitano"*, somos a parcela mais pobre da sociedade brasileira, com a situação de trabalho mais precária, menor rendimento e maior índice de desemprego. Somos também as que têm mais dificuldades para completar a escolarização, além de termos chances pequenas de chegar a cargos de direção ou de chefia.

Analisar os dados de racismo e violência contra a mulher negra ainda é mais preocupante. Elas representavam, em 2015, 58,86% das mulheres vítimas da violência doméstica, 53,6% das vítimas de mortalidade infantil, 65,9% das vítimas de violência obstétrica e 68,8% das mulheres mortas por agressão. Em 2014, 56,8% dos estupros registrados no estado do Rio de Janeiro foram cometidos contra mulheres negras. Além disso, entre 2003 e 2013, houve uma queda de 9,8% no total de homicídios de mulheres brancas, enquanto o de negras aumentou 54,2%. Em *"O que é lugar de fala?"*, Djamila Ribeiro afirma:

*"Se mulheres, sobretudo as negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar*

*atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. Melhorar o desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível.”*

*(2017, p.41).*

“Eu não quero ser negro. A senhora viu o que acontece com quem é negro no mercado? Eu sou moreno.” (M.14 anos)

São poucos os lugares onde podemos nos ver representados e, muitas vezes, acabamos ocupando funções que não desejamos. Mas como podemos trazer essa mudança? A representatividade surge como um tema central, pois ser educadora é para mim um espaço de acesso ao poder que o conhecimento traz. Esse poder pode ser exercido de maneira a colonizar ou descolonizar o pensamento, capacitando indivíduos a serem livres, corajosos e respeitando sua própria identidade e história. Como meu pai costuma dizer, "podem te roubar tudo, menos o teu conhecimento". O saber está dentro de cada um de nós e não desaparece do nosso corpo e mente. Na cultura africana, a tradição oral é valorizada e os griots são como bibliotecas vivas, guardiões dos conhecimentos que são transmitidos de geração em geração.

Os Griôs, contadores de histórias, mensageiros oficiais e guardiões de tradições milenares, desempenhavam um papel fundamental na África Antiga. Eles eram responsáveis por facilitar transações comerciais entre os impérios e a comunidade, além de transmitir aos jovens os ensinamentos culturais. Atualmente, os Griôs são testemunhas vivas da força e resiliência dessas tradições.

Em nossos encontros de Contação de Histórias, temos explorado livros que trazem narrativas da cultura negra e indígena. Através de abordagens lúdicas, buscamos valorizar as potências e representatividades dos diversos povos que compõem a rica tapeçaria cultural brasileira. Por meio dessas histórias, reforçamos a importância de conhecer e celebrar a diversidade, promovendo a valorização e o respeito por todas as culturas presentes em nosso país.

É essencial trazer à luz essa realidade, escrever e refletir sobre ela, a fim de nos capacitarmos a transformá-la. Vejo na educação, seja na escola ou em projetos sociais, como o Teatro na Zona Norte, uma das vias para promover essa mudança. Ao abordar questões como negritude, cultura, memória e ancestralidade com crianças e adolescentes, sinto que estou contribuindo para enfrentar os problemas relacionados não apenas às mulheres negras, mas também à própria identidade em nossa comunidade. Sinto que estamos nos fortalecendo para demandar, construir e implementar políticas públicas que reconheçam nosso verdadeiro lugar na estrutura social.

Como afirmou a filósofa norte-americana Angela Davis, "quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura de uma sociedade se movimenta com ela" (DAVIS, 2019, p. 30). Essa citação nos lembra do poder transformador que uma mulher negra possui ao lutar por seus direitos e igualdade. Ela nos inspira a continuar avançando, superando obstáculos e promovendo mudanças significativas em nossa sociedade.

Essa ação tem sido uma constante em minha vida, ocorrendo todos os sábados em Cavalcanti. Ela estimula meus pensamentos sobre mim mesmo e sobre o que tenho feito para mudar essa realidade. Reconheço que podemos nos limitar à reclamação ou buscar soluções para os problemas apresentados, mas ficar apenas na teoria não resolve de forma efetiva. Sabemos que teoria e prática caminham juntas, e é por meio da ação que podemos de fato modificar o mundo, mesmo que de passo em passo.

Na perspectiva do teatro, o termo "atuar" carrega dois significados: representar e agir. O que mais me motiva está na ação, no fazer. Não se trata apenas de representar um papel no palco, mas sim agir de forma concreta para promover mudanças reais na sociedade. É por meio do fazer, do engajamento e da participação ativa que podemos trazer movimento e transformação para o mundo ao nosso redor.

A interação entre as Artes Cênicas e a Educação proporciona um campo fértil para a transformação individual, das relações interpessoais, dos espaços e da própria comunidade na qual cada participante está inserido. Embora possa parecer uma utopia, acredito que somos frequentemente impulsionados a agir a partir de nossos desejos e sonhos, e é por meio dessas motivações que podemos construir uma realidade diferente.

No contexto da educação, as Artes Cênicas desempenham um papel fundamental, pois possibilitam o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas dos indivíduos. Através do teatro, os participantes são convidados a explorar diferentes perspectivas, expressar suas emoções,

desenvolver empatia e se conectar com o outro de maneira significativa.

Ao integrar as Artes Cênicas na educação, abre-se espaço para a criação de ambientes inclusivos, colaborativos e criativos, nos quais os participantes são encorajados a questionar, refletir e agir de forma crítica. Através de exercícios de improvisação, jogos de interpretação e criação coletiva, os indivíduos são desafiados a sair de suas zonas de conforto, experimentar novos papéis e expandir suas possibilidades de expressão.

Nesse sentido, a união das Artes Cênicas com a Educação se mostra como um poderoso instrumento de transformação, capaz de despertar consciências, estimular o pensamento crítico e promover mudanças significativas na forma como nos relacionamos com nós mesmos, com o outro e com o mundo ao nosso redor.

Concordo plenamente com a afirmação de Lázaro Ramos: "Nem tudo na vida é organizadinho e óbvio. A questão racial nos afeta sem às vezes nos darmos conta" (RAMOS, 2017, p. 73). Essa citação reforça a ideia de que o racismo não é algo evidente e perceptível por todos, mas sim um problema profundo que impacta a vida das pessoas negras, mesmo quando não estamos conscientes disso. Devemos estar atentos para compreender e enfrentar as consequências desse racismo estrutural em nossa sociedade.

Uma abordagem afrocentrada na metodologia do Projeto Teatro na Zona Norte se revela crucial para uma consciência plena de nossa cidadania, com direitos e deveres. Essa abordagem amplia o olhar, trazendo para o centro da reflexão e criação artística aquilo que emerge das periferias. Ela busca evidenciar outras formas de pedagogia teatral, mesmo em espaços educacionais não formais, como a sala de aula.

Nos encontros com as crianças e adolescentes, essa metodologia valoriza a oralidade, a memória, a criação coletiva, os cantos e a afirmação da identidade. Através desses elementos, os participantes são estimulados a explorar e expressar suas próprias vivências, histórias e experiências, construindo um espaço de acolhimento e empoderamento. Dessa forma, o Projeto Teatro na Zona Norte proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento pessoal e social, promovendo uma educação transformadora e emancipatória.

Como bem diz o provérbio Haussa, da Nigéria, "enquanto não houver leões historiadores, a glória da caça irá sempre para o caçador". Essa citação nos convida a refletir sobre a importância de termos narrativas e perspectivas diversas na construção da história. Por muito tempo, as histórias foram contadas sob a ótica daqueles que

detinham o poder e o privilégio, deixando de lado as vozes e experiências dos marginalizados e oprimidos.

A relação entre educação e liberdade é fundamental, como aponta Bell Hooks. A liberdade de ser quem desejamos ser e estar em qualquer lugar que almejamos é algo que nos faz refletir diariamente. Nina Simone expressa a ideia de liberdade como a ausência de medo, destacando a importância de nos libertarmos das amarras impostas pelo meio em que vivemos.

Conscientizar-se do nosso espaço é um passo importante rumo à mudança, mesmo diante dos obstáculos e do medo que nos cercam. Muitas vezes, somos confrontados com a ideia de que nossas asas são pequenas e que não podemos voar mais alto. A ocupação de espaços por pessoas negras é frequentemente questionada e desencorajada. Quando buscamos cargos de referência, autoridade ou poder, somos confrontados com respostas como "é perigoso" ou "este não é o seu lugar". Essas limitações são impostas e nos fazem duvidar das nossas capacidades.

No entanto, é importante resistir a essas imposições e reafirmar nosso direito de ocupar todos os espaços. Devemos questionar e desafiar as narrativas que nos dizem que não pertencemos a determinados lugares. A educação desempenha um papel crucial nesse processo, capacitando-nos com conhecimento e empoderamento para reivindicarmos nosso espaço e construirmos uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Portanto, é necessário enfrentar essas barreiras e superar o medo, entendendo que a liberdade está em nossa capacidade de ocupar todos os lugares que desejamos, sem restrições impostas pelo preconceito e pela discriminação. O meio social, seja artístico, universitário ou escolar, por exemplo, não deve determinar os lugares que ocuparemos. Já passei pela dificuldade de gastar 3 horas por dia para chegar à universidade, às vezes, para ter apenas uma aula e retornar para casa, ou seja, para uma disciplina com a duração de 1h30, eu gastava mais tempo no ônibus do que em sala. O que isso está me dizendo? Permaneça e estude? Uma vez uma professora me disse, ao chegar atrasada, "ou você estuda, ou você trabalha".

Desta forma, julgo que é necessário me dedicar para que exista o propósito de um aprendizado empolgante e repleto de significado, transgredindo fronteiras, procurando práticas pedagógicas de interação entre pedagogias anticolonialistas, críticas e reflexivas.

Ensinar, para Bell Hooks (2019, p. 37), tem a definição de um ato teatral e comunitário, além de libertador. O conhecimento não está apenas nos livros, mas em

nossos corpos. Conceição Evaristo, em uma entrevista, comenta sobre o conceito de escrivência, onde afirma que nossos aprendizados também vagueiam na nossa oralidade, corpos e gestos, que nos fazem conhecer e nos reconhecer no mundo.

Para Augusto Boal (Boal, 2009, p. 12), "o teatro é uma arma". Podemos usá-la para dar vida ou morte a uma infância e futuro. Ter a infância roubada por questões sociais é maior do que a gente. Ser impedido de ir à escola por conta de guerras de facções, invasão das comunidades, não ter transporte público ou ser escasso, conviver com violências urbanas, tudo isso vai além de mim. Acredito que, se cada um fizer um pouco, a transformação acontece. Parece um trabalho de formiguinha, mas antes isso do que não fazer nada e ver tudo acontecer lá fora, nas favelas da Zona Norte, diante dos meus olhos, e continuar de braços cruzados.

Além disso, é importante destacar que o direito de ir e vir, que nos é retirado quando se mora na Zona Norte da cidade, em razão das guerras entre facções e da escassez de linhas de transporte público, avilta nossa dignidade. Vivendo nessas condições, muitos perdem a esperança de mudança. No entanto, o teatro abre a possibilidade de que essa realidade local possa ser transformada. Ao invocar o otimismo e promover a autoestima, incentivamos as crianças e adolescentes a serem o que quiserem e a fazerem o que puderem, superando as determinações do lugar e suas condições adversas.

Quando os jovens trazem suas vivências para o palco em forma de improvisações e posteriormente debatem, buscando transformar situações de suas vidas pessoais, estão se reconhecendo e se libertando. Eles propõem soluções, reflexões e debates no grupo, ajudando a enxergar a situação de maneira diferente. A construção da cena é precedida por pensamentos que surgem durante os jogos e, posteriormente, retornam para o problema, percebendo o que mudou. Esse debate é construído diariamente como parte da rotina de aula.

A transformação da realidade vivida pelas crianças e adolescentes da zona periférica pode começar desde a primeira infância, quando eles se conscientizam de que existem outras oportunidades além dos limites de suas casas. Podem-se ampliar os caminhos e as possibilidades com histórias diferentes. No entanto, é importante ressaltar que cada indivíduo tem o direito de escolher permanecer mesmo quando enxerga outras possibilidades. O direito à escolha, que muitas vezes nos parece ter sido tirado, é um aspecto essencial. Além disso, ao ocuparmos outros espaços, seja por atos de resistência, persistência ou teimosia, atuamos a partir da vivência e do conceito de

comunidade, buscando o bem comum.

Diminuir a violência por meio de projetos sociais, especialmente através do teatro, requer coragem. É através dessa forma de expressão que podemos trazer reflexões sobre a existência dessa violência, bem como de outros temas importantes, como racismo, machismo, preconceito, bullying, saneamento básico e identidade. Esses assuntos foram abordados pelas crianças e adolescentes em pesquisas de cenas apresentadas durante o semestre.

É essencial refletir sobre como as questões relacionadas à identidade negra se manifestam desde a infância, e para isso, parto da experiência da pequena estudante E. Quando não nos sentimos representados em bonecas, desenhos animados e propagandas, a mensagem que recebemos da sociedade é que há algo errado conosco. Esse sentimento traz consigo diversas consequências, sendo uma delas o desejo de nos afirmarmos para não ficarmos para trás.

A escola é um dos primeiros ambientes em que as crianças se deparam com questões de identidade e representatividade. Durante esse período de formação básica, elas desenvolvem sua cognição, suas relações com os outros e sua personalidade, portanto, sentir-se fora do padrão pode ter um impacto significativo em sua autoestima.

A constatação de E. e sua alegria ao perceber que tem uma professora negra, com cabelos iguais aos seus, me emociona e mobiliza profundamente. Não apenas pelo fato de ela se reconhecer em mim, mas também por confirmar minha intuição de que a criação de um grupo de teatro nesta região da cidade, no meu bairro, poderia contribuir para o fortalecimento de nossas identidades. Mesmo que E. seja muito jovem e ainda não esteja exposta ao dia a dia da escola, que é um espaço onde enfrentamos os primeiros desafios da vida, ela já experimenta um ambiente pedagógico no Teatro na Zona Norte em que se sente segura.

Estar na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro é estar à margem e onde há opressão, sempre há resistência. É como a imagem de uma flor no alto do prédio, nascendo entre o concreto, resistindo e trazendo encantamento no meio de tanta força contrária. É a partir dela que vemos a beleza. Nutrindo nossa capacidade de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos. A opressão molda condições de resistir. É um desafio fazer teatro em um local onde não se tem e não se sabe a arte como uma forma de autoconhecimento e expressão.

Quando propus ministrar aulas para a comunidade, ouvi comentários como "Você pode tentar, mas não sei se aparecerá gente", ou ainda "Mas o que é teatro?"

Vamos aparecer na televisão?".

"Aprendi que não importa quão racista e preconceituosa uma cultura seja, sempre haverá aqueles indivíduos que têm a coragem de desafiar a norma e lutar por uma existência plena" (Hooks, 2019, p. 52). Me inspiro em Bell Hook para afirmar a importância de resistir às estruturas opressivas e de valorizar a nossa identidade em um contexto marcado pelo racismo. Cada pessoa tem o poder de se afirmar, de ocupar espaços e de contar sua própria história. E isso começa desde a infância, quando as crianças começam a compreender a importância da representatividade e a lutar por ela.

Portanto, é fundamental que E. e todas as crianças tenham acesso a referências positivas que as representem, como a professora com cabelos semelhantes ao da pequena menina. Isso contribui para fortalecer sua identidade e autoestima, assegurando a elas de que são protagonistas de suas próprias narrativas.

No Teatro na Zona Norte, valorizamos o processo de conhecimento de si mesmo, para além das paredes da sala de ensaio ou de aula. Ao nos olharmos no espelho e sermos capazes de dizer quem somos, vamos nos transformando a cada desafio e tropeço. Os obstáculos nos ajudam a nos conhecer, a buscar o cuidado necessário para nos mantermos vivos e a nos reinventarmos diariamente, seja nas atitudes, pensamentos ou reflexões sobre determinados temas.

Assumir a negritude vai além da valorização da estética negra. É conhecer nossa própria história, reivindicar o direito de contá-la, lutar por nossos direitos e fazer com que nossa voz seja ouvida. E é importante registrar e pesquisar sobre isso para garantir que nossa experiência não seja silenciada, como nos lembra Bell Hooks.

Ao olharmos para além de nós mesmos, reconhecemos a importância dos outros e de nós mesmos. Mesmo que inicialmente possamos ter pouca consciência disso ou acreditar que sonhos e transformações não são possíveis, cada experiência vivida na pele e cada vez que usamos nossa voz para nos expressar no mundo torna-se uma forma de resistência. Cada criança e adolescente percebe o quanto seu lugar e sua voz são importantes, especialmente entre os moradores das áreas periféricas, cujas vozes são frequentemente negligenciadas.

A participação ativa das crianças e adolescentes impulsiona o Teatro na Zona Norte. No início de cada encontro, as crianças e adolescentes compartilham como foi a semana, como estão na escola, como chegam e o que estão sentindo. A estrutura de projetos é uma ferramenta pedagógica que parte dos interesses dos educandos. A relevância surge a partir de uma pergunta, um objeto de pesquisa ou uma hipótese que

se transforma em um processo de construção de conhecimento. E no final, cada participante responde à pergunta sobre o que aprendeu e levará para sua vida.

Descrevendo melhor a pesquisa, a criança parte de uma pergunta, como, por exemplo, “por que a chuva alagou tudo aqui?”. Essa pergunta gerou o desenvolvimento da cena curta "*Mar e Ilha*", da turma infantil, em 2019. A partir de conversas e debates, as crianças chegaram à conclusão de que o alagamento poderia ser causado pelo lixo que muitas pessoas jogam nas ruas. Essa reflexão levou-as a criar uma cena para conscientizar outras pessoas sobre a importância de cuidar da comunidade, utilizando materiais reciclados.

A metodologia de ensino adotada no Teatro na Zona Norte coloca o foco no aluno, não apenas na transmissão de informações, mas na construção do conhecimento. Equilibra teoria e prática, compartilha responsabilidades e tarefas, comunica resultados e discute processos de avaliação. A educadora escuta e observa as crianças e adolescentes para perceber seus interesses, a partir dos quais são desenvolvidos os planejamentos dos encontros semanais. As temáticas a serem discutidas são sugeridas pelos educandos, proporcionando uma maior participação e engajamento no processo de aprendizagem.



Foto da apresentação "*Mar e Ilha*", apresentada em 2019 no Instituto Presbiteriano de Promoção à Cidadania. Foto: Viviane Valladares.

A metodologia adotada busca uma pedagogia libertadora, que visa ajudar os educandos a reconhecerem suas potências e habilidades. Através de jogos de observação em suas próprias casas e rotinas, ou até mesmo ficando uma semana sem se olhar no

espelho, eles são convidados a refletir sobre o que observaram, o que sentiram ao não verem suas imagens e por que sentiram isso. Essas reflexões são transformadas em partituras corporais, permitindo uma expressão artística das respostas.

Quando os educandos trazem para discussão temáticas relacionadas às suas vivências e experiências, eles destacam a importância de um olhar atento e cuidadoso em relação ao seu espaço e comunidade. Esse sentimento de pertencimento alimenta a transformação e a tomada de consciência crítica e social, mesmo que de forma mínima. Podemos observar isso no relato de "*Mar e Ilha*", onde a problemática do saneamento básico e do cuidado com ele foi transformada em cena, atingindo tanto o corpo dos participantes quanto a reflexão de quem assiste.

Acredito que é essencial trazer oportunidades de expressão e referências de pessoas que conseguiram trilhar caminhos diferentes, escapando do padrão da história repetida. Frases como "Se você nasceu pobre, será sempre pobre!" ou "Eu não tenho sonho" são questionadas, mostrando que é possível ir além dessas limitações impostas.

Diante dos desafios enfrentados durante a pandemia que assolou o Brasil e o mundo, adaptamos nossa metodologia para manter a conexão com as crianças e adolescentes atendidos pelo projeto. Em 2020, de abril a agosto, iniciamos a realização de lives nas redes sociais, com o objetivo de compartilhar conhecimentos e experiências com o público. Durante a semana, divulgamos o tema e o currículo do entrevistado, além de abrir espaço para que o público envie perguntas a serem feitas no encontro. É um momento especial quando as crianças têm a oportunidade de se conectar diretamente com os entrevistados.

Uma característica marcante das nossas lives é que todos os artistas e profissionais da cultura convidados são negros, o que proporciona a apresentação de referências inspiradoras em diversas áreas. Essa representatividade é de extrema importância, pois mostra às crianças e adolescentes participantes que pessoas negras têm alcançado sucesso e reconhecimento em suas áreas de atuação. No ano de 2020, durante a pandemia, realizamos uma série de lives com entrevistas de artistas negros que estão no mercado de trabalho artístico. Muitos deles nasceram ou ainda vivem na Zona Norte. Essas entrevistas trouxeram histórias inspiradoras e referências para os educandos. Abordamos temas como teatro negro, voz em cena, educação, cinema, música, periferia, figurino, cenário, infância, brincadeira e contação de histórias.

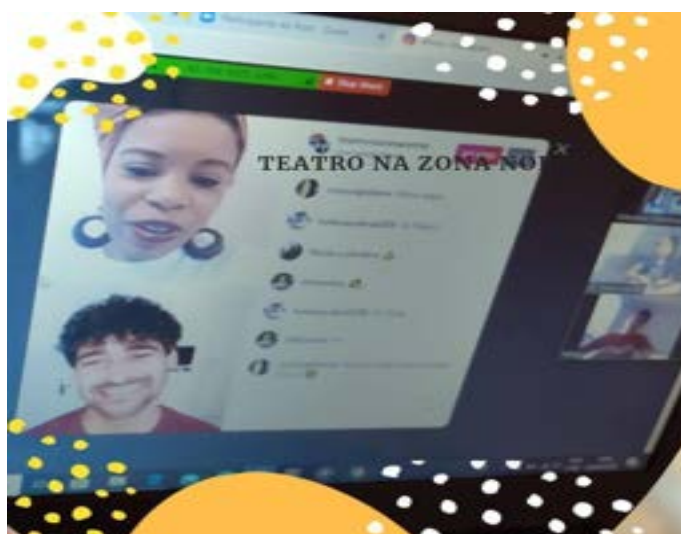
Entre os convidados estavam Vittor Britto, Felipe Silcler, Tatiana Tiburcio, Tatiana Henrique, Wallace Lino, Cridemar Aquino, Wesley Cabral, Thayane Caroline,

Gabriel Hypollito, Ed, Sol Miranda, Reinaldo Junior, Orlando Caldeira, Arianne Hime, Sergio Ricardo Loureiro, Carla Costa, Jaciana, Milton Filho, Jana Guinol, Ana Paula Black e até mesmo um convidado especial internacional, representante de um grupo de teatro dos Estados Unidos.

Como disse Jaciana, do Projeto “Era uma vez um mundo”, "Nós somos mundos!". Essa afirmação ressalta a importância de reconhecer a diversidade e as diferentes experiências de cada um, assim como a confecção de bonecas negras realizada por ela, que representa a valorização e a representatividade na infância.



Cartaz de divulgação online da Live com as crianças e adolescentes do Teatro na Zona Norte. 2020, Via Instagram.



Entrevista online da Live com as crianças e adolescentes do Teatro na Zona Norte. 2020, transmissão via Instagram.

Ao reconhecermos a importância da representatividade e proporcionarmos oportunidades para que as crianças se enxerguem e se afirmem, estamos fortalecendo sua autoestima e despertando nelas a consciência de que são capazes de trilhar caminhos diferentes daqueles já estabelecidos. Quando uma criança se identifica com uma educadora negra que possui cabelos como os seus, estamos transmitindo a mensagem de que ela também pode ocupar qualquer lugar que desejar no futuro.

Ao apresentarmos danças populares, como a capoeira, o passinho, o jazz, o rap e o funk, estamos destacando a riqueza e a diversidade da cultura afro-brasileira e fornecendo referências positivas para essas crianças. É fundamental olhar para as potencialidades de cada indivíduo e valorizar o que eles trazem consigo, em vez de limitar suas possibilidades ou definir onde não podem estar ou o que não podem alcançar.

É importante reconhecer que o racismo é uma construção social que é reproduzida e ensinada em nossa sociedade. Portanto, descolonizar nossas mentes, desconstruir as estruturas opressivas e construir um futuro diferente do que vivenciamos no presente são passos necessários para promover uma sociedade mais justa e igualitária.

### 3.1 : Histórico do Teatro na Zona Norte

*Eu tenho um sonho.  
(Martin Luther King)*



Primeiro dia de aula no Projeto Teatro na Zona Norte, Março de 2019.

Em fevereiro de 2019, um sonho voltou à minha cabeça de maneira que eu tinha de fazer algo para se tornar realidade. Um desejo de criança sempre martelava a mente de uma menina periférica da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro: criar uma escola de teatro dentro da comunidade de Cavalcanti.

Esse sonho foi motivado pela necessidade de proporcionar oportunidades de expressão e desenvolvimento artístico para as crianças e jovens da região, que muitas vezes são marginalizados e têm suas potencialidades limitadas pelo contexto em que vivem. A ideia de uma escola de teatro dentro da comunidade de Cavalcanti surgiu como uma forma de romper com essas barreiras e oferecer um espaço seguro e

acolhedor onde essas crianças e jovens pudessem explorar sua criatividade, desenvolver habilidades artísticas e se expressar livremente.

A concretização desse sonho de menina, que gostava de brincar de teatro no quintal, começou com a criação do Projeto Teatro na Zona Norte, no dia 9 de março de 2019. Com o objetivo primordial de ressignificar a realidade dos alunos e auxiliá-los na organização pessoal e na compreensão do ambiente ao seu redor, o Projeto abre suas portas todos os sábados, na sede comunitária de Cavalcanti, reunindo crianças e jovens da região interessados em teatro e arte.

Ao longo dos anos, o Teatro na Zona Norte tem se fortalecido como um espaço de resistência e transformação, ampliando as possibilidades e perspectivas das crianças e jovens envolvidos. Por meio do teatro, eles têm a oportunidade de se reconhecerem como sujeitos de sua própria história, de expressarem suas vozes e experiências, e de desafiar as narrativas hegemônicas que marginalizam suas identidades e realidades.

Além disso, o projeto busca estabelecer parcerias e conexões com artistas e profissionais do meio teatral, proporcionando experiências enriquecedoras e inspiradoras para os alunos. As entrevistas e oficinas realizadas com artistas negros e negras, muitos deles provenientes da própria Zona Norte, têm o objetivo de ampliar as referências e horizontes dessas crianças e jovens, mostrando que existem caminhos possíveis e bem-sucedidos para além dos estereótipos e limitações impostas pela sociedade.

Dessa forma, a criação da escola de teatro na comunidade de Cavalcanti representa não apenas a realização de um sonho individual, mas também um ato de resistência coletiva e um investimento no potencial transformador das artes. É uma maneira de empoderar e valorizar a voz e a criatividade dessas crianças e jovens, possibilitando que eles sejam agentes de mudança em suas próprias vidas e em suas comunidades. Desde então, o projeto tem impactado a vida de muitos jovens, contribuindo para sua formação cultural e pessoal.

O Teatro na Zona Norte é mais do que um projeto de teatro, é um lugar que busca empoderar e transformar vidas por meio da arte, oferecendo um espaço de expressão, aprendizado e crescimento para crianças e jovens da comunidade de Cavalcanti e região. Através do teatro, eles têm a oportunidade de se descobrirem, se reinventarem e se posicionarem de forma crítica e criativa no mundo.



Turma Adolescente. IPPC. 2019. Foto: Viviane Valladares.

O Projeto é inspirado nos ideais de Bell Hooks, renomada autora e ativista afro-americana que aborda, em suas obras, a importância da arte como uma ferramenta de empoderamento, transformação social e construção de identidade. Hooks destaca a necessidade de se criar espaços de expressão artística que permitam que as vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. Ela enfatiza a importância de reconhecer e afirmar a identidade própria, especialmente para indivíduos negros que historicamente tiveram o direito de definir suas próprias realidades negado.

Assim como Hooks ressalta a importância de trazer representatividade e referências positivas para as crianças e adolescentes negros, o Projeto busca oferecer modelos inspiradores e histórias de sucesso de artistas negros que superaram obstáculos e alcançaram reconhecimento em suas carreiras. Isso contribui para que os participantes se vejam capazes de conquistar seus sonhos. Por meio da expressão artística e do trabalho em equipe, os participantes são encorajados a questionar as estruturas de poder opressivas, a buscar alternativas de uma sociedade mais justa e inclusiva, a explorar suas emoções, aprimorar suas habilidades de comunicação e expressão corporal, além de estimular sua criatividade e autoconfiança. O objetivo principal é capacitar os alunos

para que se tornem agentes ativos na transformação de suas próprias vidas e da comunidade na qual estão inseridos.

A escolha do nome "Teatro na Zona Norte" é significativa, pois enfatiza o território e busca marcar a presença e importância da região. A localização dos equipamentos culturais muitas vezes está concentrada na Zona Sul ou no Centro da cidade, tornando a existência de uma escola de teatro e um projeto social na Zona Norte um ato político e de grande relevância. O objetivo é deixar uma marca de resistência, reafirmando a identidade e o potencial artístico da comunidade.

O ano de 2019 foi cheio de novidades e experimentações para o Projeto Teatro na Zona Norte. Iniciamos o trabalho explorando o bairro de Cavalcanti, que eu mesma não conhecia completamente, incluindo o espaço onde as aulas aconteceriam. Foi essencial realizar um trabalho de divulgação oral para atrair as primeiras crianças, pois mesmo estando localizado na rua principal de Cavalcanti, muitas pessoas ainda não conheciam o Projeto. Através do boca a boca, as crianças se chamavam mutuamente, compartilhando suas experiências e interesses.

A cada semana, o número de participantes dobrava. Começamos com apenas 4 crianças e, ao final do primeiro mês, tínhamos 12 participantes engajados. Durante o nosso primeiro ano, mais de 60 crianças e adolescentes passaram pelo Projeto, impactando positivamente mais de 150 pessoas através dos eventos realizados ao longo do ano. As apresentações internas, o show de talentos e os projetos paralelos foram um sucesso de público, proporcionando aos participantes a oportunidade de demonstrar suas habilidades artísticas e criativas. Com o passar do tempo, as crianças começaram a trazer uma perspectiva multidisciplinar para as aulas de teatro, enriquecendo ainda mais a experiência.

Além disso, um marco importante para a história do Teatro na Zona Norte foi a seleção do mesmo em um edital de mentorias de negócios sociais promovido pela empresa Oi. Durante 10 meses, participamos de encontros incríveis nos quais pudemos refletir e aprimorar a gestão do Projeto, organizando melhor as estratégias e o impacto social que queríamos alcançar. Essa experiência de mentorias e a participação em um pitch com outros grupos foram momentos fundamentais para o crescimento e a consolidação do Teatro na Zona Norte. Através dessas oportunidades, pudemos aperfeiçoar a estrutura do projeto e expandir nossa atuação, buscando sempre alcançar mais crianças e adolescentes em nossa comunidade.

O ano de 2019 marcou um período de aprendizado, crescimento e

reconhecimento para o Teatro na Zona Norte, fortalecendo nossa missão de proporcionar oportunidades de desenvolvimento e expressão para as crianças e adolescentes da região. Estamos comprometidos em continuar trilhando esse caminho, ampliando nossas atividades e impactando positivamente a vida de cada vez mais jovens em busca de seus sonhos e transformações.

O Teatro na Zona Norte enfrentou desafios desde o início, mas nunca desistiu. Realizamos apresentações na rua quando não pudemos subir ao palco, demonstrando resistência e vontade de fazer arte. A pandemia nos fez explorar o ambiente online, com a realização das lives no Instagram e aulas pelo Zoom ou Google Meet. Apesar das dificuldades de acesso à internet, buscamos formas de continuar ensinando e mantendo o vínculo com as crianças. A Era online nos trouxe aprendizados e nos fez repensar a educação teatral. Nesse momento, continuamos comprometidos em promover a arte, o autoconhecimento e o protagonismo na comunidade, mesmo à distância.



Primeira apresentação externa. Maio de 2019. Foto de divulgação.

Durante o período de ensino à distância, adaptamos as atividades para a turma infantil e adolescente. Para a turma infantil, reduzimos o tempo de tela, enquanto para a turma adolescente, focamos mais na escuta e nas trocas de experiências. Percebendo que essa situação poderia se prolongar, decidimos organizar um grande Sarau, onde as crianças e adolescentes pudessem interagir entre si e criar cenas para apresentação.

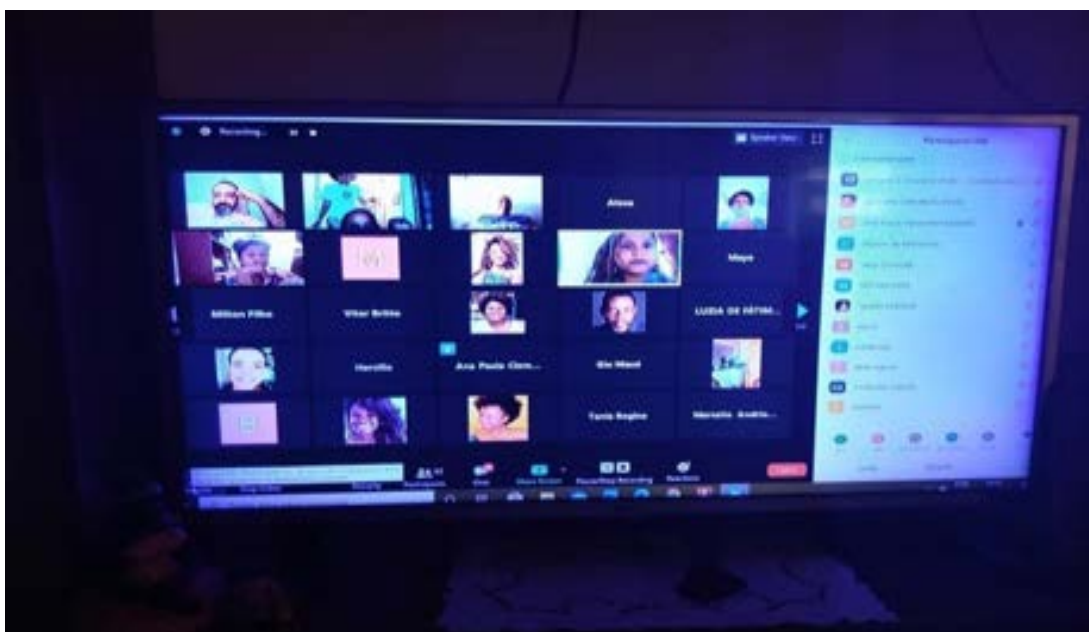
Contamos com a parceria de Jana Guinol, que providenciou um link de Zoom sem tempo determinado, e tivemos a participação especial do ator internacional Hoji Fortuna. O evento durou cerca de 2 horas e contou com a presença de mais de 50 pessoas, que puderam apreciar apresentações de dança, rap, piadas e muito mais. Foi uma experiência enriquecedora para todos os envolvidos.



Sarau online. 2020. Foto: Viviane Valladares.



Sarau online da Zona Norte. Setembro de 2020. Online. Foto: Marcella Gobatti.



Sarau online da Zona Norte. Setembro de 2020. Online.

No final de 2020, retomamos às atividades presenciais, porém com um número reduzido de participantes. Para garantir o distanciamento social, desenhamos quadrados no chão da sala de aula, permitindo que cada pessoa tivesse o seu espaço delimitado. Além disso, o tempo dos encontros também foi reduzido para 1 hora e 30 minutos, garantindo assim a segurança e o cumprimento dos protocolos sanitários. Mesmo com essas restrições, conseguimos manter a essência do projeto e continuar proporcionando experiências enriquecedoras aos participantes.

No decorrer deste ano, realizamos o nosso primeiro Natal Solidário, no qual arrecadamos livros para a comunidade. Ao todo, conseguimos entregar cerca de 600 livros, acompanhados de uma encenação que abordava temas como a pandemia e a conscientização sobre os cuidados necessários. Essa ação foi especialmente importante tendo em vista o fato de muitas crianças terem ficado afastadas da escola durante o ano de 2020, devido à pandemia. Por meio dessa iniciativa, buscamos incentivar a leitura e proporcionar momentos de aprendizado e entretenimento para as crianças da comunidade. Além disso, contamos com a colaboração de alguns padrinhos, como Cridemar Aquino, Milton Filho, Anna Paula Black e Jana Guinol, que nos ajudaram na divulgação da campanha. Vale ressaltar que essa ação foi uma contrapartida do prêmio recebido no Edital de Ações Locais. Por meio das nossas lives online, concorremos ao prêmio de Criatividade. Além disso, ficamos muito felizes em mencionar que uma de

nossas estudantes teve a oportunidade de participar de um filme, por indicação do Projeto Teatro na Zona Norte.

No ano de 2021, iniciamos uma nova fase com a criação da Cia TZN, formada pelos participantes mais antigos do projeto. Essa iniciativa permitiu que eles apresentassem peças teatrais e cenas curtas, além de participarem de festivais renomados, como o FITU e o FETO, realizados em Minas Gerais. Tais oportunidades foram de grande importância para o crescimento e amadurecimento dos nossos jovens talentos. Além disso, realizamos mais uma edição do Natal Solidário, que teve destaque e foi noticiada no jornal O Globo, no mês de novembro de 2021. Essa ação solidária proporcionou momentos de alegria e compartilhamento de livros com a comunidade, fortalecendo os laços de solidariedade e o incentivo à leitura.

### Clube O GLOBO

As ofertas anunciadas nesta página ficam disponíveis ao longo da semana. Fique ligado com o Clube Globo e não se perca!

#### 'AUTOCUIDADO' VARIADO

A nossa catraca Nº21 oferece produtos inspirados no estilo de vida carioca: há linhas destinadas aos cuidados com a pele, mesmo em meio à rotina corrida do dia a dia, de maquiagem e outros itens. Assim, se compra com 20% OFF na Black November da Drogaesil. Saiba mais em nosso site.

#### PIZZARIA EM PETRÓPOLES

Sublime pizza leve e cremosa com 20% OFF na Piza DOC, em Petrópolis. A casa tem opções exclusivas e ingredientes de primeira.

#### SEJA VIP NO MARACANÃ

Visite a Tour Maracanã, com acompanhante, pagando R\$ 10 mais barato e com estacionamento grátis. Veja mais no site do Clube.

**ACESSE E CONFIRA!**  
Escaneie o código QR ou acesse o site do Clube e confira as ofertas de produtos e serviços. Não se perca, a oferta é limitada no tempo de validade e sujeito a alterações.

## Atriz cria em Cavalcanti o projeto Teatro na Zona Norte

Graciana Valladares dá aulas de interpretação no bairro onde mora

**B**em que a atriz Graciana Valladares buscou em sua infância ter acesso a atividades culturais em Cavalcanti. Mas apenas no campo das artes anglo-saxônicas, na verdade, no bairro onde a montadora em Artes Cênicas pela Unirio nasceu e foi criada e do qual é moradora. Para que outras crianças e adolescentes não tivessem esta mesma história no futuro, a também psicopedagoga criou o Teatro na Zona Norte, que promove oficinas de interpretação para crianças e adolescentes da comunidade e do seu entorno. As aulas são realizadas aos sábados em parceria com o Instituto Prefeitura de Promoção da Cidadania (IIPC). Os preços são populares, R\$ 30 mensais, e ainda há chance de se conseguir uma vaga gratuita caso seja comprovada a impossibilidade de pagar pelo serviço.

— Comecei praticamente sem acesso à cultura na minha infância. Comecei em 2019 para tentar transformar de alguma forma a vida de crianças e adolescentes que, como eu, amam teatro. A partir do meu trabalho como atriz, realizei uma parte do Brasil e já fui duas vezes para a China. Então aqui em Cavalcanti, meu pensamento era: qualquer lugar. É esta mensagem que

protegem para os meus alunos — diz a atriz, de 34 anos, que está em cartaz no Teatro de Cartões, no Centro, com a peça "Tremaluz".

Além das oficinas de teatro, Graciana organiza passeios para que os alunos conheçam espaços culturais em outros bairros.

— Recentemente, levei um grupo para assistir com espetáculo no Teatro Joazeiro. E percebi que essas crianças e adolescentes de Cavalcanti se sintam pertencentes à comunidade como um todo. Eu também incentivei que participem de festivais, então, que se sintam — conclui a atriz, que disponibiliza o perfil @teatronazona\_norte no Instagram, para contato.

O trabalho artístico da atriz ainda inclui o exercício de narração de histórias como parte integrante do projeto.

— É fundamental que as crianças se sintam representadas e tenham noção da importância do projeto — diz.



**Projeto.** A atriz Graciana Valladares promove oficinas culturais



**Oficinas.** A professora orienta os alunos do Teatro na Zona Norte

Mídia Social. 2021.

No ano de 2022, demos continuidade ao nosso trabalho com apresentações internas e vivemos o processo de construção de um espetáculo que tem como base a pesquisa sobre o tema do cabelo e a realidade da periferia. Estamos colocando em prática, de forma mais intensa, a técnica da contação de histórias, explorando a memória e utilizando-a como ponto de partida para resgatar a nossa identidade e transformá-la em cena teatral. Buscamos estabelecer relações entre as diferentes histórias, e as músicas têm desempenhado um papel fundamental, acrescentando imagens e transportando-nos para diversos lugares.

Na turma infantil, estamos explorando o tema "Meu cabelo conta história". As crianças compartilharam entre si as narrativas relacionadas aos seus cabelos. Em seguida, selecionaram algumas dessas histórias para encenar e refletir sobre as atitudes envolvidas. Queremos compreender por que essas situações ocorrem, como elas se desenrolam e o que pode ser feito para promover mudanças positivas. Durante esse processo, as crianças expressaram diferentes sentimentos, pois discutir questões relacionadas à pele e ao cabelo pode ser um tema sensível. No entanto, muitos se sentiram empoderados ao compartilhar suas experiências, dando voz a essas histórias e promovendo mudanças significativas.

*“Eu tinha ficado na casa do meu avô. Ele não gostava do meu cabelo. Quando minha mãe saiu, ele cortou. Fiquei muito chateado.” (Z.10 anos).*

*“Meu pai tinha o cabelo black e teve que cortar. Ele guardou na gaveta do armário e fez uma peruca. Eu até usei no dia da apresentação do Artetudes.” (L. 9 anos).*

Os relatos também se transformaram em músicas que contam um pouco da relação com o cabelo:

*“Amo meu cabelo de cachos  
Amo meu cabelo de cachos  
Coração  
Coração  
Coração”*

*“O meu cabelo é assim  
Enroladinho*

*Pretinho*  
*Olha o cabelo do Pretinho”*

*“O cabelo é meu*  
*Eu faço o que eu quiser*  
*Que mal isso tem*  
*Não estou aqui*  
*Pra agradar ninguém”*

*“Cabelo, cabelo, cabelo,*  
*Liso ou cacheado*  
*Liso ou cacheado*  
*Enrolado ou pintado.”*

Durante o processo criativo, todas as músicas foram criadas coletivamente, com letras e ritmos que surgiram a partir da realidade e experiências dos participantes. Estamos em constante descoberta e o resultado tem sido incrível. Um exemplo marcante foi quando uma menina teve seu cabelo alvo de risos por parte dos outros. Tivemos uma conversa franca sobre o assunto e, em seguida, decidimos soltar nossos cabelos, tocá-los, jogá-los para o ar e até mesmo dançar com eles. No final, refletimos sobre nossas atitudes e compartilhamos as sensações que tivemos ao soltar nossos fios. Muitos de nós sentimos uma incrível sensação de liberdade, em contraste com a vergonha e o medo que o cabelo preso poderia causar. Essa experiência nos levou a questionar o que faz com que nós os mantenhamos presos. A resposta envolveu questões como preconceito e o medo de sermos alvo de risos e críticas. Essas afirmações foram compartilhadas na roda de discussão, e, no final, todos estavam felizes e orgulhosos do que haviam conquistado juntos.

Na turma adolescente, o tema central tem sido a periferia, a Zona Norte e a realidade das favelas. Iniciamos com o questionamento: qual é o sonho da nossa comunidade? Após uma performance na feira de Cavalcanti, os participantes foram às ruas perguntar às pessoas qual era o sonho delas. Essa experiência trouxe uma inspiração ainda maior para eles e também revelou que muitos indivíduos sequer haviam refletido sobre seus próprios sonhos. Tal interação com a comunidade foi fundamental nos dois processos criativos.

A música desempenha um papel importante como elemento textual nas cenas.

Estamos trabalhando na criação coletiva de músicas que retratam as vivências nas ruas de Cavalcanti, expressando as experiências e desafios enfrentados pelos moradores. Essa abordagem colaborativa tem permitido que cada participante compartilhe suas perspectivas e contribua para a construção de um retrato autêntico e poderoso da realidade da comunidade.

*“Eu moro na Favela  
E tenho orgulho disso  
E se tu não gostou  
Vamos arrumar um rebuliço.  
Que tiro foi esse?  
Vou te contar uma história que tava indo pra escola, vi dois cara numa moto  
cada um com uma pistola.  
Todo dia ir pra escola é uma preocupação para as famílias  
Fica como? (Com o coração na mão)  
Que tiro foi esse?”*

Neste ano de 2022 também participamos da Lab Dicró com uma cena de contação de histórias que foi elaborada com as histórias vividas no Projeto.



Participação na semana pedagógica da Escola Técnica Martins Penna. 2022. Foto: Divulgação.

Apesar dos desafios enfrentados, o Teatro na Zona Norte se mantém ativo, buscando sempre proporcionar experiências enriquecedoras e transformadoras para as crianças e adolescentes da comunidade, reforçando a importância da representatividade e a construção da identidade do indivíduo desde a infância. Quais são os lugares em que me vejo representado? Onde estão os seres parecidos comigo fisicamente? Que lugar ocupam? Nas calçadas, muitos são pessoas em situação de rua, e nos noticiários, são protagonistas de roubos. Nas capas dos jornais, vítimas por conta da cor da pele, o alvo a ser exterminado.

Quando nos vemos representados em outras posições sociais, o olhar se volta também para si, com a mensagem de que é possível fazer diferente. Bell Hooks afirma:

“Também discuto como uma crítica totalizadora de ‘subjetividade, essência da identidade’ pode parecer muito ameaçadora para os grupos marginalizados, para quem a nomeação da própria identidade como parte da luta contra a dominação tem sido um gesto ativo de resistência política.” (Hooks, p.23. 2019).

A citação de Hooks destaca a importância da visibilidade e da representação positiva de pessoas negras dentro da sociedade. A ausência de imagens positivas e a sub-representação afetam a percepção e a construção da identidade das pessoas negras, resultando em uma sensação de não existência ou falta de poder. A visibilidade, nesse sentido, está diretamente relacionada ao poder e à dominação, sendo influenciada por quem detém o controle e define os padrões culturais.

### 3.2 - Teatro na Zona Norte e seus cruzamentos

Além de trabalhar mensalmente com diferentes temáticas relacionadas ao eu, o outro e a comunidade, o Teatro Zona Norte também promove projetos paralelos que enriquecem sua abordagem pedagógica e cultural.

Um desses projetos é o "Eu na tela", que visa proporcionar às crianças e adolescentes a oportunidade de atuar para ser filmado com a câmera. Em parceria com o projeto de audiovisual infantil "Cinelab Infantil", foram realizadas oficinas de cinema, em 2020, nas quais os participantes puderam criar e executar seus próprios filmes e curtas-metragens. Utilizando seus celulares e explorando as ruas de Cavalcanti, eles aprenderam sobre roteiro, filmagem e edição, exercitando sua autonomia e criatividade. O objetivo é apresentar esses vídeos à comunidade de Cavalcanti, trazendo uma nova forma de comunicação e expressão.

Outro projeto paralelo importante são os passeios culturais, que ocorrem pelo menos uma vez por semestre. Essas atividades têm como objetivo permitir que as crianças e jovens conheçam os diferentes espaços e equipamentos teatrais na cidade, ampliando sua visão e conhecimento artístico. Esses passeios proporcionam experiências enriquecedoras e contribuem para a formação cultural dos participantes, permitindo que eles explorem novas possibilidades e referências no campo das artes.

Na turma adolescente, o tema central tem sido a periferia, a Zona Norte e a realidade das favelas. Iniciamos com o questionamento: qual é o sonho da nossa comunidade? Após uma performance na feira de Cavalcanti, os participantes foram às ruas perguntar às pessoas qual era o sonho delas. Essa experiência trouxe uma inspiração ainda maior para eles e também revelou que muitos indivíduos sequer haviam refletido sobre seus próprios sonhos. Essa interação com a comunidade tem sido fundamental nos dois processos criativos em andamento.

A música desempenha um papel importante como elemento textual nas cenas. Estamos trabalhando na criação coletiva de músicas que retratam as vivências nas ruas de Cavalcanti, expressando as experiências e desafios enfrentados pelos moradores. Essa abordagem colaborativa tem permitido que cada participante compartilhe suas perspectivas e contribua para a construção de um retrato autêntico e poderoso da realidade da comunidade.

A “arte invade a rua” é uma atividade que consiste em realizar ações performáticas na comunidade, em espaços públicos, como praças, feiras e calçadas. Essas performances têm como objetivo criar uma identidade coletiva e dissolver fronteiras entre os indivíduos, utilizando recursos cênicos e dramáticos para promover interação social.

Ao realizar intervenções artísticas ou performances, podemos proporcionar o contato com outras culturas, como por exemplo, quando, após ouvirmos a lenda do Tsuru, distribuimos origamis como símbolos de paz e esperança. Essa forma de performance interativa fortalece as relações entre a comunidade e os artistas, aproximando a arte da vida cotidiana e criando uma experiência de pertencimento.



Oficina de Maracatu.2019.Foto: Viviane Valladares.

Além disso, o Teatro na Zona Norte utiliza instalações cênicas, uma forma de arte contemporânea que amplia os ambientes e os transforma em cenários. Por exemplo, os agasalhos arrecadados em uma campanha solidária são utilizados como cenário vivo durante uma apresentação. Nessa instalação, o público participa ativamente e modifica o cenário, seguindo a ordem estabelecida.

Essas ações performativas permitem que as crianças e a comunidade se envolvam de forma ativa, criando uma conexão entre a arte e a realidade, e promovendo

um impacto positivo na comunidade.



A arte invade a Rua. "Pegue seu agasalho". 2021. Praça de Cavalcanti. Foto: Viviane Valladares.

A metodologia de trabalho de projetos adotada pelo Teatro na Zona Norte evidencia a necessidade dos estudantes de interagir e se sentir pertencentes ao lugar onde vivem, transformando-o por meio da arte. Essas ações têm como objetivo trazer vida e cor a um bairro marcado pela violência e falta de oportunidades.

"A arte invade a rua" surge como uma resposta a essa necessidade, proporcionando o acesso à arte dentro de Cavalcanti, uma vez que os participantes do Teatro na Zona Norte enfrentam dificuldades para acessar os centros culturais localizados no Centro e na Zona Sul da cidade. Ao realizar performances e instalações em pontos estratégicos do bairro, busca-se a criação de um polo de referência cultural na Zona Norte, permitindo que as crianças e adolescentes apresentem suas performances à comunidade, promovendo a diversidade cultural e fortalecendo o sentido de pertencimento.

Essa atividade contribui para a construção de um espaço cultural próprio, onde a comunidade pode se expressar e valorizar sua identidade. A longo prazo, a arte se torna uma ferramenta de transformação social, proporcionando oportunidades de desenvolvimento, empoderamento e valorização da cultura local.



A arte invade a rua. Performance: “*Abrço Grátis*”, 2019. Rua Silva Vale. Foto: Viviane Valladares.



A arte invade a rua. Performance: “*Abrço Grátis*”, 2019. Rua Silva Vale. Foto: Viviane Valladares.



Natal Solidário. Arrecadação de livros para as crianças e adolescentes do bairro de Cavalcanti. 2021. Foto: Acervo Pessoal.

### **3.3. Metodologia da Pesquisa: Eu, o outro, o Espaço e a Comunidade**

Tanto na escola quanto na vida, um projeto sempre rompe com o presente e vislumbra um futuro. Carregado de planos e intenções, vai desenhando aquilo que está por vir. Se a escola deseja contribuir para a autonomia dos estudantes, é fundamental dar a eles oportunidades para "aprender a fazer", aceitar desafios, tomar decisões e realizar uma série de ações ordenadas para atingir suas metas. Isso é especialmente relevante em projetos de teatro, onde os estudantes podem explorar sua criatividade, expressão artística e desenvolver habilidades teatrais.

Ao embarcar em um projeto de teatro, os estudantes têm um espaço para experimentar, aprender e se desafiar. Por meio de atividades teatrais como jogos, exercícios de improvisação, ensaios e apresentações, os estudantes têm a oportunidade de se expressar, descobrir novas perspectivas e desenvolver confiança em si mesmo.

Além disso, os projetos de teatro incentivam os estudantes a tomar decisões, trabalhar em equipe e se comprometer com um objetivo comum. Eles aprendem a colaborar, ouvir e respeitar as ideias dos outros, enquanto contribuem com suas próprias habilidades e talentos. Essa experiência de trabalho em grupo fortalece habilidades sociais e emocionais importantes, como comunicação eficaz, resolução de problemas e empatia.

Ao longo do projeto, os estudantes são desafiados a superar obstáculos, aperfeiçoar suas habilidades e alcançar um resultado final. Essa jornada os capacita a assumir responsabilidade por seu próprio aprendizado, definir metas pessoais e buscar o crescimento contínuo. Eles desenvolvem uma mentalidade de aprendizado, persistência e resiliência, características essenciais para sua autonomia e sucesso, tanto no teatro quanto em outras áreas da vida.

Portanto, ao proporcionar oportunidades para que os estudantes "aprendam a fazer" por meio de projetos de teatro, a escola está capacitando-os a se tornarem indivíduos autônomos, criativos e confiantes, prontos para enfrentar os desafios do presente e construir um futuro promissor.

Assim sendo, os sujeitos da Pesquisa serão crianças e adolescentes do Projeto Social e Artístico do Teatro na Zona Norte localizado no bairro periférico de Cavalcanti.

A Espiral de Desenvolvimento: eu, o outro, o espaço e a comunidade permeia o planejamento de aulas do Projeto Teatro na Zona Norte. A cada mês, as atividades se concentram nesses quatro eixos relacionáveis, proporcionando um conhecimento em forma de espiral, em constante crescimento e expansão de si no mundo.

- Eu: São realizadas atividades voltadas para o autoconhecimento, fortalecimento da autoestima, exploração das potencialidades e enfrentamento de desafios internos, buscando a compreensão da subjetividade individual.

- O Outro: Ao conhecermos a nós mesmos, podemos aprender a nos reconhecer nesse outro ser. Nesse sujeito que interage conosco, nos reflete ou nos repulsa. A partir desse encontro, também estamos trabalhando a nós mesmos, estabelecendo um espelhamento e ampliando nossa compreensão das relações interpessoais.

- O Espaço: Ambos, eu e o outro, compartilhamos um espaço. Esse espaço nos envolve, nos liberta, nos aprisiona e nos transforma. É através da exploração desse espaço físico e simbólico que compreendemos a influência do ambiente em nossas vidas e em nossas relações.

- A Comunidade: O espaço individual se insere em uma comunidade que engloba diversos outros espaços. Essa comunidade contém espaços internos e externos, é um complexo de relações e molda nossa identidade. É nesse contexto comunitário que buscamos entender a interdependência entre nós mesmos, o outro e o espaço, reconhecendo a importância da coletividade e do cuidado com o ambiente em que vivemos.

Dessa forma, a Espiral de Desenvolvimento proporciona uma jornada contínua de aprendizado, autoconhecimento e conexão com o mundo ao nosso redor, estimulando o crescimento pessoal e a consciência social dos participantes do Projeto Teatro na Zona Norte.

As atividades são propostas de acordo com os temas que se somam ao longo do tempo. Cada tema complementa o outro e nos ajuda a nos completar, formando cidadãos plenos e críticos da sociedade. Buscamos ensinar para transgredir, como afirma Bell Hooks. Paulo Freire ressalta a importância de educar para a liberdade, resgatando o que muitas vezes é negado. No Projeto Teatro na Zona Norte, valorizamos a voz de cada sujeito e construímos uma comunidade dentro da sala de aula, especialmente considerando que a maioria dos participantes são pessoas periféricas e negras. Aprender a escutar o outro é um exercício de reconhecimento, em que percebemos a riqueza do contexto multicultural e aprendemos a aceitar e valorizar as diferenças.

A educação transformadora do Teatro Zona Norte é baseada na ideia de partir de si mesmo para alcançar o mundo. O projeto é organizado em etapas que visam não apenas o desenvolvimento artístico, mas também o crescimento pessoal e social dos estudantes. Os projetos são diversificados e adaptados com base nas escutas dos participantes, garantindo uma abordagem personalizada e inclusiva.

A metodologia "Eu, o outro, o Espaço e a Comunidade" é central no projeto, mas com uma abordagem decolonial e afrocentrada. Por meio de jogos interativos de teatro com influência da cultura negra, busca-se promover o autoconhecimento, a empatia pelo outro e a interação com o espaço que faz parte da comunidade. O objetivo é provocar a transformação do que é considerado ultrapassado e pouco democrático, abrindo espaço para a esperança e a transformação por meio do teatro.



Roda de conversa do início da aula. Instituto Presbiteriano de Promoção à Cidadania. 2019.

### **3.4 -Relato de Caso : TZN na minha vida**

Em um sábado pela manhã, foi feita a seguinte pergunta: qual história o seu cabelo guarda?

Essa pergunta me fez refletir sobre a relação entre o meu cabelo e a minha identidade. Passei a pensar em todas as memórias, experiências e sentimentos que estão entrelaçados nos fios do meu cabelo.

Ao participar do projeto Teatro Zona Norte, tive a oportunidade de explorar essa questão de forma criativa e significativa. Durante as atividades voltadas ao autoconhecimento, a minha turma discutiu sobre as histórias que nossos cabelos contam e como eles são parte importante da nossa identidade cultural.

Cada um de nós compartilhou suas vivências e percepções pessoais. Ouvimos histórias de superação, resistência e orgulho relacionadas aos cabelos crespos, cacheados, trançados e alisados. Percebi que o cabelo carrega consigo uma carga simbólica muito poderosa, conectada à nossa ancestralidade, às nossas raízes e à luta por igualdade e aceitação. Por meio de exercícios teatrais, pude expressar e representar essas histórias de forma artística. Foi emocionante ver como cada participante encontrou sua voz e se sentiu empoderado ao compartilhar suas experiências. Através do teatro, aprendemos a valorizar a diversidade capilar e a desconstruir padrões de beleza impostos pela sociedade.

Hoje, muitas crianças têm admirado seu cabelo com orgulho e gratidão, sabendo que ele é muito mais do que apenas fios. Ele carrega histórias, resistência e uma beleza única que me conecta com a minha comunidade e com a minha cultura. O Teatro na Zona Norte foi um divisor de águas na minha vida, permitindo-me abraçar minha identidade capilar e celebrar quem eu sou.

Certo dia, uma criança trouxe à tona uma história dolorosa e impactante sobre o bullying que sofreu na escola por causa de sua trança nagô. G. compartilhou sua experiência, dizendo: "eu estava na escola, com a trança nagô. Aí, me bateram, arrancaram meu cabelo completamente. Eu tive que ir para o hospital, até hoje tenho marcas. Eu poderia falar mais detalhes, mas se falar eu vou chorar."

A reação das outras crianças foi de choque e incredulidade, com uma delas exclamando: "quê? Cara, arrancaram seu cabelo!". As crianças ficaram curiosas e pediram para que G. contasse mais sobre o ocorrido. Ele revelou: "esses 3 meninos que

me bateram eram os meus melhores amigos da minha vida. Eles me chamaram de menininha. As professoras falaram com eles."

Após o relato, as crianças continuaram compartilhando suas próprias histórias. Alguns dias depois, durante um ensaio no palco, a mãe de G. chegou e confirmou a veracidade da história, revelando o impacto emocional que isso teve em seu filho. G. questionou: "será que não posso ter o cabelo do jeito que gosto? Tem que ser do jeito que os outros aceitam?"



Apresentação de final de semestre. 2020. IPPC. Foto: Aron.

A história de G. nos faz refletir sobre a necessidade de combater o preconceito, promover a educação inclusiva e fortalecer a autoestima das crianças. O Teatro na Zona Norte desempenha um papel fundamental ao proporcionar um ambiente seguro e acolhedor, onde as vozes das crianças são ouvidas e suas histórias são valorizadas. É um lembrete de que, por meio do teatro e de projetos educacionais transformadores, podemos trabalhar para criar uma sociedade mais justa, inclusiva e empática, onde cada indivíduo possa ser livre para ser quem é e celebrar sua identidade, incluindo a forma como escolhe expressar seu cabelo. Referência e representatividade no ensino são fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças. Em um momento significativo, E. compartilhou um pedido com seu pai:

“Pai, me deixa ir na janela do carro. Quero sentir meu cabelo.”

Essa simples afirmação de E. reflete a importância de reconhecer e valorizar a própria identidade, incluindo características como o cabelo. Através desse desejo, E. expressa a necessidade de se conectar com suas raízes, de sentir a liberdade e a individualidade que seu cabelo representa.

A construção da identidade não se limita apenas na relação consigo mesmo, mas também se estende às interações com os outros. Quando somos incapazes de cultivar empatia e reconhecer as diferenças como fontes de enriquecimento e aprendizado, corremos o risco de causar danos físicos e emocionais, tanto para nós mesmos como para os demais. Portanto, é crucial promover um ambiente educacional que valorize a diversidade, incentivando o respeito mútuo, a inclusão e a celebração das singularidades de cada indivíduo. Ao fazer isso, estamos contribuindo para a formação de crianças e jovens saudáveis, confiantes e capazes de enfrentar os desafios do mundo com compreensão, aceitação e empatia.

Como bem aponta Grada Kilomba, a diferença muitas vezes é interpretada como uma marca de invasão. No caso de G., seus colegas sentiram-se no direito de tocar, puxar e arrancar os cabelos dele. É importante notar que essa atitude provavelmente não seria tomada em relação a um cabelo que não fosse crespo. A ideia de ter um cabelo diferente é considerada exótica, mas devemos questionar: diferente de acordo com o olhar de quem?

Essa reflexão nos leva a compreender que a noção de diferença é construída socialmente e está enraizada em padrões e estereótipos das culturas dominantes. Cabelos crespos, por exemplo, são frequentemente marginalizados e submetidos à discriminação devido a uma visão estereotipada de beleza e aceitação. Essa visão é influenciada por padrões eurocêtricos que privilegiam determinados tipos de cabelo.

É essencial desafiar essa narrativa e promover a valorização e aceitação de todas as formas de cabelo, reconhecendo a diversidade como algo natural e enriquecedor. Devemos questionar os padrões impostos e desenvolver um olhar crítico em relação à diferença, percebendo que a verdadeira riqueza está na multiplicidade de experiências e identidades. Ao reconhecer a subjetividade do olhar sobre a diferença, podemos construir uma sociedade mais inclusiva, onde todas as formas de expressão e identidade

sejam respeitadas e valorizadas. É um processo contínuo de desconstrução de preconceitos e promoção da igualdade, que deve ser cultivado em todos os espaços, inclusive na educação.

Os penteados de inspiração africana se tornaram um símbolo de conscientização e resistência política, pois, durante muito tempo, fomos ensinados a acreditar que nossos cabelos deveriam ser alisados com produtos fabricados por indústrias europeias, e eles eram chamados de "cabelo ruim". Isso representava uma forma de controle e apagamento dos sinais de negritude e características afrodescendentes. No entanto, transmitem uma mensagem de fortalecimento étnico e um protesto contra a opressão racial.

Quando G. entrou no Teatro na Zona Norte, o tema do cabelo era abordado e ele se sentiu seguro para compartilhar sua história. E não apenas isso, ele foi capaz de transformá-la em uma cena e música. Observar G., com tanta propriedade, contar sobre sua vivência, nos mostra um processo de cura através do teatro, que, como forma de expressão artística e de resistência, permite que indivíduos como G. encontrem um espaço seguro para compartilhar suas experiências, traumas e vivências. Através da arte, eles podem transformar suas histórias em narrativas poderosas que ajudam na cura emocional e na conscientização social.

No Teatro na Zona Norte, G. encontrou um ambiente acolhedor, onde seu cabelo e sua história são valorizados e celebrados. O teatro se tornou uma ferramenta para ele explorar sua identidade, enfrentar os desafios que enfrentou e reivindicar sua voz. É um testemunho do poder transformador da arte e da importância de espaços seguros em que as vozes marginalizadas podem ser ouvidas e empoderadas.

## **Considerações finais:**

A experiência do Teatro na Zona Norte é um exemplo inspirador de como a arte pode ser uma poderosa ferramenta de transformação e empoderamento, oferecendo oportunidades de crescimento pessoal, resgate de identidades e construção de comunidades mais inclusivas e conscientes. Ao abordar temas como o cabelo, representatividade e a construção de identidade, o projeto proporciona um ambiente seguro e inclusivo para crianças e adolescentes expressarem suas experiências, compartilharem suas histórias e se reconhecerem como agentes de mudança.

Ao longo do relato de caso, vimos como o teatro possibilitou que crianças como G. e E. encontrassem uma voz e uma forma de cura. Suas histórias revelam não apenas os desafios enfrentados, mas também a resiliência e a força que encontraram ao se expressarem artisticamente.

A referência e representatividade no ensino, aliadas a uma pedagogia descolonial e afrocentrada, são fundamentais para o desenvolvimento pleno dos estudantes. O projeto do Teatro na Zona Norte vai além do ensino de técnicas teatrais. Ele busca promover a autonomia, a consciência crítica e a valorização da diversidade cultural.

O relato de caso nos mostra como o Teatro na Zona Norte se tornou um refúgio para crianças e adolescentes periféricos, negros/as e marginalizados/as, permitindo que eles se reconheçam, valorizem suas identidades e expressem suas vivências de forma artística e empoderada.

Através das performances, instalações, projetos paralelos e a interação com a comunidade, o Teatro na Zona Norte cria um espaço de encontro, reflexão e transformação. A importância do trabalho realizado vai além das habilidades artísticas, alcançando o âmbito pessoal e social dos participantes.

"Minha professora tem o cabelo igual ao meu" é uma dissertação que enaltece a importância da representatividade. Durante o processo de pesquisa, pude vivenciar um momento de autoconhecimento e crescimento pessoal. Como uma mulher negra e periférica, enfrentei diversos desafios e obstáculos ao longo da vida. Viver em um ambiente de exclusão constante poderia ter me desencorajado, mas resisti para fazer a minha existência ser reconhecida.

Contar essa história e ouvir as narrativas das crianças que me veem como uma referência de "celebridade", uma mulher a ser admirada e seguida como exemplo, tem sido uma experiência gratificante. Através do meu trabalho como professora e do projeto Teatro na Zona Norte, tenho a oportunidade de impactar positivamente a vida dessas crianças e continuar transformando pequenos mundos.

A vida é feita de ciclos, e agora já estou cursando a universidade, dando continuidade à minha jornada de aprendizado e transformação. Através da minha trajetória e do projeto, tenho a convicção de que é possível romper com o que foi imposto e construir um futuro melhor.

Que essa dissertação sirva como um testemunho do poder da representatividade e do empoderamento. Ao compartilhar nossas histórias e lutar por uma sociedade mais inclusiva, estamos contribuindo para a quebra de barreiras e a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Seguimos adiante, fortalecidos pela resiliência e pela determinação de fazer a diferença. Que cada ciclo de nossa vida seja um baobá, enraizado na transformação e no amor. Juntos, podemos criar um futuro onde todos tenham a oportunidade de florescer e serem valorizados.

Nunca desistirei de lutar por essa causa, pois acredito no poder da educação e da representatividade como ferramentas para a mudança. Vamos continuar rompendo com o que nos foi imposto e construindo um mundo onde cada voz seja ouvida e cada pessoa seja valorizada em sua plenitude.

## Bibliografia:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BORGES, Rosane da Silva. Sueli Carneiro, Coleção Retratos do Brasil Negro. Editora: Selo Negro, 2019.

BRASIL, Luiza. (2022). Representatividade importa e pertencimento humaniza.

BRITO, Clarissa. O enegrecer psicopedagógico: Um mergulho ancestral. São Paulo: Jandaíra, 2021.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. 1ª edição. Editora 34, 2000.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. Acesso em: 07/07/2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DOUXAMI, Christine. Teatro Negro: A realidade de um sonho sem sono. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/afroasia/article/viewFile/21016/13616>. Acesso em: 07/07/2018.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. 1ª edição. Editora Global, 2006.

HOOKS, Bell. Educação democrática. In Educação contra a barbárie. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, Bell. Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: Novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação- Episódios de racismo cotidiano; tradução Jess Oliveira – 1ª ed. – Rio de Janeiro; Cobogó, 2019.

KOUDELA, Ingrid. Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LOPES, Nei. O racismo explicado aos meus filhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antônio. Filosofias africanas: uma introdução. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MENDES, Miriam Garcia. O negro e o teatro brasileiro. (entre 1889 e 1982) São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

MENDES, Miriam Garcia. A personagem negra no teatro brasileiro, entre 1838 e 1888. São Paulo: Ática, 1982.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. Estud. av., Abr. 2004, vol.18, no.50, p.209-224. ISSN 0103-4014 Acesso dia 07/07/18 às 15:12 [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100019&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100019&script=sci_arttext)

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: um processo de racismo mascarado. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo; documentos de uma militância pan-africanista. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. GÁ, Luiz Carlos. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NOGUERA, Renato e BARRETO, Marcos. Infanciação, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *child.philo* [online]. 2018, vol.14, n.31, pp.625-644. Epub 17-Maio-2019. ISSN 1984-5987. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.36200>.

NUNLEY, Patricia. NGOLO: (Re) lembrando a criança afro-americana como norma para o poder de autocura. Tradução para fins didáticos; Roberta Federico. Novembro, 2020. Acesso: (PDF) NGOLO: (Re)membering the African American Child as a Normative for Self-Healing Power (researchgate.net)

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RATTS, Alex.RIOS, Flavia. Lélia Gonzales. São Paulo. Selo Negro, 2010.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. A difícil democracia, reinventar as esquerdas. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo; Educ./FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SEMOG, Éle. Abdias Nascimento: o griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVA, Alberto da Costa. A África explicada aos meus filhos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SILVA, Júlio Claudio da. Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza. Manaus: UEA Edições, 2017.

SILVA, Maria Helena Ferreira Xavier da. Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Org. Givânia Maria da Silva, Romero Antônio de Almeida Silva, Selma dos Santos Dealdina, Vanessa Gonçalves da Rocha. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SILVA, Wilson Honório da. O mito da democracia racial: um debate marxista sobre raça, classe e identidade. São Paulo: Sunderman, 2016.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRINDADE, Loretto da Azoilda. Reinventando a roda: Experiências Multiculturais de uma educação para todos. Africanidades brasileiras e educação, 2013.

## LINKS DE VÍDEOS;

Precisamos romper com os silêncios | Djamila Ribeiro | TEDxSaoPauloSalon

<https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>

Eu Empregada Doméstica | Preta Rara | TEDxSaoPaulo

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_d\\_n-z3s8Lo](https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo)

Tá bom pra você? | Kenia Maria | TEDxSaoPauloSalon

<https://www.youtube.com/watch?v=bLkLaQVuRd8>

Projeto Memória - Lélia Gonzalez: o feminino negro no palco da história

<https://www.youtube.com/watch?v=7YYdb6Cl-Mk>

Site: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-teatro-experimental-negro-de-abdias-nascimento/>

Adichie, Chimamanda. *O perigo de uma única história* TED Legendado

PT-BR. Disponível em :

<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuW8>

Acesso dia 14/10/2018.

A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano: inserção marcada pela dupla discriminação. Estudos Pesquisas. Ano II. Número 14. Novembro de 2005

[https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq14112005\\_mulhernegra.pdf](https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq14112005_mulhernegra.pdf)

Afrocentricidade

**Dr. Molefi Kete Asante Tradução Renato Nogueira Jr.**

[afrocentricidade-molefi-k-asante.pdf \(wordpress.com\)](#)

Raça na Antiguidade: Na verdade, proem da África

[Modelo artigo AESA \(wordpress.com\)](#)

Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental:  
Introdução a uma Ideia

[molefi\\_kete\\_asante -  
afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental. introdução a  
uma ideia.pdf \(weebly.com\)](#)

ASANTE, M. Ensaios Filosóficos, Volume XIV– Dezembro/2016  
\_\_\_\_\_<sup>1</sup> Professor e chefe do Departamento de Estudos Afro-  
Americanos da Universidade de Temple, Estados Unidos. Email:  
masante@temple.edu Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico  
Ocidental: Introdução a uma Ideia Molefi Kete Asante<sup>1</sup> Tradução: Renato  
Noguera, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carm

## ANEXO 1:

### Cronograma Histórico:

#### \*2019

Prêmio Ações Locais

Prêmio Incentivo - Festival As Lucianas

Mentoria - Oi Futuro

Apresentações do Teatro Armando Gonzaga

UNIRIO - Aula Técnica na sala Paschoal Carlos Magno (Palcão)

Artetudes

Performance na Rua - Abraço Grátis; Varal Solidário, Entrega de Tsurus

Pintando o Sete

#### \*2020

Aulas online

*Lives* com artistas Negros

Prêmio Criatividade

Natal Solidário 1 - Praça de Cavalcanti

Sarau online

#### \*2021

\*Varal Solidário

\*Pimpolhos da Grande Rio

\*Show de Talentos

\* Natal Solidário 2

\* Visita ao Teatro Ipanema

\*Passeio no Parque de Madureira

\*Passeio na Trilha da Urca

\*Campanha um Teatro para o Teatro na Zona Norte

### **Cia TZN:**

Participação no FITU

Participação no FETO

#### 2022

\*Aniversário do Teatro Zona Norte - 3 anos

\*Artetude: Juventude Carioca; Thais Lima (palhaçaria);

\*Sarau com artista convidados

\* Edital de Ocupação: Lab- Dicro

\* Apresentação Parque das Ruínas- Teatro Ruth de Souza - Meu cabelo conta história e Os sonhos da favela

- \* Performance “Qual é seu sonho?”
- \* Apresentação no Entre Lugares na Maré
- \* Festival de Niterói
- \* FETO
- \* Semana pedagógica- Martins Penna
- \* UNIRIO

\*2023

Entrevista para o Bom Dia Rio  
 Prêmio Ciclomáticos- Pesquisa no Trabalho de Teatro com Adolescente  
 Indicação Júri Popular  
 Festival Meier- Menção Honrosa  
 Aniversário de 4 anos do Projeto  
 Apresentação Centro Cultural Odyla – Praça Seca  
 Primeira estudante do Projeto passa para UNRIO

## Anexo 2 – Registros

Ministério do Turismo  
e Associação no Atol  
apresentam:

EXPERIMENTO CÊNICO | EXPERIMENTO CÊNICO | EXPERIMENTO CÊNICO  
EXPERIMENTO CÊNICO | EXPERIMENTO CÊNICO | EXPERIMENTO CÊNICO

**2º FETO**

**TEATRO NA ESCOLA** online

**Sonhos de Favela**

Teatro na Zona Norte  
Rio de Janeiro/RJ

sexta-feira  
**21.10 | 14h**  
no **centralFETO**  
Gratuito

APRESENTADO POR  
**funarte**

REALIZAÇÃO  
**NO ATO!**

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO

Divulgação FETO 2022. Foto: Nando Machado.



Apresentação online - FETO 2021 Foto: Graciana Valladares.



Roda de conexão. 2020. Foto: Maicon Valladares.



Dia de Apresentação. 2019. Foto: Graciana Valladares.



Aula técnica no Teatro Ipanema. 2021. Foto: Maria das Graças Valladares.

Link de Vídeos:

Entrevista no G1:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/bom-dia-rio/video/projeto-teatro-zona-norte-transforma-jovens-de-comunidades-do-rio-em-atores-11482639.ghtml>

Apresentando o Teatro na Zona Norte - Canal com vídeos das dinâmicas e apresentações:

<https://www.youtube.com/channel/UCCZQxeiwq8NywwOhjmeSUiQ>

Depoimentos:

<https://www.youtube.com/watch?v=0sQuXnHfxwM>

[https://www.youtube.com/watch?v=zs\\_SzBIFDxA](https://www.youtube.com/watch?v=zs_SzBIFDxA)